



3 1761 07472721 5

EDIÇÃO POPULAR

COMEDIAS

DE

LUIZ DE CAMÕES

- I. ELREI SELEUCO
- II. OS AMPHITRIÕES
- III. FILODEMO



H&SS

A

6244

EDITOR — A. L. LEITÃO

76, 2.º — Rua Augusta — 76, 2.º

LISBOA — 1880



EDIÇÃO POPULAR

PARA COMMEMORAR O TRICENTENARIO

DE

LUIZ DE CAMÕES

PRINCIPE DOS POETAS PENINSULARES

PRINTED BY


THE UNIVERSITY PRESS

1911

THIS IS THE FIRST

COMEDIAS  
DE  
LUIZ DE CAMÕES


— —  
EDITOR  
A. L. LEITÃO

  
LISBOA  
Typographia Luso-Hespanhola  
35, Travessa do Cabral, 35

Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

COMEDIAS  
DE  
LUIZ DE CAMÕES

— —  
EDITOR  
A. L. LEITÃO

  
LISBOA  
Typographia Luso-Hespanhola  
35, Travessa do Cabral, 35

TORONTO

PLIN FOR CHAIRS



1105266



# ELREI SELEUCO

---

## INTERLOCUTORES

### **Do Prologo**

O Mordomo, ou Dono da Casa.

Martim Chinchorro. — Ambrosio, Escudeiro.

Lançarote, Moço.

### **Da Comedia**

El-Rei Seleuco. — A Rainha Estratonica.

O Principe Antiocho. — Leocadio, Pagem do Principe Antiocho.

Frolaita, Criada da Rainha Estratonica.

Hum Forteiro da Cana. — Huma Moça da Camara.

Hum Physico, ou Medico. — Sancho, Moço do Physico.

Alexandre da Fonseca, hum dos Musicos.

## PROLOGO

*Diz logo o Mordomo, ou Dono da Casa.*

Eis, Senhores, o Autor, por me honrar nesta festival noite, me quiz representar huma Farça ; e diz, que por não se encontrar com outras já feitas, buscou uns novos fundamentos para a quem tiver hum juizo assi arrazoado satisfazer. E diz que quem se della não contentar, querendo outros novos acontecimentos, que se vá aos soalheiros dos Escudeiros da Castanheira, ou de Alhos Vedros e Barreiro, ou converse na Rua Nova em casa do Boticario ; e não lhe faltará que conte. Porém diz o Autor que u' ou nesta obra da maneira de Isopete. Ora quanto á obra, se não parecer bem a todos, o Autor diz que entende della menos que todos os que lha puderem emendar. Todavia, isto he para praguentos: aos quaes diz que responde com hum dito de hum Philosopho, que diz: *Vós outros estudastes para praguejar, e eu para desprezar praguentos.* Eu com tudo quero saber da Farça, em que ponto vai. Lançarote?

Moço

Senhor.

Mordomo

São já chegadas as figuras?

Moço

Chegadas são ellas quasi ao fim de sua vida.

Mordomo

Como assi ?

Moço

Porque foi a gente tanta, que não ficou capa com friza, nem talão de çapato, que não sahisse fóra do couce. Ora vierão huns embuçadetes, e quizerão entrar por força ; ei-lo arrancamento na mão : derão huma pedrada na cabeça ao Anjo, e rasgárão huma meia calça ao Ermitão ; e agora diz o Anjo que não ha de entrar, até lhe não darem huma cabeça nova, nem o Ermitão até lhe não pôrem huma estopada na calça. Este pantufo se perdeu alli ; mande-o v. m. Domingo apregoar nos pulpitos ; que não quero nada do alheio.

**Mordomo**

Se elle fôra outra peça de mais valia, tu botáras a consciencia pela porta fóra, para o metteres em tua casa.

**Moço**

Oh ! se o elle fôra, mais consciencia seria torná-lo a seu dono, quem o havia mister para si.

**Mordomo**

Ora vem cá : vai daqui a casa de Martim Chinchorro, e dize-lhe que temos cá Auto com grande fogueira ; que se venha sua mercê para cá, e que traga consigo o Senhor Romão d'Alvarenga, para que sôbre o Canto-chão botemos nosso contra-ponto de zombaria. Ouves, Lançarote ? ir-lhe-has abrir a porta do quintal, porque mudemos o vinte aos que cuidão de entrar por força.

*Indo-se o Moço diz :*

Chichelo de Judeo, assi como foste pantufo, que te custava ser huma bolsa com hum par de reales, que são bons para Escudeiro hypocrita ; que são pouco, e valem muito ?

**Mordomo**

Moço, que estás fazendo que não vás ?

**Moço**

Senhor, estou tardando, e porém estou cuidando que se agora fôra aquelle tempo, em que corrião as moedas dos sambarcos, sempre deste tiraria para humas palmilhas. Mas já que assi he, diga-me v. m. que farei deste ?

**Mordomo**

Oh fideputa bargante ! esperae, que est'outro vo-lo dirá.

*Faz que lhe atira com outro pantufo; vai-se o Moço, e diz o Mordomo:*

Não ha mais máo conselho, que ter um villão d'estes mimoso, porque logo passão o pé além da mão, e zombão assi da gravidade de seu amo. Mas tornando ao que importa ; vossas mercês he necessario que se cheguem huns para os outros, para darem lugar aos outros Senhores que hão de vir ; que de outra maneira, se todo o corro se ha de gastar em palanques, será bom mandar fazer outro alvalade ; e mais, que me hão de fazer mercê, que se hão de desembuçar, porque eu não sei quem me quer bem, nem quem me quer mal : este só desgôsto tõe hum Auto,

que he como officio de Alcaide; ou haveis deixar entrar a todos, ou vos hão de ter por villão ruim.

*Entra Martim Chinchorro, fallando com o Escudeiro Ambrosio, e diz:*

Martim

Entre v. m.

Ambrosio

Dias ha, Senhor, que ando de quebras com cortezias; e por isso vou diante. Beijo as mãos a v. m. A verdade he esta, passear em casa juncada, fogueira com castanhas, mesa posta com alcatifa e cartas; além disto Auto para esgaravatar os dentes: esta he a vida, de que se ha de fazer consciencia.

Mordomo

Senhor, o descanço dizem lá, que se ha de ter em quanto homem puder. porque os trabalhos, sem os chamarem, de seu se vem por seu pé, que seu nome he.

Martim

Ora pois, Senhor, o Auto que tal dizem que he? Porque hum Auto enfadonho traz mais somno consigo que huma pregação comprida.

Mordomo

Senhor, por bom mo vendêrão, e eu o tomei á cala de sua boa fama. E se tal he, eu acho que, por outra parte, não ha tal vida, como ouvir hum villão, que arranca a fallia da garganta, mais sem sabor que huma pera-pão, e huma donzella, que vem podre de amor, fallando como Apostolo, mais piedosa que huma lamentação.

Martim

Para estes taes he grande peça rapaz travesso com mólho de junco, porque não andem mais ao coseorrão, mais roucos que huma cigarra, trazendo de si enfadamento.

Moço

Ó lá Senhoras; pedem as figuras alfinetes para toucarem hum Escudeiro. Ora sus, ha hi quem dê mais? que ainda vos veja todas a mim ás rebatinhas: ora sus, venhão de mano em mano, ou de mana em mana.

Mordomo

Moço, falla bem ensinado.

Moço

Senhor, não faz ao caso; que os erros por amores tõe privilegio de oedeiro.

**Ambrosio**

Ó rapaz, não me entendes? Pergunto-te se tardarão muito por entrar.

**Moço**

Parece-me, Senhor, que antes que amanheça começarão.

**Ambrosio**

Oh que salgado moço! Zombas de mi? Vem cá. Donde és natural?

**Moço**

D'onde quer que me acho.

**Ambrosio**

Pergunto-te onde nasceste.

**Moço**

Nas mãos das parteiras.

**Ambrosio**

Em que terra?

**Moço**

Toda a terra he huma; e mais eu nasci em casa assobradada, varrida daquella hora, que não havia palmo de terra nella.

**Martim**

Bem varrido de vergonha que me tu pareces. Dize: Cujo filho és? He para vêr com que disparate respondes.

**Moço**

A fallar verdade, parece-me a mi, que eu sou filho de hum meu tio.

**Martim**

Vem cá. De teu tio! E isso como?

**Moço**

Como? Isto, Senhor, he adivinhação, que vossas mérces não entendem. Meu pae era Clerigo, e os Clerigos sempre chamão aos filhos sobrinhos; e daqui me ficou a mi ser filho de meu tio.

**Martim**

Ora te digo que és gracioso. Senhor, donde houvêstes este?

**Mordomo**

Aqui me veio ás mãos sem piós nem nada; e eu por gracioso o tomei; e mais tõe outra cousa, que huma trova fa-la tão bem como vós, ou como eu, ou como o Chiado.

**Ambrosio**

Não! quanté disso nós havemos-lhe de vêr fazer alguma cousa, em quanto se vestem as figuras. Aindaque, para que he mais Auto, que vêrmos a este?

**Mordomo**

Vem cá, moço: dize aquella trova que fizeste á moça Briolanja, por amor de mi!

**Moço**

Senhor, si, direi; mas aquella trova não he senão para quem a entender.

**Martim**

Como! tão escura he ella?

**Moço**

Senhor, assi a fiz e a escrevi na memoria, porque eu não sei escrever senão com carvão; e porém diz assi:

Por amor de vós, Briolanja,  
Ando eu morto,  
Pezar de meu avô torto.

**Martim**

Oh como he galaute! Que descuido tão gracioso! Mas vem cá: que culpa te tõe teu avô nos desfavores que te tua dama dá?

**Moço**

Pois, Senhor, se eu houve de pezar de alguém, não pezarei eu antes dos meus parentes, que dos alheios?

**Mordomo**

Pois oução vossas mercês a volta; que he mais cheia de gavetas, que trombeta de Serenissimo de la Valla.

**Moço**

A volta, Senhores, he mui funda; e parece-me, Senhores, que nem de mergulho a entenderão. E por isso mandem assoar os engenhos, e

metão mais huma sardinha no entendimento; e póde ser que com esta servilha lhe calçará melhor: e todavia palra assi:

Vossos olhos tão daninhos  
 Me tratârão de feição,  
 Que não ha em meu coração  
 Em que atem dous réis de cominhos.  
 Meu bem anda sem focinhos  
 Por vós morto,  
 Pezar de meu avô torto.

**Martim**

Ora bem : que tõe de vêr os cominhos com o teu coração?

**Moço**

Pois, Senhores, coração, bofes, baço e toda a outra mais cabedella, não se pódem comer senão com cominhos: e mais, Senhores, minha dama era tendeira; e este he o verdadeiro entendimento.

**Martim**

E aquella regra que diz, *Meu bem anda sem focinhos*, me dá tu a entender; que ella não dá nada de si.

**Moço**

Nunca vossas mercês ouvirão dizer: *Meu bem e meu mal lutárão hum dia; meu bem era tal, que meu mal o vencia?* Pois d'esta luta foi tamanha a quáda que meu bem deo entre humas pedras, que quebrou os focinhos; e por ficarem tão esfarrapados, que lhe não podião botar pedaço; por conselho dos Physicos lhos cortárão por lhe nelles não saltarem erpes; e daqui ficou: *Meu bem anda sem focinhos*, como diz o texto.

**Ambrosio**

Tu fazes ja melhores argumentos, que moços de estudo por dia de S. Nicoláo.

**Martim**

Senhor, aquillo tudo he bom engenho: este moço he natural para Logico.

**Moço**

Que, Senhor! Natural para loja! Si, mas não tão fria como vossas mercês.

**Mordomo**

Parece-me, Senhor, que entra a primeira figura. Moço, mete-te aqui por baixo desta mesa, e ouçamos este Representador, que vem mais amarrotado dos encontros, que hum capuz rôxo de piloto que sahe em terra, e o tira da arca de cedro.

**Martim**

Senhor, elle parece que aprende a cirurgiaão.

**Ambrosio**

Mais parece ourinol capado, que aub a de amores com a menina dos olhos verdes.

**Mordomo**

Emfim, parece figura de Auto em verdade.

*Entra o Representador*

He lei de direito, assaz verdadeira,  
 Julgar por si mesmos aquillo que vem ;  
 Peloque, se cuidão que zombo de alguém;  
 Eu cuido que zombão da mesma maneira.

E assi a qualquer parece que está mais dobrado, sem nenhum conhecer seu proprio engano, por grande que seja. Ora, senhores, a mim me esquece o dito todo de ponto em claro: mas não sou de culpar, porque não ha mais que tres dias que mo derão. Mas em breves palavras direi a vossas mercês a summa da obra: ella he toda de rir, do cabo até á ponta. Entrarão logo primeiramente quinze donzellas que vão fugidas de casa de seus paes, e vão com cabazes apanhar azeitona; e traz ellas vem logo oito mundanos, metidos em hum covão, cantando: *Quem os amores tõe em Cintra*; e depois de cantarem farão huma dança de espadas; cousa muito para vêr: entra mais El-Rei D. Sancho bailando os machatins, e entra logo Catharina Real com hums poucos de paryos n'huma joeira; e semeá-los-ha pela casa, de que nascerá muito mantimento ao riso. E nisto feneçerá o Auto, com musica de choallo e buzinhas, que Cupido vem dar a huma alfelocira a quem quer bem; e ir-se-hão vossas mercês cada hum para suas pousadas, ou consoarão cá comnosco disso que ahí houver. Ora pois ficareis *in vanum laboraverunt*, porque atégora zombei de vós. por me forrar do erro da representação. como quem diz, *digo-to, antes que mo digas*.

**Ambrosio**

Ora vos digo, Senhores, que se as figuras são todas taes, que acertarião em errar os ditos; ainda que me parece que este o não fez, senão a ser mais galante. Mas se assi he, ella é a melhor invenção que eu vi; porque jágora representações, todas he darem por praguentos; e são tão certas, que he melhor errá las, que acertá-las.

**Mordomo**

Parece-me que entrão as figuras de siso: vejamos se são tão galantes na prática, como nos vestidos.



*Entra El-Rei Seleuco, com a Rainha Estratonica.*

**Rei**

Senhora, desque a ventura  
Me quiz dar-vos por mulher,  
Me sinto emmenecer;  
Porqu'em vossa formosura  
Perde a velhice seu ser.  
Hum homem velho, cansado,  
Não tõe força, nem vigor,  
Para em si sentir amor:  
Se não he qu'estou mudado  
Com ser vosso n'outra côr.  
Muito grande dita tem  
A mulher que he formosa.

**Rainha**

Senhor, grande: mas porém  
Se a tal he virtuosa,  
Quer-lhe a ventura mór bem:

**Rei**

Si, mas porém nunca vemos  
A natureza esmerar  
Adonde haja que taxar;  
Que quando ella faz extremos,  
Em tudo quer-se extremar.  
Eu fallo como quem sentè  
Em vós esta calidade,  
Pelo que vejo presente;  
E se me esta mostra mente,  
Mente-me a mesma verdade.  
Huma só tristeza tenho  
Que não tõe a meniffic,  
Que no mór contentamento  
O trabalho da velhice  
Me embaraça o sentimento.

**Rainha**

Senhor, novidades tais  
Far-me-hão crer de verdade...

**Rei**

Novidades lhe chamais!  
Folgo, Senhora, que achais  
Na velhice novidades.

**Rainha**

Senhor, dias ha que sento  
Em o Principe Antiôcho  
Certo descontentamento:  
Dera alguma cousa a trôco  
Por saber seu sentimento.  
Vejo-lhe anarello o rosto,  
Ou de triste, ou de doente:  
Ou elle anda mal disposto,  
Ou lá tõe certo desgosto.  
Que o não deixa ser contente.  
Mande, Senhor, vossa Alteza  
A chamá-lo por alguém,  
Saberemos que mal tem,  
Se he doença de tristeza,  
De que nasce, ou de que vem.

**Rei**

Certo qu'eu me maravilho  
Do que vos ouço dizer.  
Que mal pôde nelle haver?  
Ide dizer a meu filho  
Que me venha logo ver.

**Rainha**

Se curar não se procura  
Huma cousa destas tais,  
Vem depois a crescer mais.  
Quando ja não se achá cura,  
Toda a cura he por demais.

*Entra o Principe Antiocho, com seu  
pagem por nome Leocadio.*

**Principe**

Leocadio, se és avisado,  
E não te falta saber,  
Saber-me-has dar a entender,

Quem ama desesperado,  
Que fim espera de haver ?

**Pagem**

Senhor, não.  
Mas porém porque razão  
Lhe avem sabê-lo, ou de que ?

**Principe**

Pergunto-te a conclusão ;  
Não me perguntes porque.  
Porque he minha pena tal,  
E de tão estranho ser,  
Que me hei de deixar morrer ;  
E por não cuidar no mal  
O não ousa de dizer.  
Que maneira de tormento  
Tão estranho e evidente,  
Que nem cuidar se consente !  
Porque o mesmo pensamento  
Ha medo do mal que sente.

**Pagem**

Não entendo a Vossa Alteza.

**Principe**

Assi importa á minha dor.

**Pagem**

E porque razão, Senhor ?

**Principe**

Para que seja a tristeza  
Castigo do meu temor.  
Porque ordena  
O Amor, que me condena,  
Que se haja de sentir,  
E sem dizer nem ouvir.  
Bem-aventurada a pena  
Que se póde descobrir !  
Oh caso grande e medonho !  
Oh duro tormento fero !  
Verdade he isto, qu'eu quero ?  
Não he verdade, mas sonho  
De que acordar não espero.

Quero-me chegar a ElRei  
Meu pae, que ja m'está vendo.  
Mas onde vou ? Não m'entendo.  
Com que olhos eu olharei  
Hum pae, a quem tanto offendo ?  
Que novo modo de antolhos !  
Porque neste atrevimento  
Devêra meu sentimento  
Para elle não ter olhos,  
Nem para ella pensamento.

*Chega onde está ElRei*

**Rei**

Filho, como andais assi ?  
Que tanto desgôsto tomô  
De vos vêr como vos vi !

**Principe**

Não sei eu tanto de mi,  
Que possa saber o como.  
Dias ha ja, Senhor, que ando  
Mal disposto, sem saber  
Este mal que possa ser ;  
Que se nelle estou cuidando,  
Quasi me vejo morrer.

**Rei**

Pois, filho, será razão  
Que meus Physicos vos vejão.

**Principe**

Os Physicos, Senhor, não ;  
Que os males qu'em mi estão,  
São curas que me sobejão.

**Rainha**

Deite-se ; que na verdade  
Hum corpo, deitado e manso,  
Descansa á sua vontade.

**Principe**

Senhora, esta enfermidade  
Não se cura com descanso.

**Rainha**

Todavia, bom será  
Que lhe fação huma cama.

**Principe**

(Hum coxim abastará,  
Que assi não descansará  
O repouso de quem ama.)

**Rei**

Vamos, filho, para dentro,  
Em quanto a cama se faz :  
Repousae como capaz ;  
Que a mi me dá cá no centro  
A pena que assi vos traz.

*Vão-se; e vem huma moça a fazer  
a cama e diz :*

**Moça**

Mimos de grandes Senhores,  
E suas extremidades,  
Me hão de matar de amores,  
Porque de meros dulçores  
Adoecem.  
Então logo lhes parecem  
Aos outros, que são mamados ;  
E os que são mais privados,  
Sobre elles estremecem.  
Certo (e assi Deos me ajude !)  
Que são muito graciosos,  
Porque de meros viçosos,  
Não podem com a saude,  
Mas deixallos,  
Porque elles darão nos vallos,  
Donde mais não se erguerão,  
Inda que lhe dem a mão  
Os seus privados vassallos.

*Entra um Porteiro da Cana, e ba-  
te primeiro e diz :*

**Porteiro**

Traz, traz.

**Moça**

Jesu ! Quem 'stá ahi ?

**Porteiro**

Ja vós, mana, ereis mamada :  
Para vos levar furtada  
Nunca tal ensejo vi.  
E vós estais descuidada !

**Moça**

E meus descuidos que fazem ?

**Porteiro**

Vossos descuidos ? cadella !  
Ah minh'alma ! Sois tão bella,  
Qu'esses descuidos me trazem  
Dous mil cuidados á vela.  
Pois sou vosso ha tantos annos,  
Mana, tirae os antolhos,  
E vereis meus tristes dannos.

**Moça**

Não tendeis esses enganços.

**Porteiro**

Nem vós tendeis esses olhos ;  
Que de vossos olhos vem  
Esta minha pena fera.

**Moça**

De meus olhos ? Assim era.

**Porteiro**

Moça, que taes olhos tem,  
Nenhuns olhos vêr devêra.

**Moça**

E porque ?

**Porteiro**

Porque cegais  
A quantos olhos olhais,  
Postoque por vós padecem.  
Olhos, que tão bem parecem,  
Porque não os castigais ?

**Moça**

Deos dê siso, pois de vós  
Tirou o que aos outros deu.

**Porteiro**

Desatae-me lá esses nós.  
Que mais siso quero eu,  
Que não ter siso por vós?

**Moça**

Fallais d'arte; eu vos prometo  
Que a resposta vem á vela.  
Isso é olho de panella.  
Quanto ha já que sois discreto?

**Porteiro**

Quanto ha já que vós sois bella?

**Moça**

Dais-me logo a entender  
Que eu sou feia, a meu ver.

**Porteiro**

E isso porque o entendeis?

**Moça**

Porque? Porque me dizeis  
Que só de meu parecer  
Vos procede o que sabeis.

**Porteiro**

He verdade.

**Moça**

Pois bem sento  
Que o vosso saber é vento.  
Fica a cousa declarada,  
Meu parecer não ser nada.

**Porteiro**

Olhae aquelle argumento:  
Além de bella, avisada!  
Oh nem tanto, nem tão pouco!  
Vêde vós o que fallais.

**Moça**

Cego no saber andais.

**Porteiro**

No siso, mas não tão louco  
Como vós, mana, cuidais.  
Ora dizei, duna má:  
Que não amais, quem vos ama?

**Moça**

Ouvistes vós cantar ja,  
*Velho malo, em minha cama?*  
Ja m'entendereis.

**Porteiro**

Ha, ha.

Senhora, estaes enganada;  
Que com huma capa e espada,  
E com este capuz fóra...

**Moça**

Ora bem: tirae-o ora,  
E fazei huma levada.

**Porteiro**

Não: se m'eu hoje alvorôço,  
Achar-me-heis d'outra feição.

*Aqui tira o capuz*

**Porteiro**

Tenho má disposição?  
Estas obras são de moço,  
Se as mostras de velho são.

**Moça**

Tendés mui gentis menciões.

**Porteiro**

Não, Senhora; faço extremos.

**Moça**

Passeae ora, veremos  
Se tendes tão bons passeios.

**Porteiro**

Tudo, Senhora, faremos.

**Moça**

Virae ora a essoutra mão.

**Porteiro**Esta disposição vêde-a;  
Que tenho gentil feição.**Moça**Tendes vós mui boa redea,  
Soffreis ancás?**Porteiro**

Isso não.

**Moça**Por certo que tendes graça  
Em tudo quanto fizerdes.  
Fazei mais o que souberdes.**Porteiro**Não sei cousa que não faça,  
Senhora, por me quererdes.**Moça**

Tendes vós muito bom ar.

**Porteiro**

Mais qu'isto faz quem quer bem.

**Moça**I-vos asinha, que vem  
O Principe a se deitar.**Porteiro**Nunca huma pessoa tem  
Hum' hora para fallar!*Entra o Principe com o seu Pagem  
Leocadio e diz:***Principe**

Seja a morte apercebida,

Porque já o Amor ordena  
A dar a meu mal sahida;  
Porque o fim da minha vida  
O seja da minha pena.  
Não tarde, para tomar  
Vingança de meu querer,  
Pois não se póde dizer  
Que não tée ja que esperar,  
Nem com que satisfazer?  
Os Physicos vem e vão,  
Sem saberem minhas mágoas.  
Nem o pulso me acharão;  
E se o querem vér nas agoas,  
As dos olhos llo dirão.  
Se com sangrias tambem  
Procurão-me vér curado;  
O temor de meu cuidado  
O mais do sangue me tem  
Nas veias todo coalhado.  
Quero-me aqui encostar,  
Que ja o espirito me cae.  
Leocadio, vac-me chamar  
Os Musicos de meu Pae;  
Folgarei de ouvir cantar.

*Aqui se deita, como que repousa,  
e falla dizendo assi:*

Senhora, qual desatino  
Me trouxe a tanta tristura?  
Foi, senhora, por ventura  
A força do meu destino,  
Como vossa formosura?  
Bem conheço que não posso  
Ter tão alto pensamento;  
Mas disto só me contento,  
Que se paga com ser vosso  
O mór mal de meu tormento.

*Entrão os Musicos e diz Alexandre  
da Fonseca, hum delles:***Alexandre**

Senhor, de que se acha mal  
O principe, ou que mal sente?

**Pagem**

Senhor, sei que está doente;  
 Mas sua doença he tal,  
 Qu'entender se não consente.  
 Os Physicos vem e vão,  
 Huns e outros a meude,  
 Sem o poderem dar são.  
 Quanto mais cura lhe dão,  
 Então têm menos saude.  
 O Pae anda em sacrificios  
 Aos deoses, que lhe dem  
 A saude que convem;  
 Dizendo que por seus vicios  
 O mal a seu filho vem.  
 Eu suspeito qu'isto são  
 Alguns novos amorinhos,  
 Que terá no coração.

**Alexandre**

Amores! com quem serão,  
 Que lhe não dem de focinhos?

**Porteiro**

Senhores, que lhe parece  
 Da doença de Antiôcho?

**Alexandre**

Diga-lha quem lha conhece

**Pagem**

Que toma morrer a trôco  
 De callar o que padece

**Porteiro**

Isso he estar emperrado  
 Na doença; que he peor.  
 Têm-no os Physicos curado?

**Alexandre**

Oh! que de mal del amor  
 No ha, Señor, sanador.

**Porteiro**

Fallais como experimentado;

Qu'eu cuido que esta fadiga,  
 Que o faz com que desespere;  
 Y por mas tormento quiere  
 Que se sienta, y no se diga.

**Alexandre**

Pois, Senhor meu, isso asselle,  
 Porque a pena, que sabeis,  
 Que eu cuido que está nelle,  
 Dar-lhe-ha penas crueis,  
 Pues no hay quien la consuele.

**Porteiro**

Folgo, porque m'entendeis.

**Pagem**

Hemo-nos, Senhores, de ir,  
 Porque nos está 'sperando.

**Porteiro**

Pois eu tambem hei de ir;  
 Que não me posso espedir  
 Donde vejo estar cantando.

**Principe**

Cantae, por amor de mi,  
 Alguma cantiga triste;  
 Que todo meu mal consiste  
 Na tristeza em que me vi.

**Porteiro**

Mande-lhe cantar hum chiste.

**Alexandre**

Chiste não, que he deshonesto,  
 E não têm esses extremos:  
 Outro canto mais modesto;  
 Porém não sei que diremos.

**Pagem**

Gaoleão o dirá presto.

**Porteiro**

Dá licença V. Alteza  
 Que diga minha tenção?

**Principe**

Dizei : seja em canto-chão.

**Porteiro**

Pois crede qu'he subtiliza,  
Qu'os Anjos a comerão.

Digão esta :

*Enforquei minha esperança,  
E o Amor foi tão madraço,  
Que lhe cortou o baraço.*

**Alexandre**

Não me parece essa boa.

**Porteiro**

Haja eu perdão,  
Porque não a entenderão.

**Alexandre**

Entender !

**Porteiro**

Bofé qu'he boa :

Não lhe cabis na feição ?

**Alexandre**

Dizei ora outra melhor,  
Com que nos atarraqueis.

**Porteiro**

Ora esperae, e ouvireis :  
Se a esta não dais louvor,  
Quero que me degolléis.

*Cantiga*

Com vossos olhos Gonçalves,  
Senhora, captivo tendes  
Este meu coração Mendes.

**Alexandre**

Essa parece mui taibo,  
Porque mostra bom indicio.

**Porteiro**

Vós cuidareis qu'eu que raivo.

**Alexandre**

Todavia tõe máo saibo.  
Ora mal lhe corre o officio.

**Principe**

Tá, não vá mais por diante  
A zombaria, que he má :  
Cantae qualquer dellas ja :  
Qu'esse Porteiro he galante,  
Ninguem o contentará.

*Aqui cantão, e acabando, diz o*

**Pagem**

Parece que adormeceo.

**Porteiro**

Pois será bom que nos vamos.

**Alexandre**

Senhor, quer que nos vejamos ?

**Porteiro**

Senhor vir-me-ha do Ceo :  
Releva-me que o façamos.

*Entra a Rainha com huma sua  
Criada por nome Frolalta, e diz :*

**Rainha**

Frolalta, como ficava  
Antiôcho em te tu vindo ?

**Frolalta**

Ficava-se despedindo  
Da vida qu'então levava,  
E assi seus dias cumprindo.

**Rainha**

Oh grave caso d'amor !  
Desesperada affeição !

Oh amor sem redempção,  
 Que alli te fazes maior  
 Onde tens menos rasão !  
 No mais alto e fundo pégo  
 Alli tens maior porfia :  
 Rasão de ti não se fia.  
 Quem a ti te chamou cego,  
 Mui bem soube o que dizia.  
 Por ventura hia chorando ?

Frolalta

Chorando hia e chamando  
 Ao Amor, Amor cruel ;  
 E em, Senhora, se deitando  
 Lhe cahio este papel.

Rainha

Que papel ?

Frolalta

Este, Senhora.

Rainha

Amostra, que quero lê-lo.  
 Agora acabo de crê-lo ;  
 Que ao que mostra por fóra,  
 Aqui lhe lançou o sello.

*Aqui lê o papel*

Oh estranha pena fera !  
 Desditosa vida chára !  
 Oh quem nunca cá viera,  
 E com seu Pae não casára,  
 Ou em casando morrerá !

Frolalta

Aindaque eu péca são,  
 Senhora, tudo bem vejo.  
 Attente, que na eleição  
 O que lhe pede o desejo  
 Não consente o coração.

Rainha

Frolalta, pois qu'és discreta  
 Nada te posso encobrir ;

Porque, se queres sentir,  
 A huma mulher discreta  
 Tudo se ha de descobrir  
 O dia qu'entrei aqui,  
 Que a Seleuco recebi,  
 Logo nesse mesmo dia  
 No Principe filho vi  
 Os olhos com que me via.  
 Este principio soffri-lho,  
 Para vêr se se mudava ;  
 Antes mais se accrescentava :  
 Eu amava-o como filho,  
 E elle d'outr'arte me amava.  
 Agora vejo-o no fim  
 Por se me não declarar.  
 E pois ja que a isso vim,  
 A morte que o levar,  
 Me leve tambem a min.  
 Porque ja que minha sorte  
 Foi tão crua e desabrida,  
 Que me não quer dar sahida ;  
 Sejamos juntos na morte,  
 Pois o não somos na vida.  
 Oh quem me mandou casar,  
 Para vêr tal crueldade !  
 Ninguem venda a liberdade,  
 Pois não póde resgatar  
 Onde não tõe a vontade.  
 Que não ha mór desvario,  
 Que o forçado casamento  
 Por alcançar alto assento ;  
 Que, emfim, todo o senhorio  
 Está no contentamento.  
 Não sei se o vá vêr agora,  
 Se será tempo conforme,  
 Ou se imos a deshora.

Frolalta

Despois iremos, Senhora,  
 Que agora dizem que dorme.

*Entra o Physico a tomar-lhe o pulso, e tomando-o diz :*

Physico

Su madraستا oyó nombrar,



Y el pulso se le alteró :  
 Esto no entiendo yo,  
 Porque para le alterar  
 El corazón le obligó.  
 Pues que el corazón se altere,  
 Es porque en un momento  
 Algun nuevo vencimiento  
 De afición terrible le hiere,  
 Que causa tal movimiento.  
 Pues que afición cabe así  
 Con madrastra ? Digo yo,  
 Dos razones hay aquí :  
 La una dice, que sí,  
 La otra dice, que no.  
 Empero yo determino  
 De exprimentar la verdad.  
 Y hacer una habilidad,  
 Que declare es agua, ó vino  
 Esta su enfermedad.  
 Porque toda esta mañana  
 Tengo estudiado su mal,  
 Sin ver causa efectual  
 De su dolencia inhumana,  
 Ni otra de su metal.  
 Llamar quiero este asnejon :  
 Mas aun debe de dormir,  
 Segun que es dormilon.  
 Sancho ? ó Sancho ?

Sancho

Ah Señor.

Physico

Ea, aún estás dormiendo ?

Sancho

Estoyme, Señor, vistiendo.

Physico

Pues vellaco y sin sabor,  
 No me respondes dormiendo ?  
 Vestios presto, ladrón.  
 Oh qué mozo, y qué ventura !

Sancho

(Mas qué amo y qué cabron !)

Embieme acá el ropon,  
 Que no hallo mi vestidura.

Physico

Que embie el ropon acá ?  
 Parece que os desmandais.

Sancho

Que vaya, Señor ? ha, ha.  
 Que buenos dias hayais.

*Entra o moço embrullado em huma  
 manta.*

Physico

Di como vienes así  
 Con la manta, y para qué ?

Sancho

Yo, Señor, se lo diré:  
 Por venir presto vestí  
 Lo que mas presto me hallé:  
 Porque viendo que él me llama,  
 Dormiendo yo sin afan,  
 Salté presto de la cama,  
 Que parezco un gavilan,  
 Hermoso como una dama.

Physico

Mas es tu bovedad tanta,  
 Que vienes desta facion ?

Sancho

De mi vestido se espanta ?  
 De noche sirve de manta,  
 Y de dia de ropon.

Physico

Embióme ElRey á llamar  
 Otra vez.

Sancho

Y á mi ?

Physico

Y á ti !

Sancho

Y él qué presta allá sin mi?

Physico

Qué puedes tú aprovechar?

Sancho

Yo se lo diré de aquí:  
Si por la ventura quiere  
Para que le dé consejo,  
Cuando doliente estuviere;  
Digo, coma, si pudiere,  
Y beba buen vino anejo;  
Porque este es el licor  
Que dá fuerza, y es sabroso;  
Que segun dicen, Señor,  
*Vinum lctificat cor*  
*Hominis*, y le es provechoso.

Physico

Ya sabes la medicina,  
Que Avicena nos refiere.

Sancho

Pues, Señor! porque es divina.  
Pero El Rey qué le quiere,  
Qué manda. ó qué determina?

Physico

El Principe está doliente.

Sancho

Oh mesquino! Y qué mal ha?

Physico

Y á ti, necio, que te vá?

Sancho

Oh Señor, que es mi pariente!

Physico

Gracioso el bovo está.  
Y pues dime por tu fé:  
Llorarás si se muriere?

Sancho

No, Señor, no lloraré;

Empero, Señor, haré  
La peor cara que pudiere.

Physico

Ea, bovo, vé corriendo,  
Y ensilla la mula ayna.

Sancho

Véngala ensillar mejor.

Physico

Oh velbaco, y sin sabor!

Sancho

Yo por cierto no lo entiendo.  
Pero una medicina  
Le he de pedir, Dios queriendo,  
(Porque ando atribulado,  
Y no sé parte de mi  
Con este nuevo cuidado)  
Para un sayo esfarrapado,  
Que me dicen hay alli.

Physico

Ora ensilla: y nunca viva,  
Pues sufro tus desatinos.

Sancho

Señor, pasión no reciva:  
*Ya cavalga Calainos*  
*A la sombra de una oliva.*

*Aqui sahe bolindo com a almofada,*  
*e acorda o Principe e diz:*

Principe

Oh bella vista e humana,  
Por quem tanto mal sostenho!  
Oh Princeza Soberana!  
Como? nos braços vos tenho,  
Ou este sonho m'engana?  
Pois como, sonho, tambem  
Me queres vir magoar?  
E para me atormentar

Mostras-me a sombra do bem  
 Para assi mais m'enganar?  
 Assi que, com quanto canso,  
 Ja não posso achar atalho,  
 Pois que o somno quieto e manso,  
 Que os outros têm por descanso,  
 Me vem a mi por trabalho.  
 Pois ha hi tantos enganos  
 Que condemnão minha sorte;  
 Não o tenho ja por forte,  
 Se á volta de tantos danos  
 Viesse tambem a morte.

*Aqui entra ElRei com o Physico, e diz:*

**Rei**

Andae e vêde se achais  
 O rasto deste segredo,  
 Que me dizem que alcançais;  
 Ainda que tenho medo  
 Que lhe seja por demais.

**Physico**

Plega á Dios que aqueste sea  
 Para salud y remedio  
 Desta dolencia tan fea.  
 Yo buscaré todo el medio,  
 Que presto sano se vea.

*Aqui lhe toma o Physico o pulso*

Aflejen, Señor, sus ais.  
 Como se halla en su pesar?

**Principe**

Como me acho perguntais?  
 E como se póde achar  
 Quem sempre se perde mais?

**Physico**

(La respuesta abre el camino.)  
 Imagina de contino?

**Principe**

Não tenho outro mantimento,  
 Nem outro contentamento,  
 Senão o em que imagino.

*Aqui entra a Rainha e diz:*

**Rainha**

Como se sente, Senhor?  
 Tem a febre mais pequena?

**Principe**

Responda-lhe minha pena.

**Physico**

(Conocido es su dolor.  
 Ora sea en hora buena,  
 Tomada está la tristeza  
 A las manos.) Qué sentió?  
 (Usaré de subtileza.)

*Diz contra ElRei:*

Cúmpleme que solo yo  
 Platique con Vuestra Alteza.

**Rei**

Cheguemos-nos para cá.

**Rainha**

Não deve desesperar,  
 Qu'em fim, se bem attentar,  
 Para tudo o tempo dá  
 Tempo para se curar.

**Principe**

Que cura poderá ter  
 Quem têm a cura, Senhora,  
 No impossivel haver?

**Rainha**

Ficac-vos, Senhor, embora,  
 Que vos não sei responder.

*Vai se a Rainha*

Rei

Neste mal, que não comprehendo,  
Que meio dais de conselho ?

Physico

Señor, nada entiendo dello ;  
Y supuesto que lo entiendo,  
Yo quisiera no entendello.

Rei

Porque ?

Physico

Porque he entendido  
Lo mas malo de en'ender,  
Para lo que puede ser,  
Porque anda, Señor, perdido  
De amores por mi muger.

Rei

Santo Deos ! que ! tal amor  
Lhe dá doença tão fera !  
Que remedio achais melhor ?

Physico

Forçado será que muera,  
Porque no muera mi honer.

Rei

Pois como ! a hum só herdeiro  
Deste Reino não dareis  
Vossa mulher, pois podeis :  
Que tudo faz o dinheiro ?  
Pois este não o engeiteis ;  
Dae-lha, porque eu espero  
De vos dar dinheiro e honra,  
Quanto eu para elle quero.

Physico

No tira el mucho dinero  
La mancha de la deshonna.

Rei

Ora bem pouco defeito !  
He pequice conhecida,  
Quando deixa de ser feito ;  
Porque com elle dais vida  
A quem vos dará proveito.

Physico

Cuan facilmente aporfia  
Quien en tal nunca se vió !  
Del cousejo que me dió,  
Vuestra Alteza que haria  
Si agora fuese yo ?

Rei

A mulher que eu tivesse  
Dar-lha-hia. Oxalá  
Que elle a Rainha quizesse !

Physico

Pues déla, si le parece,  
Que por ella muerto está.

Rei

Que me dizeis ?

Physico

La verdad.

Rei

Sem dúvida, tal sentistes ?

Physico

Sin duda, sin falsedad.  
Pues, Señor, ahora tomad  
Los consejos que me distes.

Rei

Certamente, qu'eu o via  
Em tudo quanto fallava.  
Como o vistes ? porque via ?

Physico

Nel pulso, que se alterava  
Si la via, ó si la oia.

Rei

Que maneira ha de haver ?  
 Qu'eu certo me maravillo,  
 Possa mais o amor do filho,  
 Do que póde o da mulher.  
 Finalmente hei-lha de dar,  
 Que a ambos conheço o centro.  
 Quero-o ir alevantar,  
 E iremos para dentro  
 Neste caso praticar.

*Diz contra o Principe :*

Levanta-e-vos, filho, d'hi  
 O melhor que vós puderdes,  
 E vinde-vos para aqui ;  
 Porque, emfim, o que quizerdes  
 Tudo havereis de mi.

Pagem

Ah Senhores, oulá, ou ?

Porteiro

Viestes em conjunção  
 A melhor que póde ser :  
 Haveis aqui de fazer  
 A tosquia a hum rifão.

Pagem

Deixae-me, Senhor, dizer :  
 Haveis isto de acabar,  
 Coração, hi bugiar,  
 No esteis preso en cadenas,  
 Que pois o amor vos deo penas,  
 Que vos lanceis a voar.

Porteiro

Por certo que bem comprou.

Pagem

Ora sabeis o que vai ?  
 Antiocho que casou  
 Com a mulher de seu Pai,  
 E o mesmo Pae o ordenou.

Porteiro

Isso como ?

Pagem

Não o sei ;  
 Porque dizem que a amava,  
 E que só por ella andava  
 Para morrer ; e ElRei  
 Deo-a a quem a desejava.

Porteiro

Se o casa por querer bem  
 Com a moça, a quem elle ama,  
 Direi eu que a mim me inflama  
 O amor mais que a ninguem.

Pagem

Pois pedi-lhe a nossa dama.

Porteiro

Por São Gil, que ci-los cá vem,  
 Elle pela mão com ella.

*Entra ElRei, e Antiocho com a  
 Rainha pela mão, e diz :*

Rei

Que mais ha hi que esperar ?  
 Olhae qu'estraneza vai !  
 O muito amor ordenar,  
 Ir-se o filho namorar  
 D'huma mulher de seu Pai !  
 Querer bem foi sua dor,  
 Negar-lha será crueldade ;  
 Assi que ja foi bondade  
 Usar eu de tal amor,  
 E de tal humanidade.  
 Ella deixou de reinar  
 Como fazia primeiro  
 Por se com elle casar ;  
 E por amor verdadeiro  
 Tudo se póde deixar.  
 Eu que nella tinha pósto

Todo o bem de meu cuidado,  
 Deixei mais que ella ha deixado;  
 Que mais se deixa no gôsto,  
 Que no poderoso estado.  
 Mas ja que tudo isto vemos,  
 Hajão festas de prazer,  
 As que melhor possão ser ;

Porqu'em tão grandes extremos,  
 Extremos se hão de fazer.  
 Hajão cantos para ouvir,  
 Jogos, prazeres sem fundo;  
 Porque, se quereis sentir,  
 Deste modo entrou o mundo,  
 E assi ha de sahir.

*Aqui vem os Musicos e cantão, e depois de cantarem, sahem-se todas as figuras, e diz*

### Martim Chinchorro

Ora, Senhor, tomemos tambem nosso pandeiro, e vamos festejar os noivos ; ou vamos consoar com as figuras, porque me parece que esta he a mór festa que póde ser. Mas espere v. m., ouviremos cantar, e na volta das figuras nos acolheremos. Moço, accende esse mólho de cavacos, porque faz escuro não vamos dar connosco em algum atoleiro, onde nos fique o ruço e as canastras. .

### Estacio da Fonseca

Não, Senhor, mas o meu Pilarte irá com elles com hum par de tições na mão ; e perdoem o máo gasalhado. Mas daqui em diante sirvão-se desta pousada ; e não tenham isto por palavras, porque essas e plumas, o vento as leva.

I C

# OS AMPHITRIÕES

## INTERLOCUTORES

**Amphitrião.**—**Alcmena,** sua Mulher.—**Callisto.**  
**Feliseo.**—**Sosea,** Moço de Amphitrião.—**Bremia,** sua Criada.  
**Belferrão,** Patrão.—**Aurelio,** Primó de Alcmena.  
**Hum Moço** de Aurelio.—**Jupiter.**—**Mercurio.**

## ACTO I

### SCENA I

*Entra Alcmena, saudosa do marido, que he na guerra, e Bromia.*

#### Alcmena

Ah Senhor Amphitrião,  
Onde está todo meu bem!  
Pois meus olhos vos não vem,  
Fallarei co'o coração.  
Que dentro n'alma vos tem.  
Ausentes duas vontades,  
Qual corre móres perigos,  
Qual soffre mais crueldades.  
Se vós entre os inimigos,  
Se eu entre as saudades?  
Que a ventura, que vos traz  
Tão longe de vossa terra,  
Tantos desconcertos faz.  
Que se vos levou á guerra.  
Não me quiz deixar em paz.  
Bromia, quem com vida ter,  
Da vida já desespera,  
Que lhe poderás dizer?

#### Bromia

Que nunca se viu prazer,  
Senão quando não se espera.  
E por tanto não devia  
De ter triste a phantasia:  
Porque Vossa Mercê creia.  
Que o prazer sempre salteia  
Quem delle mais desconfia.  
Eu tenho no coração,  
Do Senhor Amphitrião

Venha hoje alguma nova:  
Não receba alteração.  
Que a verdadeira affeição  
Na longa ausencia se prova.

#### Alcmena

Dizei logo a Feliseo  
Que chegue muito apressado  
Ao caes, e busque mão  
De saber se algum recado  
Do porto Persico vêo:  
E mais lhe haveis de dizer,  
(Isto vos dou por officio)  
D'alguma nova saber,  
Em quanto eu vou fazer  
Aos Deoses o sacrificio.

### SCENA II

#### Bromia

Saudades de minh'ama,  
Chorinhos e devoções,  
Sacrificios e orações,  
Me hão de lancar n'huma cama,  
Certamente.  
Nós mulheres de semente  
Somos sedenho mui toscos:  
Com qualquer vento que vente,  
Queremos forçadamente  
Que os Deoses vivão connosco.  
Quero Feliseo chamar,  
É dizer-lhe aonde ha de ir.  
Mas elle como me vir,  
Logo ha de querer rincar,  
De travesso.



Eu que de zombar não cesso,  
 Por ficar com elle em salvo,  
 Lanço-lhe hum e outro remêso;  
 Aos seus furto-lhe o alvo;  
 E então elle fica avesso.  
 Porque o melhor destas danças,  
 Com huns vindiços assi,  
 He trazê-los por aqui  
 Ó cheiro das esperanças,  
 Por viver.  
 Ha-os homem de trazer  
 Nos amores assi mornos,  
 Só para ter que fazer;  
 E depois ao remettêr  
 Lançar-lhe a capa nos cornos.  
 Feliseo, se estais á mão,  
 Chegae cá, vem como hum gamo:  
 Bem sei que não chamo em vão.

## SCENA III

*Feliseo e Bromia***Feliseo**

Chamais-me? tambem vos chamo;  
 Porém eu ouço, e vós não:  
 Senhora, que me matais.  
 Se vós ja nunca me ouvis,  
 Ou me ouvis, e vos callais,  
 Dizei: porque me chamais  
 So me vós a mim fugis?

**Bromia**

Eu vos fujo?

**Feliseo**

Fugis, digo,  
 De dar a meus males cabo.

**Bromia**

Sabei que desse perigo  
 Não fujo como de imigo,  
 Fujo como do diabo.

**Feliseo**

Dae ao demo essa tenção,  
 Usae antes de cortês,  
 Cahí vós nesta razão.

**Bromia**

Do p'riego fogem os pés,  
 Do diabo o coração.

**Feliseo**

Dizeis-me que nessa briga  
 Do meu coração fugis.

**Bromia**

Ainda qu'eu isso diga...

**Feliseo**

Ah minha doce ininniga!  
 Bem sinto que me sentis.  
 Mas para que me chamais?

**Bromia**

Manda-vós minha Senhora  
 Que chegueis daqui ao cais,  
 E algumas novas saibais  
 D'Amphitrião nesta hora.

**Feliseo**

Quem as não sabe de si,  
 D'outrem como as saberá?

**Bromia**

Não as sabeis vós de mi?

**Feliseo**

Má trama venha por ti,  
 Duna feiticeira má!  
 Porque não me olhas direito,  
 Cadella, que assi me cortas?

**Bromia**

Porque vos quero dar portas;  
 Que s'eu olhar d'outro geito,  
 Trarei cem mil vidas mortas.

Feliseo

E pois para que me audais :  
Enganando ha cem mil anos?

Bromia

Dou-vos vida com enganós.

Feliseo

Nesses enganinhos tais  
Acho crueis desenganós.

Bromia

Quant'esses vos quero eu dar:  
Vós cuidais que estais na sella?  
Pois podeis-vos descer della;  
Qu'eu nunca vos pude olhar.

Feliseo

Jogais comigo á panella?  
Tendes-me ha tanto captivo,  
E desenganais-me agora?  
Tudo isto he o que privo.  
Assi que he isso, Senhora,  
Dochelo morto, dochelo vivo?  
Se me vós desenganais  
No cabo de tantos anos,  
Direi, se licença dais,  
Dais-me vida com enganós,  
Desenganós, ja chegais.  
Mas se isso havia de ser,  
Dizei, má desconhecida,  
Destêrro de meu viver,  
Que vos custava dizer  
Amor, vae buscar tua vida?

Bromia

Zombais? Fallais-me coprinhas?

Feliseo

Rir-vos-heis se vem á mão:  
Copras não, mas isto são  
Ansias y pasiones minhas  
Dos bofes e coração.

Bromia

Is-vos fazendo d'huns sengos.

Feliseo

Perdóneme Dios si peço.

Bromia

Nesses dentinhos framengos  
Conheço que sois hum pêço  
De todos quatro avoengos.

Feliseo

Tudo vos levo em capelo,  
Ja qu'estais tanto em abraço.  
Porém, fallando singelo,  
A furto desse má zêlo,  
Quereis-me dar hum abraço?

Bromia

Ora digo que não posso  
Usar convosco de fero:  
Tomae-o.

Feliseo

Ja o não quero,  
Porque esse abraço vosso,  
Sabei que he engano mero.

Bromia

Oh! vós sois d'huns sensabores.  
Abraço pedis assim?  
S'eu remango d'un chapim...

Feliseo

Tudo isso são favores:  
Zombae, vingae-vos de mim.

Bromia

Vós de furioso touro  
As garrochas não sentis.

Feliseo

Vêdes, com isso só mouro:  
Quando cuido que sois ouro,  
Acho-vos toda ceitis.

Bromia

Emfim, sanha de villão  
Vos fez perder hum bom dia.

Feliseo

Jagora o eu tomaria;  
Quereis-mo dar?

Bromia

Ora não.

Coccei-vos eu todavia.

Feliseo

Pois, Senhora, a quem vos ama  
Sois tão desarrazoada,  
Quero tomar outra dama;  
Que não digão os d'Alfama  
Que não tenho namorada.

Bromia

Deixae-me.

Feliseo

Vós me deixais.

Bromia

Deixae-me.

Feliseo

Zombais de mi?

Bromia

Deixae-me. Pois m'engeitais,  
Eu me ausentarei daqui  
Onde me mais não vejais.

Feliseo

Boa está a zombaria!

Bromia

Não são essas minhas manhas.

Feliseo

Porém is-vos todavia?

Bromia

Voyme á las tierras estrañas  
Adó ventura me guia.

## SCENA IV

*Feliseo só*

Phantasias de donzellas,  
Não ha quem como eu as quebre;  
Porque certo cuidão ellas,  
Que com palavrinhas bellas  
Nos vendem gato por lebre.  
Esta tée lá para si  
Qu'eu sou por ella finado;  
E cré que zomba de mi;  
E eu digo-lhe que si,  
Sou por ella espedaçado.  
Preza-se d'humas seguras;  
E eu não quero mais Frandes:  
Dou-lhe trela ás travessuras,  
Porque destas coçaduras  
Se fazem as chagas grandes.  
Qu'estas, que andão sempre á vela,  
Estas vos digo eu que coço;  
Porque de firmes na sella,  
Crem que falsão a costella,  
E ficão pelo pescoço.  
Que quando estas damas tais  
Me cachão, então recacho.  
Mas disto agora nó mais.  
Quero-me ir daqui ao cais  
Vêr se algumas novas acho.

## SCENA V

*Jupiter e Mercurio*

Jupiter

Oh grande e alto destino!  
Oh potencia tão profana!  
Que a setta d'hum menino  
Faça que meu ser divino  
Se perca por cousa humana!  
Que m'aproveifão os ceos,  
Onde minha essencia mora  
Com tanto poder, se agora

A quem me adora por deos,  
 Sirvo eu como a senhora?  
 Oh quão estranha affeição!  
 Quem em baixa cousa vai pôr  
 A vontade e o coração,  
 Sabe tão pouco d'Amor,  
 Quão pouco Amor de razão.  
 Mas que remedio hei de ter  
 Contra mulher tão terribil,  
 Que se não póde vencer?

**Mercurio**

Alto Senhor, teu poder  
 O difficil faz possibil.

**Jupiter**

Tu não vês qu'esta mulher  
 Se preza de virtuosa?

**Mercurio**

Senhor, tudo póde ser;  
 Que para quem muito quer,  
 Sempre a affeição he manhosa.  
 Seu marido está ausente  
 Na guerra, longe d'aqui;  
 Tu, qu'és Jupiter potente,  
 Tomarás sua fórma em ti;  
 Que o farás mui facilmente.  
 E eu me transformarei  
 Na de Sosca, criado seu;  
 E ao arraial me irei,  
 Onde logo saberei  
 Como se a batalha deu.  
 E assi poderás entrar,  
 Em lugar de seu marido;  
 E para que sejas crido,  
 Poderás tambem contar.  
 Quanto eu lá tiver sabido.

**Jupiter**

Quem arde em tamanho fogo  
 Tira-lhe a virtude a côr  
 De subtil e sabedor;  
 E quem fóra está do jôgo  
 Enxerga o lanço melhor.

Mas tu, que dos sabedores  
 Tanto ávante sempre estás,  
 Se deos és dos mercadores,  
 Sê-lo-has dos amadores,  
 Pois tal remedio me dás.  
 Ponha-se logo em effeito;  
 Que não soffre dilacção  
 Quem o fogo tõe no peito;  
 E tu vae logo direito  
 Aonde anda Amphitrião.

SCENA VI

*Feliseo e Callisto*

**Feliseo**

Adó bueno por aqui,  
 Tão longe do acostumado?

**Callisto**

Mais longe vou eu de mi,  
 D'ir perto de meu cuidado.

**Feliseo**

No andar vos conheci.

**Callisto**

E vós onde vos lançais,  
 Com vossa contemplaçào?

**Feliseo**

Eu chego daqui ao cais  
 A saber de Amphitrião:  
 Não sei se vou por demais.

**Callisto**

Porque por demais dizeis?

**Feliseo**

Porque nada alli ha certo.

**Callisto**

Novas lá não as busqueis,  
 Que aqui as tendes mais perto.

Feliseo

Pois dae-mas já, se as sabeis.

Callisto

Hum navio he já chegado  
 Á barra, que vem de lá;  
 Traz de Amphitrião recado,  
 Diz que o deixa embarcado  
 Para se vir para cá.  
 Têe vencido aquelle Rei;  
 E diz, segundo lhe ouvi,  
 Qu'esta noite será aqui.

Feliseo

Essas novas levarei  
 A Alcmena, que torne em si,  
 Porque ella têe maior guerra  
 Co'os temores de perdello,  
 Qu'elle co'o Rei dessa terra.

Callisto

Onde amor lançar o sello,  
 Nenhuma cousa o desterra.  
 Porqu'inda que o pensamento  
 Vos fique, Senhor, em calma,  
 Por morte ou apartamento;  
 Sempre vos lá ficão n'alma  
 As pégadas do tormento.

Feliseo

Isso he hum segredo mero,  
 A que o Amor nos obriga:  
 Por isso em caso tão fero,  
 Senhor, nunca ninguem diga,  
 Ja lho quiz, e não lho quero.  
 Eu quiz bem a huma mulher,  
 Que vós conhecestes bem,  
 E, com muito lhe querer,  
 Casou-se.

Callisto

Oli! é com quem?  
 Que ainda o não posso crer.

Feliseo

Com hum Mercador, que veio  
 Agora do Egypto, rico.

Callisto

Isso traz água no bico.  
 Esse homem he parvo, ou feio?

Feliseo

Pois vòdes? disse me pico.  
 E em pago d'esta traição,  
 Afóra outros mil descontos  
 Que traz comsigo a affeição,  
 Sempre os signaes d'estes pontos  
 Trarei no meu coração.

Callisto

Viste-la mais?

Feliseo

Senhor, vi,  
 Na janellinha da grade;  
 Passei, e disse-lhe assi:  
 Casada sem piedade,  
 Porque não a haveis de mi?

Callisto

Que vos disse?

Feliseo

Lá no centro  
 Lh'enxerguei pouca alegria:  
 E como quem lhe dohia,  
 Metendo-se para dentro  
 Disse: Ja pasó folia.

Callisto

Ah má sem conhecimento!  
 Quem lhe dêsse mil chofradas!

Feliseo

Senhor, como são casadas,  
 Casão-se co'o esquecimento  
 Das cousas que são passadas.

Callisto

Lembranças de vos deixar  
Picar-vos-hão como tojos.

Feliseo

Senhor, haveis d'assentar  
Que onde amor vos quer matar,  
Siempre allá miran los ojos.  
Hum motete lhe mandei  
Hum dia, estando com febre,  
Só da paixão que tomei.

Callisto

Pois vejamos quem tõe lebre.

Feliseo

Senhor, eu vol-o direi.

Mote

Vós por outrem, e eu por vós;  
Vós contente, e eu penado;  
Vós casada, eu cansado.  
Polos santos de minha dona!

Callisto

Senhor, vós só o fizestes?

Feliseo

Si, que ninguem me ajudou.

Callisto

Se vós só o compuzestes,  
Crede, que extremos dissestes.  
Nunca Orlando tal fallou.  
Senhor, fizestes-lhe pé?

Feliseo

Senhor, si; e todo hum anno...  
Vós zombais, se não m'engano?

Callisto

Não. mas dou-vos minha fé  
Que nunca vi tão bom panno.

Feliseo

Ora olhe vossa mercê.

Volta

Olhae em quão fundos váos  
Por vosso causa me affôgo,  
Que outro me ganha no jôgo,  
E eu triste pago os páos.  
Olhos travessos e mãos,  
Inda eu veja o meu cuidado  
Por esse vosso trocado.

Callisto

Não mais. qu'isso me degola.

Feliseo

Senhor, eu haja perdão.

Callisto

Fizestes esse rifão  
Em algum jôgo de bola?  
E foi-lhe elle ter á mão?

Feliseo

Digo-vos que o vio. e lho leo  
Hum moçozinho d'escola.

Callisto

Está isso assi do Ceo.  
Sabe ella jogar a bola?

Feliseo

Não.

Callisto

Pois não vos entendeo.  
Ora eu já cheguei a ler  
Petrarca, e crede de mi  
Que nunca tal cousa vi.  
Onde mora o bom saber,  
Logo dá sinal de si.  
Onde casada puzestes,  
Dizei, porque não dissestes  
*La que yo vi por mi mal.*

Feliseo

Renunciava o metal;  
 Qu'em rifõeszinhos como estes,  
 Ha-se-de pôr tal com tal.  
 Que a trova trigo-tremez  
 Ha de ser toda d'hum pano;  
 Que parece muito Ingrez  
 N'hum pelote Portuguez  
 Todo hum quarto Castelhana.  
 Ouvi outra tambem minha,  
 Que fiz a certa tenção,  
 Clara, leve, bonitinha,  
 De-feição, que esta trovinha,  
 He trovinha de feição.  
 Como eu hum dia me visse  
 Morto, e a mão na candêa,  
 E ella não me acodisse;  
 Fiz-lhe esta, porque sentisse  
 Que dava os fios á téa.  
 E o proposito he  
 Andar eu hum dia só;  
 E para que houvesse dó  
 Dê mi e de minha fé,  
 Lamentei-lhe como Jó.

Callisto

Andastes, Senhor, mui bem.

Feliseo

Ora, Senhor, attentai,  
 E vêde o saibo que tem;  
 Se he para a vêr alguem.

Callisto

Ora dizei.

Feliseo

Ei-la vai.

Trova

Coração de carne crua,  
 Vê-lo teu amor aqui,  
 Que esmorecido por ti  
 Jaz no meio d'esta rua?

Callisto

Na rua, Senhor, jazia?  
 E era em tempo de lama?

Feliseo

Senhor, quem falla a quem ama,  
 De si mesmo se não fia:  
 Haveis de mentir á dama.

Callisto

Volta disso?

Feliseo

Singular,  
 Senão que he muito sentida;  
 Far-vos-ha, Senhor, chorar.

Callisto

Oh! diga, por sua vida!

Feliseo

Farei o que me mandar.

Volta

Porque não has delle mágoa,  
 Ó dura mais que ninguem,  
 Que anda o triste que não tem  
 Quem lhe dê huma vez d'ágoa?  
 Não lhe negues teu querer,  
 Pois te não custa dinheiro;  
 Que, emfim, por derradeiro  
 A terra te ha de comer.

Callisto

Tal trova nunca se vio.  
 Agorentaste-la ja?

Feliseo

Senhor, não; ainda está  
 Como a sua mãe pario;  
 E não está muito má.

Callisto

He trova, que tõe por seis;

Não a posso mais gabar.  
Mas, pois, tal cousa fazeis,  
Senhor, não m'ensinareis  
Donde vem tão bem trovar ?

Feliseo

Não he a cousa tão pequena,  
Como, Senhor, a fizestes,  
Essa que agora dissestes.  
Mas porém vou dar a Alemena  
Estas novas que me destes.  
Depois, Senhor, nos veremos;  
Ficae ja roendo esse osso.

Callisto

O roer, Senhor, he vosso.

Feliseo

Pois eu, por mais que zombemos,  
Hei de ser vosso e revosso.

Callisto

Oh!... Escusae vos de d'extremos,  
Qu'isso, Senhor, me atarraca.  
Mas nós nos encontraremos,  
E sobre isso envidaremos  
Dous reales mais de saca.

## ACTO II

### SCENA I

*Jupiter e Mercurio transformados,  
Jupiter na fórma de Amphitrião,  
Mercurio na de Sosea escravo.*

Jupiter

Mercurio, pois sou mudado  
N'esta fórma natural,  
Olha e nota com cuidado,  
Se está em mi o pintado  
Apparente co'o real.

Mercurio

Quem tão proprio se transforma,  
Tenho por opinião,  
Que na tal transformação  
Lhe prestou natura a fórma,  
Com que fez Amphitrião.

Jupiter

Pois tu no gesto e na côr  
Estás Sosea escravo seu.

Mercurio

Muito mais farás, Senhor.

Jupiter

Não o faz senão o Amor,  
Que n'isto póde mais qu'eu.

Mercurio

Ja, Senhor, te fiz menção  
Como deo Amphitrião  
A ElRei Terela a morte;  
Que, na guerra igual, a sorte  
Póde mais que o coração.  
E depois de ser tomada  
Toda a Cidade, com gloria  
D'Amphitrião bem ganhada,  
Como em sinal de victoria,  
Esta copa lhe foi dada.  
Por ella bebia ElRei,  
Em quanto a vida queria;  
E eu, porque te cumpria,  
A seu escravo a furtei,  
Que n'huma caixa a trazia.  
Esta poderás levar  
A Alemena, por lhe mostrar  
Verdadeiro, o que he fingido;  
E dest'arte serás erido,  
Sem mais outro ardil buscar.



**Jupiter**

Pois tudo tens ordenado  
 Por tão nova e subtil arte;  
 Como me vires entrado,  
 Irás dar este recado  
 A Phebo de minha parte:  
 Que faça mais devagar  
 Seu curso neste Hemispherio,  
 Que o que soe acostumar;  
 Qu'esta noite hei de ordenar  
 Hum caso de alto mysterio.  
 E á Esphera mais alta  
 Mandarás que fixa esteja,  
 Porque a noite maior seja:  
 Porque sempre o tempo falta,  
 Onde a alegria he sobeja.  
 E terás tamanho tento.  
 Que como isto se ordenar,  
 Venhas aqui vigiar,  
 Porque meu contentamento  
 Ninguem mo possa estorvar.

**Mercurio**

Seja feito sem debate  
 Tudo como te convem.

**Jupiter**

Pois não parece ninguem,  
 Como homem de casa bate,  
 E muda a falla tambem.

**Mercurio, batendo á porta**

Ó de la casa, en buena hora,  
 Darmehan de cenar aqui?

**Bromia dentro**

Sosea parecee que ouvi:  
 Alviçaras, minha Senhora,  
 Que na falla o conheci.

**SCENA II**

*Alcmena, Bromia, Jupiter  
 e Mercurio*

**Alcmena**

Zombais, Bromia, por ventura?

**Bromia**

Senhora, não zombo, não.

**Alcmena**

Vejo eu Amphitrião,  
 Ou a vista me affigura  
 O qu'está no coração?

**Jupiter**

Olhos, diante dos quais  
 Desejei mais este dia,  
 Que nenhuma outra alegria,  
 Senhora, nunca creais  
 Que lhe minta a phantasia.

**Alcmena**

Oh presença mais querida  
 Que quantas formou Amor!  
 Isto he verdade, Senhor?  
 Acabe-se aqui a vida,  
 Por não vêr prazer maior.

**Jupiter**

Pois esta hora de vos ver  
 Alcançar, Senhora, pude;  
 Para mais contente ser,  
 Conformem co'este prazer  
 Novas de vossa saude.

**Alcmena**

Vida foi pezada e crua  
 A saude qu'eu sostinha;  
 Qu'em quanto, Senhor, a tinha,  
 Temer perigo na sua,  
 Me fez descuidar da minha.

**Mercurio**

Y pues, mi Señora Alcmena,  
 Pese al demonio malvado,  
 No dirá á un su eriado,  
 Vengais Sosea norabuena?

**Alcmena**

Sejais, Sosea, bem chegado.

**Bromia**

Bem mal cri eu, que pudesse  
Vér-te, Sosca, hoje aqui.

**Mercurio**

Pues tambien yo no crei  
Que en mi vida te vieses.  
Segun las muertes que vi.

**Almena**

Muito, Senhor, folgarei  
Com novas do vencimento.

**Jupiter**

De tudo quanto passei,  
Por vos dar contentamento.  
Em summa vos contarei.  
Trago, Senhora, a victoria  
D'aquelle Rei tão temido.  
Com fama clara e notoria.  
Porém maior foi a gloria  
De me vér de vós vencido.  
Sem me terem resistencia,  
Os Grandes me obedecerão.  
Como ElRei morto tiverão:  
Em sinal de obediencia  
Esta copa me trouxerão.  
ElRei por ella bebia:  
(Ella, e tudo o mais he nosso)  
Por onde claro se via,  
Que tudo me obedecia,  
Pois tinha nome de vosso.

**Mercurio**

Si, mas luego do rondou  
La fortuna dió la vuelta.

**Almena**

Como?

**Mercurio**

Fué gran perdicion.  
Porque en aquella revuelta.  
Me hurtaron mi jubon.  
Pero bien me lo pagaron.

Cuando conigo riñeron;  
Que aunque me despojaron,  
Si uuo de seda llevaron,  
Otro de azotes me dieron.

**Almena**

Senhor, não posso gostar  
De gôsto, que he tão immenso,  
Senão muito devagar:  
Faça-me mercê d'entrar,  
E contar-mo-ha por extenso.

### SCENA III

*Mercurio e Bromia*

**Mercurio**

Yo tambem te contaria,  
Bromia, si quedas atrás,  
Que una noche . . . enojartehas?

**Bromia**

Que?

**Mercurio**

Soñaba, que te tenia . . .  
No me atrevo á decir mas.

**Bromia**

Dize.

**Mercurio**

Pardies, no diré.  
Soñaba . . .

**Bromia**

Bem: que souhavas?

**Mercurio**

Que cuando en la cama estavas  
Que yo . . . enfin recordé.

**Bromia**

Pois tudo isso receavas?

**Mercurio**

Sabe Dios qué yo acá siento:

Sola una alma vive en dos,  
La cual anda dentro en vos.

**Bromia**

E que quer ella cá dentro?

**Mercurio**

Tambien eso sabe Dios.

#### SCENA IV

**Mercurio**

Bem se poderá enganar  
Bromia, segundo ora estou,  
Como Alcmena s'enganou;  
Mas cumpre-me ir ordenar  
O que meu Pae me mandou.  
E porque seja guardada  
Esta porta e vigiada  
De toda a gente nascida,  
Me será cousa forçada,  
Ser tão depressa a tornada,  
Quão prestes faço a partida.

#### SCENA V

*Sosea, cantando*

Amphitrion esforzado  
Bravo vá por la batalla,  
Siete cabezas llevaba,  
De las mejores que ha hallado.

*Falla*

Quien viene de tierra agena,  
Y de la muerte escapó,  
La razon le permitió  
Que cante como sirena,  
Como agora hago yo.  
Y pues canto tan gentil,  
Fuera llanto si muriera.  
Quiero cantar como quiera,  
Una y otra, y mas de mil,  
Que digan desta manera:

*Canta*

Dongolondron, con dongolondrera,  
Por el camino de Otera,  
Rosas coge en la rosera,  
Dongolondron, con dongolondrera,

*Falla*

Cuando yo vengo á pensar  
Que uno matarme quisiera,  
No hago sino temblar,  
Porque creo si muriera,  
No pudiera mas cantar.  
Porque estando á un rincon  
De la casa adó quedé,  
Sentí muy grande ronron,  
Y mirando, que miré?  
Vi que era un gran raton.  
Empero yo nunca sigo,  
Sino consejos muy sanos;  
Que en estes casos levianos,  
Quien desprecia el enemigo,  
Mil veces muere á sus manos.  
Pero mi Señor allí  
Mató al Rey de los Glipazos:  
Yo como muerto le vi,  
Juro á mi fé, que le di  
Mas de dos mil cuchillazos.  
Y por me librar de afan,  
Me voy siempre á cosa hecha  
Probar mi mano derecha;  
Que aquel es buen capitán,  
Que del tiempo se aprovecha.  
Que quien ha de pelear,  
Ha de buscar tiempo y hora.  
Pero quiero caminar,  
Que me muero por contar  
Todo aquesto á mi Señora.

#### SCENA VI

*Mercurio e Sosea*

**Mercurio**

Mil vezes comigo vejo,  
Para que meu Pae se affoute;

Pois em tão pequeno ensejo  
 Lhe mandei tathar a noute  
 A medida do desejo.  
 E pois que como possante,  
 A mi tudo se reporta,  
 Chego agora neste instante  
 A estorvar qu'este bargante  
 Me não chegue a esta porta.

**Sosea**

No sé que miedo, ó locura,  
 Neste pecho se me cria:  
 Por Dios que se me afigura,  
 Que ha mucho que es noche oscura,  
 Sin que venga el claro dia.  
 Mas sabed, que pienso yo  
 Que el sol que no se acordó  
 De con el dia venir,  
 Que á noche quando cenó  
 Algun buen vino bebió,  
 Que le hace tanto dormir.

**Mercurio**

Ja sentes comprida a noute.  
 Qu'eu assi mandei fazer?  
 Pois mais te quero dizer,  
 Que sentirás muito açoute.  
 Se cá quizeres vir ter.  
 Porém, pois este bargante  
 Têe medroso coração,  
 Quero-me fingir ladrão,  
 Ou phantasma, e por diante  
 Não irá, se vem á mão.  
 E com tudo se passar,  
 A falla quero mudar  
 Na sua de tal feição,  
 Que conees, e porfiar,  
 Lhe fação hoje assentar  
 Que sou Sosea, e elle não.

*Falla Castellano*

No veo pasar ninguno,  
 En quien yo me pueda hartar.

**Sosea**

Á quien oigo aqui hablar?  
 Mande Dios no sea alguno  
 Que me quiera aporrear.

**Mercurio**

La carne de algun humano  
 Me seria muy sabrosa.

**Sosea**

Oh qué voz tan temerosa!  
 Hombres cones, ó mi hermano?  
 No es mejor otra cosa?  
 Carne humana es muy mezquina.  
 Oh no comas deso, nó!  
 Antes carne de gallina.  
 Pero se mas se avecina,  
 Qué mas gallina, que yo?

**Mercurio**

Una voz de hombre ahora  
 A la oreja me voló.

**Sosea**

Pésete quien me parió:  
 La voz traigo boladora?  
 Ella quisiera ser yo.  
 Pues mi voz pudo volar  
 Do la pudieses oír;  
 Por contigo no reñir,  
 Me debiera de prestar  
 Las alas para huir.

**Mercurio**

Qué buscas cabe esa puerta,  
 Hombre? Sé que eres ladron.

**Sosea**

Ay que el alma tengo muerta!  
 Oh Júpiter me convierta  
 Las tripas en corazón!

**Mercurio**

Quien eres? quieres hablar?

Sosea

Soy quien mi voluntad quiere.

Mercurio

Piensas que puedas burlar?

Sosea

Y tú puédesme quitar  
Que yo sea quien quisiere?

Mercurio

Osas hablar tan osado,  
Don vellaco bovarron?  
Dí, quien eres?

Sosea

Un criado  
Del Señor Amphitrión,  
Por nombre Sosea llamado.

Mercurio

Pienso que el seso perdiste.  
Como te llamas, mal hombre?

Sosea

Sosea soy, si no me oiste.

Mercurio

Como? en persona tan triste  
Osas d'ensuciar mi nombre?  
Estos puños llevarás,  
Pues tener mi nombre quieres.  
Quiéresme decir quien eres?

Sosea

O Señor, no me des mas,  
Que yo seré quien tú quisieres.

Mercurio

Con tan nueva falsedad  
Andais por esta Ciudad,  
Delante de quien os mira?  
Pues si sois Sosea, tomad.

Sosea

Si me dás por la verdad,  
Que me harás por la mentira?

Mercurio

Y que verdad es la tuya?  
Que te quiero dar castigo.

Sosea

Si no soy Sosea que digo,  
Que Júpiter me destruya.

Mercurio

Mirad el falso enemigo:  
Tomad este bofetón,  
Que yo soy Sosea, y no vos.

Sosea

Tú Sosea?

Mercurio

Sosea por Dios,  
Escravo de Amphitrión.

Sosea

De modo que tiene dos?

Mercurio

No tendrá, aunque tú quieres;  
Que á mi solo conoció.

Sosea

Pues luego de quein soy yo?

Mercurio

Si tú no sabes quien eres,  
Quieres que yo lo sepa? No.

Sosea

Enfin, has me de hacer creer  
Que yo no soy quien ser solia?

Mercurio

Quien solias tú de ser?

**Sosea**

Tregoa me has de prometer,  
Dirtelohé sin porfia.

**Mercurio**

Prometo.

**Sosea**

No me darás ?

**Mercurio**

No, si no fuere razon.

**Sosea**

Pues, hermano, tú sabrás  
Que mi amo Amphitrion...

**Mercurio**

Tu amo ? Puis llevarás.  
Mi amo es, que tuyo no.

**Sosea**

Ay que un brazo me quebró !

**Mercurio**

Mas que luego te matase.

**Sosea**

Ojalá Dios ordenase  
Que tú ahora fueses yo,  
Y yo que te desmeibrase !

**Mercurio**

Esa tu tema tan loca,  
Puños te la han de quitar.  
Díme, dí, vergüenza poca,  
Qué hablas ?

**Sosea**

Qué puedo bablar,  
Si me has quebrado la boca ?

**Mercurio**

Di quien eres, sin fatiga.

**Sosea**

Soy un hombre, en quien tu dás.

**Mercurio**

Díme pues, qué nombre has.

**Sosea**

Como quieres tú que diga,  
Para qué no me dés más ?

**Mercurio**

No me has de hablar contrahecho.

**Sosea**

Toda mi vida pasada  
Sosea fuy, y con despecho  
Ahora soy... qué ? No nada;  
Que tus manos me han deshecho.

**Mercurio.**

Cuyo eres, pues las sientes,  
Dejando consejos vanos ?  
La verdad; que si me mientes,  
Dás con la lengua en los dientes,  
Y yo dóyte con las manos.

**Sosea**

No conoces Amphitrion ?

**Mercurio**

Hombre sin seso te llamo.  
Tan fuera estás de razon !  
Piensas de mi, bovarron,  
Que no conozco a mi amo ?

**Sosea**

En su casa conociste  
Uno, que es Sosea llamado,  
Hombre despreciado y triste ?

**Mercurio**

Desa suerte lo dijiste ?  
Yo soy triste y despreciado ?  
Pues sabe que te llegó

Á la muerte tu fortuna.

**Sosea**

Pues logo si yo no soy yo,  
Aunque nadie me mató;  
Soy luego cosa ninguna.  
Oh dioses, que desconcierto!  
Yo por ventura soy muerto,  
O murióme la razon?  
Yo no soy de Amphitrión?  
El no me mandou del puerto?  
Yo sé que no estoy loco.  
De mi madre no naci?  
No ando? No hablo aqui?

**Mercurio**

Pues sosiega ahora un poco,  
Que yo tambien diré de mi.  
Yo no sé que yo soy yo?  
Yo no te di con mis manos?  
Mi Señor no me llevó  
A la guerra, adó mató  
Aquel Rey de los Thebanos?

**Sosea**

Yo eso muy bien lo sé.  
Empero tú qué hacias  
Cuando la batalla vias?

**Mercurio**

Escucha: yo lo diré,  
Y cesaran tus porfias.  
Cuando mi Señor andaba  
Peleando, y derramaba  
La sangre de algun mezquino;  
Con una bota de vino  
Yo la mia acrescentaba.

**Sosea**

(Dice lo que yo hacia)  
Con todo, saber queria  
Sola una cosa, si puedo:  
Tu pecho entonces sentia?

**Mercurio**

Del beber grande alegria,  
Y del pelear gran miedo.

**Sosea**

Y despues?

**Mercurio**

Muy reposado  
Á dormir me eché de grado,  
Desde el sol hasta la luna.

**Sosea**

(Todo lo tiene contado.  
Enfin, tengo averiguado  
Que yo no soy cosa ninguna)  
Pues de todo en un instante  
Me has celhado de mí fuera,  
Aconsejamos si quiera,  
Quien será daqui adelante,  
Pues no soy quien de antes era.

**Mercurio**

Cuando yo no ser quisiere  
Ese, que tú ser deseas,  
Despues que ya Sosea no fuere,  
Dartehé, si te pluguiere,  
Licencia que todo seas.  
Y acógete luego, amigo,  
Á buscar tu nombre, digo,  
Pues Dios vida te dejó;  
Que el Sosea queda conmigo:

**Sosea**

Pues contigo quedo yo,  
Dios quede, hermano, contigo.  
Ahora quiero ir allá  
Adó mi Señora está,  
Contarle como es venido  
Mi Señor. Mas, oh perdido!  
Si un otro yo tiene allá,  
Todo lo terná sabido.

**Mercurio**

Ah hombre...

**Sosea**

Mi voz souó.

Mercurio

Aonde vuelves ahora ?

Sosea

Por Dios no sé onde vo,  
Porque si yo no soy yo,  
Ni Alemena es mi Señora.

Mercurio

Adonde vas ?

Sosea

Con mensaje  
Del Señor Amphitriton  
Para Alemena.

Mercurio

Adó, salvaje ?

Pues quebraste la omenaje,  
Ahi verás tu perdicion.  
Yo doyte consejos sanos.  
Y porñas otra vez ?

Sosea

Altos dioses soberanos !  
Pues me no valen las manos.  
Aqui me valgan los pies. *Foge.*

Mercurio

Desta arte enseñan aqui  
A hurtar el nombre ageno ?

### SCENA VII

Sosea

Ay Dios, como me acogi ?  
O Jupiter alto y bueno,  
Cuan cerca la muerte vi !  
Quiérome ir á mi Señor  
Contarle quanto hé pasado ;  
Y él me dirá de grado.  
Si yo soy su servidor.  
En que cosa me hé tornado.

## ACTO III

### SCENA I

*Jupiter e Alemena*

Jupiter

Toda a pessoa discreta  
Terá, Senhora, assentado,  
Que um bem muito desejado  
Se ha de alcançar por dicta,  
Para ser sempre estimado.  
E quem alcançado tem  
Tamanho contentamento :  
Por conservá-lo convem  
Que tome por mantimento  
A fome de tanto bem.  
E por isso hei de tomar  
Este tempo tão ditoso

Para a frota visitar :  
E depois quando tornar.  
Tornarei mais desejoso.  
Que pois tão bom captiveiro  
Me tõe presa a liberdade,  
Eu lhe prometto em verdade  
Que torne ainda primeiro.  
Que mo peça a saudade.

Alemena

Aindaque se possa ir  
Mais asinha do que creio.  
Como hei d'eu consentir  
Que se haja de partir  
Na mesma noite que veio ?

Jupiter

Forçada he minha tornada,



Mas muito cedo virei;  
 Porque desque foi chegada  
 A este porto a Armada,  
 Ainda a não visitei.

**Alcmena**

Pois, Senhor, tão pouco estais  
 Com quem vistes inda agora?  
 Faça-se como mandais.

**Jupiter**

Vós me vereis cá, Senhora,  
 Primeiro do que cuidais.

**SCENA II**

*Amphitrião e Sosea*

**Amphitrião**

Emfim tu, que estás aqui,  
 Estavas já lá primeiro?

**Sosea**

Señor, crea que es así.

**Amphitrião**

Eu nunca entendi de ti,  
 Qu'eras tambem chocarreiro.

**Sosea**

Señor, yo que estoy presente;  
 No soy Sosea su criado?

**Amphitrião**

Creio que não certamente,  
 Porque Sosea era avisado,  
 E tu és mui diferente.

**Sosea**

Pues, Señor, si en mí se vé  
 Que no soy quien de antes era,  
 Vuélvome.

**Amphitrião**

E para que?

**Sosea**

Ver se á dicha me quedé  
 Durmiendo por la galera.

**Amphitrião**

Pois me queres fazer crer  
 Huma doudice tão rasa,  
 Mais quero de ti saber:  
 Como não entraste em casa  
 D'Alcmena minha mulher?

**Sosea**

Aunque Sosea quisiese,  
 La verdad no negará:  
 Aquel yo que allá está,  
 No quiso que á casa fuese  
 Estotro yo, que iba allá.  
 Y con furia tan crecida  
 Á mí se vino aquel hombre.  
 Que yo me puse en huida,  
 Y así le dejé mi nombre,  
 Por me dejar él la vida.

**Amphitrião**

Quem seria tão ousado,  
 Que tanto mal te fizesse?

**Sosea**

Yo mismo Sosea llamado,  
 Que á casa era ya llegado,  
 Antes que de acá partise.

**Amphitrião**

Tu chegaste antes de ti?  
 Este he gentil disparate.

**Sosea**

Pues mas le digo daqui,  
 Que vengo huyendo de mí,  
 Porque yo mismo no me mate.

**Amphitrião**

Erão dous, ou era hum só,  
 Quem te fez assi fugir?

**Sosea**

Pésete quien me parió :  
 Digo, que era un solo yo :  
 Mil veces lo hé de decir ?  
 Puede ser que naceria  
 De aquel hombre otro alguno,  
 Como aquel de mí nacia ;  
 Porque aunque fuese él uno,  
 Por mas de quatro tenia.  
 El tenia mi aparencia,  
 Empero yo nunca vi  
 Tal fuerza, ni tal potencia :  
 Esta sola diferencia  
 Le tengo hallado de mí.

**Amphitrião**

Pudeste delle saber  
 Cujo era ?

**Sosea**

Quien ? aquel yo ?  
 Tuyo, Señor, dijo ser.

**Amphitrião**

Nunca eu tive mais que hum só,  
 E esse não quizera ter.

**Sosea**

Pues, Señor, si el bien doblado  
 Te le muestra agora Dios,  
 Debe ser de ti alabado ;  
 Pues de uno solo criado  
 Te ha hecho agora dos.

**Amphitrião**

Antes para que conheças,  
 Que cousa he máo servidor.  
 Me pezará se assi for ;  
 Que de tão ruins cabeças,  
 Quantas mais, tanto peor.  
 E ja que são tão incertos  
 Teus ditos para se crer ;  
 Muito melhor deve ser  
 Que deixe teus desconcertos.  
 E vá vêr minha mulher.

**SCENA III****Alcmena**

Que fado, que nascimento  
 De gente humana na-cida,  
 Que d'escasso e avarento,  
 Nunca consentio na vida  
 Perfeito contentamento !  
 Amphitrião, que mostrou  
 Hum prazer tão desejado  
 A quem tanto o desejou ;  
 Na noite, que foi chegado,  
 Nessa mesma se tornou !  
 De se tornar tão asinha  
 Sinto tanto entristecer  
 O sentido e alma minha,  
 Que certo que me adivinha  
 Algum novo desprazer.  
 Mas parece este que vem,  
 Se não eston enganada :  
 Se elle he, venha com bem,  
 Pois que com sua tornada  
 Tão transtornada me tem.

**SCENA IV**

*Amphitrião, Alcmena e Sosea*

**Amphitrião**

Com que palavras, Senhora,  
 Poderei engrandecer  
 Tão sublimado prazer,  
 Como he vêr chegada a hora,  
 Em que vos pudesse ver ?  
 Certo grão contentamento  
 Tive de meu vencimento ;  
 Mas maior o hei de mim,  
 De me vêr posto no fim  
 De tão longo apartamento.

**Alcmena**

Ja eu disse o que sentia

De vinda tão desejada.  
Mas diga-me todavia :  
Como não foi vêr a Armada,  
Que me disse hoje este dia ?

Amphitrião

Della venho eu inda agora  
Desejoso de vos ver,  
Muito mais que de vencer.  
Mas que me dizeis, Senhora,  
Que hoje me ouvistes dizer ?

Alcmena

Se não estava remota,  
Certamente que lhe ouvi,  
Quando hoje partio daqui,  
Que tornava a vêr a frota,  
Porque era forçado assi.

Amphitrião

Sosea.

Sosea

Señor, aqui estoy yo.

Amphitrião

Tu ouves tal desconcerto ?

Sosea

Grandes orejas ganó,  
Pues estando en casa oyó  
Quien estava allá nel puerto !

Amphitrião

Quando dizeis, que m'ouvistes ?

Alcmena

Hoje, quando vos partistes.

Amphitrião

D'onde ?

Alcmena

Daqui, de me vêr.

Amphitrião

Nunca vi grande prazer,

Que não tenha os cabos tristes.  
Quantos males d'improviso  
Que causão grandes mudanças !  
Que mulher de tanto aviso,  
Agora minhas lembranças  
A tõe fóra de juizo !

Alcmena

Quereis-me fazer cuidar  
Que poderia sonhar  
O que pelos olhos vi ?  
Nunca vos eu mereci  
Querêdes-me exprimentar.

Amphitrião

Postoque he para pasmar  
Vêr hum caso tão estranho,  
Todavia hei de attentar,  
Se poderei concertar  
Hum desconcerto tamanho.  
Quando dizeis que vim cá ?

Alcmena

Esta noite que passou.

Amphitrião

Dae-me alguma que aqui se achou,  
Que me visse.

Alcmena

Esse que hi está,  
Sosea que comyoseo andou.

Amphitrião

Sosea, podes-te lembrar,  
Que hontem me vistes aqui ?

Sosea

Nunca yo supé de mí  
Que me pudiese acordar  
De aquello que nunca vi.

Alcmena

Ora eu creio, e he assi,  
Que arxos vindes conjurados,

Para zombardes de mi;  
Mas eu darei hoje aqui  
Sinaes que seião provados.

**Amphitrião**

Que sinaes pôde ali haver  
De mentira tão notoria,  
Que nem foi, nem pôde ser?

**Alcmena**

Donde vim em eu a saber  
Novas de vossa victoria?

**Amphitrião**

Que novas?

**Alcmena**

Dir-vo-las-hei,  
Assim como mas contastes:  
Que na batalha matastes  
Aquelle soberbo Rei,  
E tudo desbaratastes:  
Não fazendo resistencia  
N'uma batalha tão crua,  
Dando-vos obediencia,  
Vos derão huma copa sua,  
Lavrada por excellencia.

**Amphitrião**

Sosea he culpado só  
Nestes acontecimentos

**Sosea**

Señor, son encantamientos,  
Porque aquel hombre, que es yo,  
Le contaria estos cuentos.

**Amphitrião**

Quem he esse, que vos deu  
Taes novas, saber queria?

**Alcmena**

Quem mo pergunta.

**Amphitrião**

Quem? Eu!  
Quereis-me fazer sandeu?

**Alcmena**

Más vós me fazeis sandia.

**Amphitrião**

Ora quero perguntar:  
Que fiz sendo aqui chegado?

**Alcmena**

Puzemos-nos a cear.

**Amphitrião**

E depois de ter ceado?

**Alcmena**

Fomos-nos ambos deitar.

**Amphitrião**

Nunca queira Deos que possa  
Achar-se na minha honra  
Nenhuma falta nem moessa:  
Seja isto doudice vossa,  
Antes que minha deshonra.

**Sosea**

Bien lo supe yo entender,  
Que era esto encantaciones;  
Y ahora me habrá de erer  
Que dos Soseas puede haber,  
Pues hay dos Amphitriones.

**Alcmena**

Com me quererdes tentar  
Tão torvada me fizestes,  
Que me não pôde lembrar  
Que vos mandasse mostrar  
A copa que me hontem déstes.

**Amphitrião**

Eu? copa? Se isso ali ha,  
Que estou doudo cuidarei.

**Sosea**

Señor, bien guardada está.

**Alcmena**  
**Bromia?**  
**Bromia, de dentro**  
 Senhora.  
**Alcmena**  
 Dae cá  
**A** copa que hontem vos dei.

**Sosea**  
 Pues yo parí otro yo,  
 Y vós otro Amphitrión,  
 No es mucha admiración,  
 Si la copa otra parió,  
 Ni aun fuera de razon.

## SCENA V

*Amphitrião, Alcmena, Sosea  
 e Bromia*

**Bromia**  
 Eis-aqui a copa vem,  
 Testimunho da verdade.

**Amphitrião**  
 Oh estranha novidade!

**Alcmena**  
 Poder-me-ha dizer alguém  
 Que o que digo he falsidade?

**Amphitrião**  
 Sosea, quando hontem cá vinhas,  
 Poder-me-has negar, ladrão,  
 Que lhe déste as novas minhas,  
 E mais a copa que tiuhas  
 Guardada na tua mão?

**Sosea**  
 Señor, que no pude, no,  
 Vêr á mi Señora Alcmena:  
 Si aquél eso acá ordenó,

No lleve este yo la pena  
 Del mal que hizo el otro yo.

**Amphitrião**  
 Ora eu não sei entender  
 Tal caso, nem lhe acho fundo:  
 Com tudo venho a dizer,  
 Que ha tantos males no mundo,  
 Que tudo se pôde erer.  
 Se vos trouxer quem vos diga  
 Como esta noite dormi  
 Na não, creereis que he assi?

**Alcmena**  
 Nenhuma cousa me obriga  
 A que não creia o que vi.

**Amphitrião**  
 Se o Patrão aqui vier,  
 Que he homem d'autoridade,  
 Creereis o que vos disser?

**Alcmena**  
 Sim, que ninguem pôde haver  
 Que me negue esta verdade.

**Amphitrião**  
 Eu estou em conerusão  
 D'hoje desembaraçar  
 Tão enleada questão:  
 A não me quero tornar  
 A trazer cá Belferrão.  
 Sosea, até minha tornada  
 Fica nesta casa em vela;  
 Qu'eu armarei tal cilada  
 A quem ma a mim tõe armada,  
 Que venha hoje a cahir nella.

## SCENA VI

*Alcmena e Bromia*

**Alcmena**  
 Oh mulher triste e suspensa

Da mais alta confusão  
 Que nunca vio coração!  
 Em que mereces a offensa,  
 Que te faz Amphitrião?  
 Sempre de mi foi amado,  
 Tanto quanto em mi se sente,  
 Co'o coração tão liado,  
 Que se de mi era ausente,  
 Nelle o via figurado.  
 E pois mulher, que cumprisse  
 Melhor qu'eu fidelidade,  
 Não a vi, nem quem me visse  
 Que dos limites sahisse  
 Hum pouco da honestidade.  
 Pois porque he tão maltratada  
 Innocencia tão singella?  
 Que a pena mais apertada,  
 He a culpa levantada  
 Ao coração livre d'ella.  
 Mas ja que minh'alma está

Sem culpa do que padeço,  
 Seja o que fôr; qu'eu conheço  
 Que a verdade me porá  
 No qu'eu pola ter mereço.  
 Bromia?

Bromia

Senhora.

Alcmena

Hi mandar

A Feliseo, que vá  
 Meu primo Aurelio chamar;  
 Que lhe quero perguntar  
 Que conselho me dará.  
 E pois que Amphitrião  
 Vai buscar sómente quem  
 Lhe ajude a sua tenção,  
 Quero eu ter aqui tambem  
 Quem me defenda a razão.

## ACTO IV

### SCENA I

*Jupiter, Alcmena e Seseu*

Jupiter

Grão desconcerto tõe feito  
 Amphitrião com Alcmena!  
 Qualquer delles tõe direito:  
 Eu sou o que venço o preto,  
 E ambos págão a pena.  
 Quero-me ir lá desfazer  
 Tão trabalhosa demanda,  
 Por nos tornarmos a ver;  
 Porque, enfim, quem muito quer  
 Com qualquer desculpa abraunda.  
 E pois ja que a affeição  
 Ha de mudar tão asiuha,  
 Quero ir alcançar perdão  
 Da culpa, que sendo minha,  
 Parece d'Amphitrião.

Alcmena

Parece que torna cá  
 Amphitrião, que ja se se hia:  
 Não sei a que tornará,  
 Senão se lhe peza ja  
 Dos enganos que tecia.

Jupiter

Senhora, não haja error  
 Que tantos males me faça,  
 Porque se o contrario for,  
 Pequeno será o amor,  
 Que manencória desfaça.  
 E pois com tanta alegria  
 De tantos perigos vim,  
 Pezar-me-ha se achar no fim,  
 Que uma leve zombaria  
 Vos possa aggravar de mim.

Alcmena

Com palavras de deshouna

Não se ha de tratar quem ama;  
 Nem zombaria se chama,  
 Pôr experimentar a honra,  
 Pôr em tal perigo a fama.  
 Bem tive eu para mim,  
 Que era aquillo experiencia.

**Jupiter**

Errei no que comnetti:  
 Bem me basta a penitencia  
 De quanto me arrependi.  
 E se fiz algum error,  
 Com que vosso amor se mude  
 De quem vo-lo tõe maior;  
 Não exprimentei virtude,  
 Mas exprimentei amor.  
 Que se com caso tão vário  
 Folguei de vos agastar,  
 Foi amor accrescentar;  
 Porque ás vezes hum contrário  
 Faz seu contrário avisar.  
 Daqui vem, que a leve mágoa  
 Firmeza e affeições augmenta,  
 Como bem se vé na frágua,  
 Onde o fogo se accrescenta,  
 Borrifando-o com pouca água.  
 Se hum mal grande se alevanta  
 N'hum coração que maltrata,  
 A affeição se desbarata;  
 Porque onde a água he tanta  
 O fogo d'amor se mata.  
 E pois tive tal tonção,  
 Perdoae, Seuhora, a culpa  
 D'este vosso coração.

**Alcmena**

Não se alcança assi perdão  
 D'erro que não tõe desculpa.

**Jupiter**

Ora pois assi tratais  
 Quem em tanto risco pôs  
 O amor que vós negais,  
 Eu m'ausentarei de vós  
 Onde mais me não vejais.

Que, pois desculpa não tem  
 Coração que tanto quer,  
 Vou-me; que não será bem  
 Que quem vós não podeis ver,  
 Que possa mais vêr ninguém.  
 Se algum'hora meu cuidado  
 Vos der dôr, em que pequena:  
 Peço-vos, pois fui culpado,  
 Que vos não peze da pena  
 De quem vos foi tão pezado.  
 E depois que a desventura  
 Puzer este coração  
 Debaixo da sepultura,  
 As letras na pedra dura  
 Vossa dureza dirão.  
 Isto vos hei de dizer,  
 Que m'ensinou minba dor:  
 Se quizerdes leda ser,  
 Nunca experimenteis amor  
 Em quem vol-o não tiver.  
 Deixae-me ir; não me tenhais.

**Alcmena**

Amphitrião, não choreis!  
 Amphitrião!

**Jupiter**

Que quereis,  
 Ou para que nomeais  
 Homem, que vêr não podeis?

**Alcmena**

Amphitrião, s'eu causei  
 Com manencória pequena  
 Cousa, com que o magoei;  
 Eu quero cahir na pena  
 Dessa culpa que lhe dei.

**Jupiter**

Sempre serei magoadado  
 Se vossa má condição  
 Me não perdôa o passado.

**Alcmena**

Perdôo, e peço perdão  
 De lhe não ter perdoado.

Sosea

No le perdone, Señora,  
Hasta que con devocion  
Tambien me pida perdon;  
Que bien se me acuerda ahora  
Que me ha llamado ladron.

Jupiter

Sosea?

Sosea

Señor.

Jupiter

Vae buscar

O Piloto Belferrão;  
Dir-lhe-has, se desembarcar,  
Que me parece razão  
Que venha hoje cá ceiar.

Sosea

Sí, Señor, voy á la hora.

Jupiter

De nenhuma qualidade  
Cure de fazer demora.  
E nós vamos-nos, Senhora,  
Confirmar nossa amizade.

## SCENA II

Mercurio

Grandes revoltas vão lá,  
Grandes acontecimentos!  
Cumpre-me que esteja cá,  
Em quanto meu pae está  
Em seus desenfadamentos.  
Porque vi Amphitrião  
Vir da náó mui apressado;  
E tendo corrido e andado,  
Não pôde achar Belferrão,  
Que lhe era bem escusado.  
Parece-me que virá  
Vêr se lhe abre aqui alguem;

Mas, porém, se chega cá,  
Ja pôde ser que se vá  
Mais confuso do que vem.

## SCENA III

*Mercurio e Amphitrião*

Amphitrião

Quiz-nos nossa natureza  
Com tal condição fazer,  
Que já temos por certeza  
Não haver grande prazer,  
Sem mistura de tristeza.  
Este decreto espantoso,  
Que instituiu nossa sorte,  
He tal e tão rigoroso,  
Que ninguem antes da morte  
Se pôde chamar ditoso.  
Com esta justa balança  
O fado grande e profundo  
Nos refreia a esperanza.  
Porque ninguem n'este mundo  
Busque bem-aventurança.  
Eu, que cuidei de viver  
Sempre contente de mi  
Com tamanho Rei vencer,  
Venho achar minha mulher  
De todo fóra de si.  
Mas d'ontra parte que digo?  
Que s'he verdade o que vi,  
E o que ella diz he assi,  
Virei a cuidar comigo  
Qu'eu sou o fóra de mi.  
Quero vêr se a acho ja  
Fóra de tão seccos nós.  
Ó de casa?

Mercurio

O de allá?

Quien sois?

Amphitrião

Abre.



Mercurio

Santo Dios!  
Pues no os conocen acá

Amphitrião

Oh que gentil desvario!  
Abri-me ora se quizerdes.

Mercurio

No haré, que en mi confio  
Que de fuera dormiredes,  
Que no comigo, amor mio.  
(Que canción para oír!)

Amphitrião

Ah Sosea! zombas de mi?  
(Ora quero-me fingir  
Que ainda o não conheci,  
Por vêr se me quer abrir)  
Ah Senhor, não abrireis?

Mercurio

Qué quereis, hombre, por Dios?

Amphitrião

Duas palavras de vós.

Mercurio

Tengo dicho mas de seis,  
E ahora me pedis dos?  
De fuera podeis dormir,  
Que entrar no podeis acá.

Amphitrião

Ora acabae, abri lá.

Mercurio

Digo que no quiero abrir:  
Dije dos palabras ya.

Amphitrião

Ora sus, bargante, abri.

Mercurio

Si no te vuelves de aqui,  
A gran peligro te ofreces.

Amphitrião

Velhaco, não me conheces,  
Ou estás fóra de ti?

Mercurio

Bonito venis, amor.  
Quien sois, que hablais tan osado?

Amphitrião

Abre, que sou teu Senhor.

Mercurio

Vuélvase de esotro lado,  
Y conocerlehé mejor.

Amphitrião

Sosea moço.

Mercurio

Asi me llamo,  
Huélgome que lo sepais;  
Empero digo que os vais,  
Que Amphitrião es mi amo;  
Vos id buscar quien seais.

Amphitrião

Pois quero saber de ti:  
Eu quem sou?

Mercurio

Y quien sois vós?  
Como os llaman?

Amphitrião

Abri.

Mercurio

Á vos os llaman Abri?  
Pues, Abri, andad con Dios.

**Amphitrião**

Quem ha, que possa soffrer  
Em sua honra tal destrôçç,  
Que para me endoudeecer  
Me tõe negado a mulher,  
E agora me nega o moço?

**Mercurio**

Mira el encantador  
Como se lastima e llora.  
Y fuese tomar ahora  
La forma de mi Señor.  
Para enganar mi Señora.  
Pues esperad, y no os vais.  
Por un espacio pequeno:  
Verná quien representais.  
Y él os hará que volvais  
El falso gesto á su dueño.

**Amphitrião**

Vae, velhaco, e chama cá  
Esse falso feiticeiro;  
Que se elle lá dentro está.  
Esta espada julgará  
Qual de nós he o verdadeiro.

**SCENA IV**

*Amphitrião, Sosea e Belferrão*

**Belferrão**

Ora ninguém presunira  
Que tinhas tão pouco siso;  
Pois vás achar d'improviso  
Tão bem forjada mentira.  
Que me faz cahir de riso.  
Hum moço, que alevantou  
Tal graça, nunca nasceo:  
Porque vos jura que achou  
Que ou elle em dons se perdôo,  
Ou de hum dons se tornou.

**Sosea**

Patron, que no burlo, no:

En uno son dos unidos,  
Y en dos cuerpos repartidos;  
Yo soy él, y él es yo,  
De un padre y madre nacidos.

**Belferrão**

Esse tu que láestás,  
Tão velhaco he coma ti?

**Sosea**

Mas aun pienso que es mas:  
Por delante y por detrás  
Todo se parece á mi.  
Y fue gran merced de Dios  
Ayuntar á mí mas uno,  
Que peor fuera de nos,  
Si Dios me hiciera ninguno,  
Que no de uno hacer dos.

**Belferrão**

Assi que, se te perdeste  
Vieste a cobrar mais hum:  
Mui gentil conta fizeste,  
Pois que perdido soubeste  
Que eras dons, sendo nenhum.

**Sosea**

Pues teneis por abusion  
Verdad tan clara, y tan rasa,  
Aunque pone admiracion;  
Quiera Dios, que allá en casa  
No halleis otro Patron.

**Amphitrião**

O Patrão, que fui buscar,  
Parece que vejo vir!  
Não sei quem o foi chamar;  
Mas que me ha de aproveitar  
Se me não querem abrir?  
Ah Belferrão!

**Belferrão**

Ah Senhor!  
Ja sinto que fui culpado;  
Porque quem he convidado,

Se tão vagaroso for,  
Merece não ser chamado.

**Amphitrião**

A vós quem vos convidou?

**Belferrão**

Sosea, por mandado seu.

**Amphitrião**

Disso Patrão, não sei eu,  
Que Sosea já me negou,  
E ja se não dá por meu.  
E se alguém vos foi dizer  
Qu'eu vos chamo á minha mesa;  
Mal vos dará de comer  
Quem de todo lhe é defesa  
A casa, e mais a mulher.

**Belferrão**

Quem he esse tão ousado,  
Que vos isso faz, Senhor?

**Amphitrião**

Sosea, creio que enganado  
Por algum encantador,  
Que a honra me tõe roubado.

**Belferrão**

Se elle aqui comigo vem,  
Isso como póde ser?

**Amphitrião**

Ah! que a ira que vou ter,  
Tão cega a vista me tem,  
Que mo não deixava ver.  
Porque razão, cavalleiro,  
Não me abris quando vos mando?  
Vós fazeis-vos chocarreiro?

**Sosea**

Yo Señor? y como? y quando?

**Amphitrião**

Quereis-lo saber primeiro?

Esperae, dir-se-vos-ha,  
Mas será por outro son.

**Sosea**

Ah Señor Amphitrión,  
Porque matándome está,  
Sin delito, y sin razon?

**Amphitrião**

Agora que vos eu dou  
Mê chamais Amphitrião,  
E para me abrides não.

**Belferrão**

Este moço em que peccou?  
Porque pena sem razão?  
Não mais por amor de mi.

**Amphitrião**

Não, que não sou seu Senhor:  
Eu sou hum encantador.  
Não o dizeis vós assi,  
Ladrão, perro, enganador?

**Sosea**

Porque fuy presto á llamar  
Por su mandado al Patron,  
Me quiere ahora matar?

**Amphitrião**

Quem vo-lo mandou buscar?

**Sosea**

Si no hay otro Amphitrión,  
Vuestra merced sin dudar.

**Amphitrião**

Eu te mandei?

**Sosea**

Si Señor,

Si otro no.

**Amphitrião**

Outro ha aqui,  
Por quem tu zombes de mi?

Pois só desse encantador  
Me quero vingar em ti.

Sosea

Oh Júpiter, á quien bramo

Por su bondad que me vala!  
Pues porque Sosea me llamo,  
Yo mismo, y despues mi amo,  
Me dieron venida mala!

## ACTO V

### SCENA I

*Jupiter, Belferrão, Sosea e Amphitrião.*

Jupiter

Quem he o tão atrevido,  
Que aqui ousa de fazer  
Tão revoltoso arruïdo  
Com meus moços, sem temer,  
Que fui sempre tão temido?  
Quem aqui faz união,  
Toma mui grande despejo.

Belferrão

Oh grande admiração!  
Vejo eu outro Amphitrião,  
Ou he sonho isto que vejo?

Sosea

No mirais la encantacion,  
Que aquel hizo á tal Señor?  
El que sale, Belferron,  
Es el cierto Amphitrión,  
Que estotro es encantador.

Jupiter

Sosea?

Sosea

Mi Señor, ya vó.

Jupiter

Patrão, só por vós espero.

Sosea

No os lo dicia yo,

Que este era el verdadero,  
Y esse que allá queda, no?

Amphitrião

Bargante, aonde te vás?  
Fazes teu Senhor sandeu?  
Pois espera, e levarás.

Jupiter

Ó lá, tornae por detrás,  
Não deis no moço, que he meu.

Amphitrião

Vosso?

Jupiter

Meu.

Amphitrião

Póde isto haver,  
Que outrem minhas cousas tome?  
Vós galante haveis de ser,  
O que me tomais o nome,  
Casa, moços e mulher.  
Eu vos farei conhecer  
Com quem tendes esse trato.

Jupiter

Sosea?

Sosea

Señor.

Jupiter

Vae dizer,  
Que apparelhem de comer,

Em quanto este doudo mato.

**Belferrão**

Oh Senhor, não seja assim,  
Haja em vós concôrto algum!  
E senão, pois aqui vim,  
Farei que só tome em mim  
Os golpes de cada hum.

**Jupiter**

Patrão, vossa boa estrella  
Me fará deixar com vida  
Quem me não merece tella.

**Amphitrião**

Não a tenho eu merecida,  
Pois que vós deixo com ella.

**Belferrão**

O homem que fôr sisudo,  
N'humã tão grandê questão  
Ha de tomar por escudo  
A justiça, e a razão;  
Que estas armas vencem tudo.  
E pois essa natureza  
Muitos homens faz ignaes,  
Dê qualquer de vós signais  
De quem he, para certeza  
Da fórma que ambos mostrais.

**Jupiter**

Sou contente de mostrar  
Polos sinaes que vos dou,  
Que são estes sem faltar.

**Amphitrião**

Que sinaes podeis vós dar,  
Para que sejais quem sou?

**Jupiter**

Estes, que logo vereis  
Se são vãos, se de raiz.  
Patrão, vós sêde juiz,  
Que vós logo enxergareis  
Qual mais verdade vos diz.

**Belferrão**

Eu não sinto onde consista  
A cura desta doença,  
Que ha tão pouca differença,  
Que aquelle em que ponho a vista,  
Por'esse dou a sentença.  
Mas, Senhor, vós que ordenastes  
Que o juiz d'isto fosse eu,  
Quando se a batalha deu,  
Dizei, que m'encommendastes  
Que ficasse a cargo meu?

**Jupiter**

Dei-vos cargo, qu'estivesse  
Toda a Armada a bom recado,  
E, se mal nos succedesse,  
Que para os vivos houvesse  
O refúgio apparelhado.

**Belferrão**

Ora vós quantos dobrões  
Esse dia m'entregastes?

**Amphitrião**

Tres mil; e vós os contastes.

**Belferrão**

Ambos sois Amphitriões  
Pelos sinaes que mostrastes.

**Jupiter**

Para ser mais conhecida  
A tenção d'este sandeu,  
Vêde est'outro sinal meu,  
Que he neste braço a ferida  
Que me ElRei Terela deu.

**Belferrão**

Mostrse, vós, Senhor, tambem.

**Amphitreão**

Aqui o podeis olhar.

**Belferrão**

Oh cousa para espantar!

Que ambos a ferida tem  
D'hum tamanho, em hum lugar!

## SCENA II

*Jupiter, Amphitrião e Sosea*

**Sosea**

Dice mi Señora Alcmena  
Que no se ha de así de estar  
Com un bobo á razonar,  
Que se le enfria la cena.

**Jupiter**

Belferrão, vamos cear.

**Amphitrião**

Belferrão, não me deixeis.  
Como? tambem me negais?

**Jupiter**

Andae, não vos detenhais,  
Vamos comer, se quereis,  
Não ouçais hum doudo mais.

**Amphitrião**

Ah mãos! assi me ordenais  
Offensa tão mal olhada?  
Eu farei, se m'esperais,  
Com que todos conheçais  
Os fios da minha espada.

**Jupiter**

As portas prestes fechemos,  
Não entre este doudo cá.

**Sosea**

De fuera se dormirá:  
Entre tanto que cenemos,  
Puede pasearse allá.

## SCENA III

*Amphitrião, só*

Oh ira para não erer,

Em que minh'alma se abraza,  
Que me faz endoudecer,  
E não me ajuda a romper  
As paredes desta casa!  
E porque? Não tenho eu  
Forças, que tudo destrua?  
Pois que tanto a salvó seu,  
Outrem acho que possua  
A melhor parte do meu;  
Eu irei hoje buscar  
Quem me ajude a vir queimar  
Toda esta casa sem pena,  
Donde veja arder Alcmena,  
Com quem a vejo enganar.

## SCENA IV

*Aurelio e Moço*

**Aurelio**

No hallo á mis males culpa,  
Para que merezca pena  
La causa que me condena.

**Moço**

Essa está gentil desculpa  
Para hoje dar a Alcmena;  
Têe-no mandado chamar,  
E elle está tão descuidado!

**Aurelio**

Moço, queres-me matar?  
Que desculpa posso eu dar  
Melhor qu'este meu cuidado?

**Moço**

E não há mais que fazer?  
Com isso a boca me tapa  
Para mais nada dizer?

**Aurelio**

Ora dá-me cá essa capa,  
E vamos vêr o que quer:  
Não trates de mais razão,  
Pois não ha quem te resista.

Que vejo? outra novação!

Moço

Que he?

Aurelio

Ou me mente a vista,

Ou eu vejo Amphitrião.

Moço

Eu ouvi a Feliseo,  
Quando cá trouxe o recado,  
Como elle era chegado,  
E quiz-me dizer que veo  
Do siso desconcertado.

Aurelio

Isso quero eu ir saber,  
Pois que tal cousa se sôa.

### SCENA V

*Aurelio e Amphitrião*

Aurelio

Senhor, pôde-se dizer  
Que a vinda seja mui boa?

Amphitrião

Essa não pôde ella ser.

Aurelio

Porque não?

Amphitrião

Porque he roubada

Minha honra sem temor,  
E minha casa tomada,  
E vossa Prima enganada  
Por hum grande encantador.

Aurelio

Isso he certo?

Amphitrião

E manifesto:

E tudo tõe ja por seu  
Adúltero e deshonesto:  
Tõe-me tomado o meu gesto,  
E faz-lhe crêr que sou eu.

Aurelio

Contais hum caso d'espanto!  
E pois não podeis entrar,  
Defendei-me por em tanto,  
Que eu hei de lá chegar,  
Para vêr quem pôde tanto.

### SCENA VI

*Amphitrião só*

Se vêr deshonra tão clara  
Me não tivera o sentido  
Totalmente endoudecido,  
Que gravemente chorára  
Vêr tão grande amor perdido!  
E quando vejo a verdade  
Do nosso amor e amizade  
Desfeita com tanta mágoa,  
Enchem-se-me os olhos d'ágoa,  
E a alma de saudade.  
Assi que quiz minha estrella,  
Para nunca ser contente,  
Que agora, estando presente  
Viva mais saudoso d'ella,  
Que quando della era ausente.  
Esta porta vejo abrir  
Com impeto demasiado,  
Que poderei presumir,  
Que vejo Aurelio sahir,  
Como homem desatinado?

### SCENA VII

*Amphitrião, Aurelio, Belferrão  
e Sosea*

Aurelio

Oh estranha novidade!  
Oh cousa para não crer!

**Belferrão**

Venho cego de verdade,  
Que não puderão soffrer  
Meus olhos a claridade.

**Sosea**

Oh triste, que vengo ciego  
Con rayos, y com visiones !  
Y destas encantaciones,  
Si nuestra casa arde em fuego,  
Han se de arder mis colchones

**Aurelio**

Vamos a Amphitrião  
Contar-lhe cousas tamanhas.

**Amphitrião**

Que vai lá? que cousas vão?

**Aurelio**

Maravilhas tão estranhas,  
Que me treme o coração.  
Porque aquelle homem, que assi  
Tantos enganos teceo,  
Como era cousa do Ceo,  
Tanto qu'eu appareci,  
Logo desapareceo.  
E em desaparecendo  
Com ruido grande e horrendo.  
Toda a casa allumiou;  
E de arte nos inflammou,  
Que nos vimos acolhendo

Do raio que nos cegou.  
Estes acontecimentos  
Não são de humana pessoa.  
Vós ouvis a voz que soa?  
Escutac, estae attentos;  
Vejamos o que pregôa.

**Jupiter, de dentro**

Amphitrião, qu'em teus dias  
Vês tamanhas estranhezas,  
Não t'espantem phantasias,  
Que ás vezes grandes tristezas  
Parem grandes alegrias.  
Jupiter sou munifesto  
Nas obras de admiração,  
Que por mi causadas são:  
Quiz-me vestir em teu gesto,  
Por honrar tua geração.  
Tua mulher parirá  
Hum filho de mi gerado,  
Que Hercules se chamará,  
O mais valente e esforçado,  
Que no mundo se achará.  
Com este, teus successores  
Se honrarão de serem teus;  
E dar-lhe-hão os escriptores,  
Por doze trabalhos seus,  
Doze milhões de louvores.  
E dessa illustre fadiga  
Colherás mui rico fructo:  
Emfim, a razão me obriga  
Que tão pouco d'elle diga,  
Porque o tempo dirá muito.



# FILODEMO

## INTERLOCUTORES

**Filodemo.** — **Vilardo,** seu Moço. — **Dionysa.**

**Solina,** sua Moça. — **Venadoro.**

**Monteiro.** — **Duriano,** Amigo de Filodemo. — **Hum Pastor.**

**Hum Bobo,** Filho do Pastor. — **Florimena,** Pastora.

**Dom Lusidardo,** Pae de Venadoro.

**Doloroso,** Amigo de Vilardo. — **Tres Pastores.**

## ARGUMENTO

Hum Fidalgo Portuguez, que acaso andava nos Reinos de Dinamarca, como por largos amores e maiores serviços, tivesse alcançado o amor de huma filha d'ElRei, foi-lhe necessario fugir com ella em huma galé, por quanto havia dias que a tinha prenhe. E de feito, sendo chegado á costa de Hespanha, onde elle era senhor de grande patrimonio, armou-se-lhe grande tormenta, que sem nenhum remedio, dando a galé á costa, se perdêrão todos miseravelmente, senão a Princeza, que em huma taboa foi á praia: a qual, como chegasse o tempo de seu parto, junto de huma fonte pario duas crianças, macho e femea; e não tardou muito que hum pastor Castellhano, que naquellas partes morava. ouvindo os tenros gritos dos meninos, lhe acudio a tempo que a Mãe ja tinha espirado. Crescidas, emfim, as crianças debaixo da humanidade e criação daquelle pastor, o macho que Filodemo se chamou á vontade de quem os baptizara, levado da natural inclinação, deixando o campo, se foi para a cidade, aonde por musico e discreto, valeo muito em casa de D. Lusidardo, irmão de seu Pae, a quem muitos annos servio sem saber o parentesco que entre ambos havia. E como de seu Pae não tivesse herdado nada mais que os altos espiritos, namorou-se de Dionysa, filha de seu Senhor e Tio, que incitada ao que por suas obras e boas partes merecia, ou porque ellas nada engeitão, lhe não queria mal. Aconteceo mais, que Venadoro, Filho de D. Lusidardo, mancebo fragueiro, e muito dado ao exercicio da caça, andando hum dia no campo após hum cervo, se perdeo dos seus; e indo dar em huma fonte, onde estava Florimena, Irmã de Filodemo (que assim lhe pozerão o nome) enchendo huma talha de água, se perdeo de amores por ella, que se não soube dar a conselho, nem partir-se donde ella estava, até que seu Pae o não foi buscar. O qual informado pelo pastor que a criára (que era homem sabio na Arte Magica) de como a achára e como a criára, não teve por mal de casar a Filodemo com Dionysa sua Filha, e Prima de Filodemo; e a Venadoro seu Filho, com Florimena sua Sobrinha, Irmã de Filodemo pastor; e tambem pela muita renda que tinha e de seu Pae ficára, de que elles erão verdadeiros herdeiros. Das mais particularidades da Comedia, fará menção o Auto, que he o seguinte.

## ACTO I

## SCENA I

*Filodemo e Vilardo*

Filodemo

Moço Vilardo?

Vilardo

Ei-lo vae.

Filodemo

Fallae era má, fallae,  
E sahi cá para a sala.  
O villão como se cala!

Vilardo

Pois, Senhor, sahi a meu Pac,  
Que quando dorme não fala.

Filodemo

Trazei cá huma cadeira:  
Ouvís, villão?

Vilardo

Senhor, sim.  
(Se m'ella não traz a mim,  
Vejo-lh'eu ruim maneira.)

Filodemo

Acabae, villão ruim.  
Que moço para servir  
Quem tõe as tristezas minhas!  
Quem pudesse assi dormir!

Vilardo

Senhor, nestas manhãzinhas  
Não ha hi senão cahir:  
Por demais he trabalhar  
Qu'este somno se me ausente.

Filodemo

Porque?

Vilardo

Porque ha d'assentar  
Que se não fôr com pão quente,  
Não ha de desafferrar.

Filodemo

Ora hi pelo que vos mando,  
Villão feito de fermento.

*Sahe Vilardo*

Triste do que vive amando  
Sem ter outro mantimento,  
Qu'estar só phantasiando!  
Só hũa cousa me descuiça  
Deste cuidado que sigó,  
Ser de tamanho perigo,  
Que cuido que a mesma culpa  
Me fica sendo castigo.

*Vem o moço, e assenta-se na cadeira  
Filodemo, e diz ávante:*

Ora quero praticar  
Só comigo hum pouco aqui;  
Que depois que me perdi,  
Desejo de me tomar  
Estreita conta dé mi.  
Vae para fóra, Vilardo.  
Torna cá: vae-me saber  
Se se quer já lá erguer  
O Senhor Dom Lusidardo,  
E vem-mo logo dizer.

*Vai-se o moço*

Ora bem, minha ousadia,  
Sem azas, pouco segura,  
Quem vos deo tanta valia,

Que subais a phantasia  
 Onde não sóbe a ventura ?  
 Por ventura eu não nasci  
 No mato, sem mais valer,  
 Que o gado ao pasto trazer ?  
 Pois donde me veio a mi  
 Saber-me tão bem perder ?  
 Eu, nascido entre pastores,  
 Fui trazido dos currais,  
 E d'entre meus naturais  
 Para casa dos Senhores,  
 Donde vim a valer mais.  
 E agora logo tão cedo  
 Quiz mostrar a condição  
 De rustico e de villão !  
 Dando-me ventura o dedo,  
 Lhe quero tomar a mão !  
 Mas oh ! qu'isto não he assi,  
 Nem são villãos meus cuidados,  
 Como eu delles entendi ;  
 Mas antes, de sublimados,  
 Os não posso crêr de mi.  
 Porque como hei de crer  
 Que me faça minha estrella  
 Tão alta pena soffrer,  
 Que sómente pola ter  
 Mereço a gloria della ?  
 Senão se amor, d'attentado,  
 Porque me não queixe d'elle,  
 Têe por ventura ordenado  
 Que mereça o meu cuidado,  
 Só por ter cuidado n'elle.

## SCENA II

*Vilardo e Filodemo**Vilardo*

O Senhor Dom Lusidardo  
 Dorme com todo o convento ;  
 E elle com o pensamento  
 Quer estar fazendo alardo  
 De castelinhos de vento !  
 Pois tão cedo se vestio,

Com seu damno se conforme,  
 Pezar de quem me pario ;  
 Que ainda o sol não sahio :  
 Se vem á mão, tambem dorme.  
 Elle quer-se levantar  
 Assi pela manhãzinha !  
 Pois quero-o desenganar :  
 Nem por muito madrugar  
 Amanhece mais asinha.

*Filodemo*

Traz-me a viola cá.

*Vilardo*

(Voto a tal que me vou rindo.)  
 Senhor, tambem dormirá.

*Filodemo*

Traz-a, moço.

*Vilardo*

Si, virá,

Se não estiver dormindo.

*Filodemo*

Ora hi polo que vos mando :  
 Não gracejeis.

*Vilardo*

Eis-me vou :

Pois, pezar de São Fernando !  
 Por ventura sou eu grou ?  
 Sempre hei d'estar vigiando? *Sahe.*

*Filodemo*

Ah Senhora, que podeis  
 Ser remedio do que peno,  
 Quão mal ora cuidareis  
 Que viveis e que cabeis  
 N'hum coração tão pequeno !  
 Se vos fosse apresentado  
 Este tormento em que vivo,  
 Crerieis que foi ousado  
 Este vosso, de criado  
 Torna-se vosso captivo ?

## SCENA III

*Filodemo e Vilardo*

Vilardo

Ora eu creio, se he verdade  
 Qu'estou de todo acordado,  
 Que meu amo he namorado ;  
 E a mi dá-me na vontade  
 Que anda hum pouco abalado.  
 E se tal he, eu daria  
 Por conhecer a donzella  
 A razão d'hoje este dia ;  
 Porque a desenganaria,  
 Sómente por ter dó della.  
 Havia-lhe perguntar :  
 Senhora, de que comeis ?  
 Se comeis d'ouvir cantar,  
 De fallar bem, de trovar,  
 Em boa hora casareis.  
 Porém se vós comeis pão,  
 Tende, Senhora, resguardo ;  
 Qu'eis-aqui está Vilardo,  
 Qu'he como hum canaleão,  
 Por isso, bus, fazei fardo.  
 E se vós sois das gamenhas,  
 E houverdes d'attentar  
 Por mais que por manducar,  
 Mi cama sou duras peñas,  
 Mi dormir sempre es velar.  
 A viola, Senhor, vem  
 Sem primas, nem derradeiras :  
 Mas sabe o que lhe convem ?  
 Se quer, Senhor, tanger bem,  
 Ha de haver mister terceiras.  
 E se estas cantigas vossas  
 Não forem para escutar,  
 E quizerdes espirar ;  
 Ha mister cordas mais grossas,  
 Porque não possam quebrar.

Filodemo

Vae para fóra.

Vilardo

Ja venho.

Filodemo

Qu'eu só desta phantasia  
 Me sostenho e me mantenho.

Vilardo

Quamanha vista que tenho,  
 Que vejo a estrella do dia ! *Salte.*

## SCENA IV

Filodemo, *cantando*

Adó sube el pensamiento,  
 Seria una gloria immensa  
 Si allá fuese quien lo piensa.

*Falla*

Qual espirito divino  
 Me fará a mi sabedor  
 Deste meu mal, se he amor,  
 Se por dita desatino ?  
 Se he amor, diga-me qual  
 Póde ser seu fundamento,  
 Ou qual he seu natural,  
 Ou porque empregou tão mal  
 Hum tão alto pensamento.  
 Se he doudice, como em tudo  
 A vida me abraza e queima,  
 Ou quem vio n'hum peito rudo  
 Desatino tão sisudo,  
 Que toma tão doce teima ?  
 Ah Senhora Dionysa,  
 Onde a natureza humana  
 Se mostrou tão soberana !  
 O que vós valeis me avisa,  
 Mas o qu'eu peno m'engana.

## SCENA V

*Solina e Filodemo***Solina**

Tomado estais vós agora,  
Senhor, co'o furto nas mãos.

**Filodemo**

Solina, minha Senhora,  
Quantos pensamentos vão  
Me ouvireis lançar fóra ?

**Solina**

Oh Senhor, quão bem que sôa  
O tanger de quando em quando !  
Bem sei eu huma pessoa,  
Que ha ja huma hora, e bea,  
Que vos está escutando.

**Filodemo**

Por vida vossa, zombais ?  
Quem he ? quereis-mo dizer ?

**Solina**

Não o haveis vós de saber,  
Bofé se me não peitais.

**Filodemo**

Dar-vos-hei quanto tiver,  
Para taes tempos como estes.  
Quem tivera voz dos Ceos,  
Pois escutar me quizestes !

**Solina**

Assi pareça eu a Deos,  
Como lhe vós parecestes.

**Filodemo**

A Senhora Dionysa  
Quer-se ja alevantar ?

**Solina**

Assi me veja eu casar,

Como despida em camisa  
Se ergueo por vos escutar.

**Filodemo**

Em camisa levantada !  
Tão ditosa he minha estrella !  
Ou mo dizeis refalsada ?

**Solina**

Pois bem me defendeo ella  
Que vos não dissesse nada.

**Filodemo**

Se pena de tantos annos  
Merecer algum favor,  
Para cura de meus dannon  
Fartae-me desses engannos,  
Que não quero mais de Amor.

**Solina**

Agora quero eu fallar  
Neste caso com mais tento ;  
Quero agora perguntar :  
E de siso his vós tomar  
Hum tão alto pensamento ?  
Certo é minha maravilha,  
Se vós isto não sentis  
Bem : vós como não cahis  
Que Dionysa qu'he filha  
Do Senhor a quem servis ?  
Como ? Vós não attentais  
Os Grandes, de qu'he pedida ?  
Peço-vos que me digais  
Qual é o fim que esperais  
Neste caso, em vossa vida.  
Que razão boa, ou que côr  
Podeis dar a esta affeição ?  
Dizei-me vossa tenção.

**Filodemo**

Onde vistes vós amor  
Que se guie por razão ?  
Se quereis saber de mi  
Que fim, ou de que theor  
O pretendo em minha dor ;

S'eu neste amor quero fim,  
Sem fim me atormente Amor.  
Mas vós com gloria fingida  
Pretendeis de m'enganar,  
Por assi mal me tratar:  
Assi que me dais a vida  
Sómente pcr me matar.

**Solina**

Eu digo-vos a verdade.

**Filodemo**

Da verdade fujo eu,  
Porque se o Amor me deu  
Pena de tal qualidade,  
Assaz me custa do meu.

**Solina**

Fólgo muito de saber  
Que sois amante tão fino.

**Filodemo**

Pois mais vos quero dizer,  
Que ás vezes no imaginar  
Não ouso de m'estender.  
Na hora que imaginei  
Na causa de meu tormento,  
Tamanha gloria levei,  
Que por ouças desejei  
De lograr o pensamento.

**Solina**

Se me vós a mi jurardes  
De me terdes em segredo  
Huma cousa... mas hei medo  
De logo tudo contardes.

**Filodemo**

A quem?

**Solina**

Aquelle enxovado.

**Filodemo**

Qual?

**Solina**

Aquelle máo pezar,  
Que ant'hontem convosco lia.  
Quem se fosse em vós fiar!  
O que vos disse o outro dia,  
Tudo lhe fostes contar.

**Filodemo**

Que lhe contei?

**Solina**

Já lh'esquece?

**Filodemo**

Por certo qu'estou remoto.

**Solina**

Hi, que sois hum cesto roto.

**Filodemo**

Esse homem tudo merece.

**Solina**

Vós sois muito seu devoto.

**Filodemo**

Senhora, não hajais medo:  
Conta e-m'isso, e far-me-hei mudo.

**Solina**

Senhor, o homem sisudo,  
Se em taes cousas tõe segredo,  
Saiba que alcançará tudo.  
A senhora Dionysa  
Crede que mal vos não quer:  
Não vos posso mais dizer.  
Isto tende por balisa  
Com que vos saibais reger.  
Qu'em mulheres, se attentais,  
O querer está visibil;  
E se bem vos governais,  
Não desesperéis do mais,  
Porque, enfim, tudo he possibil.

**Filodemo**

Senhora, póde isso ser?

Solina

Si, que tudo o mundo tem :  
Olhaé não o saiba alguém.

Filodemo

E que maneira hei de ter  
Para crêr tamanho bem?

Solina

Vós, Senhor, o sabereis ;  
E já que vos descobri  
Tamanho segredo aqui,  
Uma mereê me fareis  
Em que me vai muito a mi.

Filodemo

Senhora, a tudo me obrigo  
Quanto fôr em minha mão.

Solina

Pois dissei a vosso amigo  
Que não gaste tempo em vão,  
Nem queira amores comigo.  
Porque eu tenho parentes,  
Que me podem bem casar ;  
E mais que não quero andar  
Agora em boca de gentes  
A quem s'elle vai gabar.

Filodemo

Senhora, mal conheceis  
O que vos quer Duriano :  
Sabei-o, se o não sabeis,  
Qu'em sua alma sente o dano  
Do pouco que lhe quereis ;  
E que outra cousa não quer,  
Que ter-vos sempre servida.

Solina

Pola sua negra vida,  
Isso havia eu bem mister.

Filodemo

Vós sois desagradecida !

Solina

Si, que tudo são enganões  
Em tudo quanto fallais.

Filodemo

Não quero que me creais :  
Crede o tempo; que ha dous anos  
Que vos serve, e inda mais.

Solina

Senhor, bem sei que m'engano;  
Mas a vós, como a irmão,  
Descubro este coração :  
Sabei que a Duriano  
Tenho sobeja affeição.  
Olhae que lhe não digais  
Isto que vos aqui digo.

Filodemo

Senhora, mal me tratais :  
Inda que sou seu amigo,  
Sabei que vosso sou mais.

Solina

E ja que vos confessei  
Aquestas fraquezas minhas,  
Que he tanto que de mi sei ;  
Fazei vós nas cousas minhas  
O qu'eu nas vossas farei.

Filodemo

Vós enxergareis Senhora,  
O qu'eu por vós sei fazer.

Solina

Como me deixo esquecer !  
Aqui estivera agora  
Fallando té anoitecer.  
Vou-me; e olhae quanto val  
O que passou entre nós.

Filodemo

E porque vos ides vós?



## Solina

Porque parece ja mal  
 Estar aqui ambos sós.  
 E mais vou vestir agora  
 A quem vós dá tão má vida.  
 Ficae-vos, Senhor, embora.

## Filodemo

Nessa ide vós, Senhora,  
 Que já vos tenho entendida.

## SCENA VI

## Filodemo, só

Ora se póde isto ser  
 Do qu'esta moça me avisa,  
 Que a Senhora Dionysa,  
 Por me ouvir, se fosse erguer  
 Da sua cama em camisa!  
 E diz que mal me não quer.  
 Não queria maior gloria;  
 Mas o que mais posso crer,  
 Que nem para lhe esquecer  
 Lhe passo pela memoria.  
 Mas ter Solina tambem,  
 Em Duriano o intento,  
 He levar-me a lenha o vento;  
 Porque s'ella lhe quer bem,  
 Para bem vai meu tormento.  
 Mas foi-se este homem perder  
 Neste tempo, de maneira,  
 Por huma mulher solteira,  
 Que não me atrevo a fazer  
 Que hum pequeno bem lhe queira.  
 Porém far-lhe-hei hum partido,  
 Porqu'ella não se querelle:  
 Que se mostre seu perdido,  
 Inda que seja fingido,  
 Como lh'outrem faz a elle.  
 E ja que me satisfaz,  
 E tanto n'isto se alcança,  
 Dê-lhe fingida esperança:  
 Do mal que lhe outrem faz,  
 Tomará n'ella vingança.

## SCENA VII

## Vilardo, só

Ora boa está a cilada  
 De meu amo com sua ama,  
 Que se levantou da cama  
 Por ouvi-lo! Está tomada:  
 Assi a tome má trama.  
 E mais crede que quem canta,  
 Ainda descantará;  
 E quem do leito, onde está,  
 Por ouvil-o se levanta,  
 Mór desatino fará.  
 Quem havia de cuidar,  
 Que dama formosa e bella  
 Saltasse o demonio nella,  
 Para a fazer namorar  
 De quem não he igual della?  
 Que me dizeis a Solina?  
 Como se faz Celestina,  
 Que por não lhe haver inveja  
 Tambem para si deseja  
 O que o desejo lh'ensina!  
 Crêde que se me alvorçoço,  
 Que a hei de tomar por dama;  
 E não será grão destrôço,  
 Pois o amo quer a ama,  
 Que a moça queira o moço.  
 Vou-me; que vejo lá vir  
 Venadoro, apercebido  
 Para a caça se partir:  
 E voto a tal, que he partido  
 Para vêr e para ouvir.  
 Que he razão justa e rasa  
 Que seu folgar se desconte  
 Em quem arde como brasa;  
 Que se vai caçar ao monte,  
 Fique outrem caçando em casa.

## SCENA VIII

## Venadoro só

Aprovada antigamente

Foi, e muito de louvar  
 A occupação do caçar,  
 E da mais antiga gente  
 Havida por singular.  
 He o mais contrário officio  
 Que tõe a ociosidade,  
 Mãe de todo o bruto vicio:  
 Por este limpo exercicio  
 Se reserva a castidade.  
 Este dos grandes Senhores  
 Foi sempre muito estimado;  
 E he grande parte do estado  
 Ter monteiros, caçadores,  
 Comó officio qu'he prezado.  
 Pois logo porque razão  
 A meu pae ha de pezar  
 De me vêr ir a caçar?  
 E tão boa occupação  
 Que mal pôde causar?

## SCENA IX

*Venadoro e o Monteiro*

**Monteiro**

Senhor, venho alvoroçado,  
 E mais com muita razão.

**Venadoro**

Como assi?

**Monteiro**

Que mo he chegado  
 O mais extremado cão.

Que nunca caçou veado.  
 Vejamos que me ha de dur.

**Venadoro**

Dar-vos-hei quanto tiver;  
 Mas ha-se d'exprimentar,  
 Para se poder julgar  
 As manhas que pôde ter.

**Monteiro**

Pôde assentar qu'este cão,  
 Que tõe das manhas a chave.  
 Bem feito? Em admiração.  
 Pois em ligeiro? He huma ave.  
 Em commetter? Hum leão.  
 Com porcos? Maravilhoso.  
 Com veados? Extremado.  
 Sobeja-lhe o ser manhoso.

**Venadoro**

Pois eu ando desejoso  
 D'irmos matar hum veado.

**Monteiro**

Pois, Senhor, como não vae?

**Venadoro**

Vamos, e vós mui ligeiro  
 O necessario ordenae;  
 Qu'eu quero chegar primeiro  
 Pedir licença a meu pae.

## ACTO II

## SCENA I

**Duriano**

Pois não creio eu em S. Pisco de páo, se hei de pôr pé em raimo verde, té lhe dar trezentos açoutes. Depois de ter gastado perto de trezentos cruzados com ella, porque logo lhe não mandei o setim para as mangas, fez de mim mangas ao demo. Não desejo eu de saber, senão

qual é o galante que me succedeo; que se vo-lo eu colho a balravento, eu lhe farei botar ao mar quantas esperanças lhe a fortuna tõe cortado á minha. Ora tenho assentado, que o amor d'estas anda com o dinheiro, como a maré com a lã: bolsa cheia, amor em águas vivas; mas se vasa, vereis espraiai este engano, e deixar em sêcco quantos gostos andavão como o peixe na água.

## SCENA II

*Filodemo e Duriano*

Filodemo

Ó lá! cá sois vós? Pois agora hia eu bater essas moutas, para vêr se me sabieis de alguma; porque quem vos quizer achar, é necessario que vos tire como huma alma.

Duriano

Oh maravilhosa pessoa! Vós he certo que vos prezais de mais certo em casa, que pinheiro em porta de taverna; e trazeis, se vem á mão, os pensamentos com os focinhos quebrados, de cahirem onde vós sabeis. Pois sabeis, Senhor Filodemo, quaes são os que me mâtão? Huns muito bem almofadados, que com dois ceitis fendem a anca pelo meio; e se prezão de brandos na conversação, e de fallarem pouco e sempre consigo, dizendo que não darão meia hora de triste pelo thesouro de Veneza; e gâbão mais Garcilasso que Boscão; e ambos lhe sahem das mãos virgens; e tudo isto por vos meterem em consciencia que se não achou para mais o grão Capitão Gonçalo Fernandes. Ora pois desengano-vos, que a mór rapazia do mundo farão altos espiritos: e eu não trocarei duas pescoadas da minha &c., depois de ter feito a tosquia a hum frasco, e fallar-me por tu e fingir-se-me bebada, porque o não pareça, por quantos Sonetos estão escriptos pelos troncos das árvores do valle Luso, nem por quantas Madamas Lauras vós idolatrais.

Filodemo

Tá, tá, não vades ávante, que vos perdeis.

Duriano

Aposto que adivinho o que quereis dizer?

Filodemo

Que?

Duriano

Que se me não acudieis com o batel, que me hia meus passos contados a hereje de amor.

Filodemo

Oh que certeza tamanha, o muito peccador não se conhecer por esse!

Duriano

Mas oh que certeza maior, de muito enganado, esperar em sua opinião! Mas tornando a nosso proposito, que he o para que me buscais? que se he cousa de vossa saude, tudo farei.

Filodemo

Como templará el destemplado? Quem poderá dar o que não tõe? Senhor Duriano? Eu quero vos deixar comer tudo: não póde ser que a natureza não faça em vós o que a razão não póde: o caso he este; dirvo-lo-hei; porém he necessario que primeiro vos alimpeis como marmelo, e que ajunteis para hum canto da casa todos esses máos pensamentos; porque segundo andais mal avinhado, damnareis tudo aquillo que agora lançarem em vós. Ja vos dei conta da pouca que tenho com toda a outra cousa que não he servir a Senhora Dionysa; e postoque a desigualdade dos estados o não consinta, eu não pretendo della mais que o não pretender della nada, porque o que lhe quero, comsigo mesmo se paga; que este meu amor he como a ave Phenix, que de si só nasce, e não de outro nenhum interesse.

Duriano

Bem praticado está isso; mas dias ha que eu não creio em sonhos.

Filodemo

Porque?

Duriano

Eu vo-lo direi: porque todos vós-outros os que amais pela passiva, dizeis que o amor fino como melão, não ha de querer mais de sua dama que amál-a; e virá logo o vosso Petrarca, e o vosso Pietro Bembo, atoado a trezentos Platões, mais çafado que as luvas de hum pagem d'arte, mostrando razões verisimeis e apparentes, para não quererdes mais de vossa dama que vê-la; e ao mais até fallar com ella. Pois inda achareis outros esquadrinhadores d'amor, mais especulativos, que defenderão a justa por não empenhar o desejo; e eu (faço-vos voto solemne) se a qualquer destes lhe entregassem sua dama tosada e aparelhada entre dous pratos, eu fico que não ficasse pedra sôbre pedra: e eu ja de mi vos sei confessar que os meus amores hão de ser pela activa, e que ella ha de ser paciente, e eu agente, porque esta he a verdade. Mas, com tudo, vá v. m. co'a historia por diante.

Filodemo

Vou, porque vos confesso que neste caso ha muita dúvida entre os Doctores: assi que vos conto, que estando esta noite com a viola na

mão, bem trinta ou quarenta legoas pelo sertão dentro de hum pensamento, senão quando me tomou á traição Solina; e entre muitas palavras que tivemos, me descobrio que a Senhora Dionysa se levantára da cama por me ouvir, e que estivera pela greta da porta espreitando quasi hora e meia.

Duriano

Cobras e tostões, sinal de terra: pois ainda vos não fazia tanto áyante.

Filodemo

Finalmente, veio-me a descobrir, que me não queria mal, que foi para mi o maior bem do mundo; que eu estava já concertado com minha pena a soffrer por sua causa, e não tenho agora sojeito para tamanho bem.

Duriano

Grande parte da saude he para o doente trabalhar por ser são. Se vos deixardes manquecer na estrebaria com essas finezas de namorado, nunca chegareis onde chegou Rui de Sande. Por isso boas esperanças ao leme; que eu vos faço bom que ás duas enxadadas acheis água. E que mais passastes?

Filodemo

A maior graça do mundo: veio-me a descobrir que era perdida por vós; e me quiz dar a entender que faria por mi tudo o que vós merecesseis.

Duriano

Santa Maria! Quantos dias ha que nos olhos lhe vejo marejar esse amor? porque o fechar de janellas que essa mulher me faz, e outros enojos que dizer poderia, no son sino corredores del amor, e a cilada em que ella quer que eu caia.

Filodemo

Nem eu não quero que lho queirais, mas que lhe façais crêr que lho quereis.

Duriano

Não... quanté dessa maneira me offereço a romper meia duzia de serviços alinhavadós ás panderetas, que bastem assentar-me em soldo pelo mais fiel amante que nunca calçou esporas; e se isto não bastar, salgan las palabras mas sangrientas del corazon, entoadas de feição que digão que sou um Mancias, e peor ainda.

Filodemo

Ora dais-me a vida. Vamos vêr se por ventura apparece, porque Venadoro, irmão da Senhora Dionysa, he fóra á caça; e sem elle fica a

casa despejada ; e o Senhor Dom Lusidardo anda no pomar ; que todo o seu passatempo he enxertar e dispôr, e outros exercicios d'agricultura, naturaes a velhos: e pois o tempo nos vem á medida do desejo, vamos lá; e se puderdes fallar, fazei de vós mil manjares, porque lhe fazeis crêr que sois mais esperdiçado d'amor que um Braz Quadrado.

Duriano

Ora vamos, que agora estou de vez, e cuido d'hoje fazer mil maravilhas, com que vosso feito venha á luz.

SCENA III

*Dyonisa e Solina*

Dionysa

Solina, mana.

Solina

Senhora.

Dionysa

Trazei-me cá a almofada ;  
Que a casa está despejada,  
E esta varanda cá fóra  
Está melhor assombrada.  
Trazei a vossa tambem  
Para estarmos cá lavrando ;  
Em quanto meu pae não vem,  
Estaremos praticando,  
Sem nos estorvar ninguem.

Solina

Este he o mesmo lugar  
Onde estava o bem logrado,  
Tal que de muito enlevado  
Se esquecia do cantar  
Por se enlevar no cuidado.

Dionysa

Vós, mana, sois mui ruim !  
Logo lhe fostes contar  
Que me ergui polo escutar.

Solina

Eu o disse?

Dionysa

Eu não o ouvi?

Como mo quereis negar?

Solina

E pois isso que releva?

Que se perde nisso agora?

Dionysa

Que se perde! Assi, Senhora,  
Folgareis vós que se atreva  
A contá-lo lá por fóra?  
Que se lhe meta em cabeça  
Alguma parvoa tenção?  
Que faça, se vem á mão,  
Algũa cousa que pareça?

Solina

Senhora, não tõe razão.

Dionysa

Eu sei mui bem attentar  
Do que se ha de ter reccio,  
E do que he para estimar.

Solina

Não he o demo tão feio  
Como alguem o quer pintar;  
E não se espera isso delle,  
Que não he ora tão moço.  
E Vossa Mercê asselle

Que qualquer segredo nelle  
He como huma pedra em poço.

**Dionysa**

E eu que segredo quero  
Co'hum criado de meu pae?

**Solina**

E vós, mana, fazeis fero?  
Ao diante vos espero,  
Se adiante o caso vae.

**Dionysa**

O madraço! quem o vir  
Fallar de siso co'ella...  
Então vós, gentil donzella,  
Folgais muito de o ouvir?

**Solina**

Si, porque me falla nella;  
E eu como ouço fallar  
Nella, como quem não sente,  
Fólgo de o escutar,  
Só para lhe vir contar  
O que della diz a gente;  
Qu'eu não quero nada delle.  
E mais, porque está fallando?  
Não m'esteve ella rogando  
Que fosse fallar com elle?

**Dionysa**

Disse-vo-lo assi zombando.  
Vós logo tomais em grosso  
Tudo quanto me escutais.  
Parvo! que vê-lo não posso.

**Solina**

Ella alli, e o cão co'o osso!  
Inda isto ha de vir a mais.  
Pois que tal odio lhe tem,  
Fallemos, Senhora, em al;  
Mas eu digo que ninguem  
Merece por querer bem  
Que a quem lho quer, queira mal.

**Dyonisa**

Deixae-o vós doudejar.  
Se meu pae ou meu irmão,  
O vierem a aventar,  
Não ha elle de folgar.

**Solina**

Deus metterá n'isso a mão.

**Dionysa**

Ora hi polas almofadas,  
Que quero um pouco lavar,  
Por ter em que me occupar;  
Qu'em cousas tão mal olhadas  
Não se ha o tempo de gastar.

**Solina**

Que cousa somos mulheres!  
Como somos perigosas!  
E mais estas tão viçosas  
Qu'estão á boca *que queres?*  
E adoecem de mimosas!  
Se eu não camiuho agora  
A seu desejo e vontade;  
Como faz esta Senhora,  
Fazem-se logo nessa hora  
Na volta da honestidade.  
Quem a vira o outro dia  
Hum poucochiuho agastada,  
Dar no chão com a almofada,  
E enlevar a phantasia,  
Toda n'outra transformada!  
Outro dia lhe ouvirão  
Lançar suspiros a mólhos,  
E com a imaginação  
Cahir-lhe a agulha da mão,  
E as lagrimas dos olhos.  
Ouvir-lhe-heis á derradeira  
A ventura maldizer,  
Porque a foi fazer mulher.  
Então diz que quer ser Freira;  
E não se sabe entender.  
Então gaba-o de discreto,  
De musico e bem disposto,

De bom corpo e de bom rosto.  
 Quanté então eu vos prometo,  
 Que não tée delle desgosto.  
 Depois, se vem a attentar,  
 Diz que hê muito mal feito  
 Amar homem deste geito ;  
 E que não póde alcançar  
 Pôr seu desejo em effeito.  
 Logo se faz tão Senhora.

Logo lhe ameça a vida,  
 Logo se mostra nessa hora  
 Muito segura de fóra,  
 E de dentro está sentida.  
 Bofé, segundo vou vendo,  
 Se esta postema vier,  
 Como eu suspeito, a crescer,  
 Muito ha que della entendo  
 O fim que póde vir ter.

## SCENA IV

*Duriano e Filodemo***Duriano**

Ora deixae-a ir, que á vinda lhe fallaremos; entretanto cuidarei o como hei de fazer; que não ha mór trabalho para humna pessoa que fingir-se.

**Filodemo**

Dar-lhe-heis esta carta; e fazei muito com ella que a dê á Senhora Dionysa; que me vai nisso muito.

**Duriano**

Por mulher de tão bom engenho a tendes?

**Filodemo**

E porque me perguntais isso?

**Duriano**

Porque ainda hontem entrou pelo A, B, C, e ja quereis que leia carta mandadeira : fa-la-heis cedo escrever materia junta.

**Filodemo**

Não lhe digais que vos disse nada, porque cuidará que por isso lhe fallais; mas fingi que de puro amor a andais buscando a tempos que fação á vossa tenção.

**Duriano**

Deixae-me vós a mi com o caso, que eu sei melhor as pancadas a estes yintes, que vós; e eu vo-la farei hoje vir a nós sem gafas: e vós entretanto acolhei-vos a sagrado, porque ei-la lá vem.

**Filodemo**

Olhae lá : fazei que a não vêdes, e fingi que fallais comvosco; que faz a nosso caso.



## Duriano

Dizeis bem. (Yo sigo tristeza, remedio de tristes : la terrible penã mia no la espero remediar. Pois não devia assi de ser, polos santos Evangelhos ! mas muitos dias ha que eu sei que o amor, e os cangrejos, andão ás vexas. Ora, emfim, las tristezas no me espanten, porque suelen afojar cuando más duelen.)

## SCENA V

Solina e Duriano

Solina, com a almofada

Aqui anda passeando  
Duriano, e só consigo  
Pensamentos praticando :  
Daqui posso estar notando  
Com quem sonha, se he comigo.

Duriano

Ah quão longe estará agora  
Minha Senhora Solina  
De saber que estou bem fóra  
De ter outra por senhora,  
Segundo o amor determina !  
Porém se determinasse  
Minha bem-aventurança  
Que de meu mal lhe pezasse,  
Até que nella tomasse  
Do que lhe quero vingança !...

Solina

(Comigo sonha por certo.  
Ora quero-me mostrar,  
Assi como por acerto:  
Chegar-me-hei mais ao perto,  
Por vêr se me quer fallar.)  
Sempre esta casa há d'estar  
Acompanhada de gente,  
Que não possa homem passar !

Duriano

Á traição vindes tomar  
Quem ja feridas não sente ?

Solina

Logo me a mi parecia  
Que era elle o que passeava.

Duriano

E eu mal adivinhava  
Que me viesse este dia,  
Que ha tantos que descjava.  
Se huns olhos por vos servir,  
Com o amor que vos conquista,  
Se atrevêrão a subir  
Os muros da vossa vista,  
Que culpa tõe quem vos vir ?  
E se esta minha affeição,  
Que vos serve de gíolhos,  
Não fez êrro na tenção,  
Tomae vingança nos olhos,  
E deixae o coração.

Solina

Ora agora me vem riso.  
Assi que vós sois, Senhor,  
De siso meu servidor ?

Duriano

De siso não, porque o siso  
Me tõe tirado o amor.  
Porque o amor, se attentais,  
N'hum tão verdadeiro amante  
Não deixa siso bastante ;  
Senão se siso chamais  
A doudice tão galante.

Solina

Como Deos está nos Ceos,  
Que se he verdade o que temo,  
Que fez isto Filodemo.

**Duriano**

Mas fê-lo o déme ; que Deos  
Não faz mal tanto em extremo.

**Solina**

Bem. Vós, Senhor Duriano,  
Porque zombareis de mim ?

**Duriano**

Eu zombo ?

**Solina**

Eu não m'engano.

**Duriano**

S'eu zombo, inda em meu dano  
Vejais vós mui cedo a fim.  
Mas vós, Senhora Solina,  
Porque me querereis mal ?

**Solina**

Sou mofina.

**Duriano**

Oh ! real.

Assi que minha mofina  
He minha imiga mortal.  
Dias ha qu'eu imagino  
Qu'em vos amar e servir  
Não ha amador mais fino ;  
Mas sinto que de mofino  
Me fino sem o sentir.

**Solina**

Bem derivais : quanté assi  
A' popa o dito vos yeio.

**Duriano**

Vir-me-ha de vós, porque creio  
Que vós fallais dentro em mi,  
Como espirito em corpo alheio.  
E assi que em estas piós  
A cahir, Senhora, vim ;  
Bem parecerá entre nós,  
Pois vós andais dentro em mim,  
Que ande eu tambem dentro em vós.

**Solina**

He bem : que fallar he esse ?

**Duriano**

Dentro na vossa alma, digó  
Lá andasse, e lá morresse !  
E se isto mal vos parece,  
Dae-me a morte por castigo.

**Solina**

Ah máo ! Como sois malvado !

**Duriano**

Mas vós como sois malvada,  
Que de hum pouco mais de nada  
Fazeis hum homem armado,  
Como quem'stá sempre armada !  
Dizei-me, Solina, mana.

**Solina**

Qu'he isso ? Tirae lá a mão ;  
Oh ! vós sois máo cortezão.

**Duriano**

O que vos quero m'engana,  
Mas o que desejo não.  
Não ha aqui senão paredes,  
As quaes não fallão, nem vem.

**Solina**

Está isso muito bem.  
Bem : e vós, Senhor, não vêdes  
Que poderá vir alguém ?

**Duriano**

Que vos castão dous abraços ?

**Solina**

Não quero tantos despejos.

**Duriano**

Pois que farão meus desejos,  
Que querem ter-vos nos braços,  
E dar-vos trezentos beijos ?

Solina

Olhae que pouca vergonha!  
Hi-vos d'hi, boca de praga.

Duriano

Eu não sei certo a que ponha  
Mostrardes-me a triaga,  
E virdes-me a dar peçonha.

Solina

Ora ide rir á feira,  
E não sejais dessa laia.

Duriano

Se vêdes minha canseira,  
Porque lhe não dais maneira?

Solina

Que maneira?

Duriano

A da saia.

Solina

Por minha alma, hei de vos dar  
Meia duzia de pórradas.

Duriano

Oh que gostosas pancadas!  
Mui bem vos podeis vingar,  
Qu'em mim são bem empregadas.

Solina

Ao diabo, que o eu dou.  
Como me doeo a mão!

Duriano

Mostrae cá, minha affeição,  
Que essa dôr me mágoou  
Dentro no meu coração.

Solina

Ora hi-vos embora asinha.

Duriano

Por amor de mi, Senhora,  
Não fareis huma cousinha?

Solina

Digo que vades embora.  
Que cousa?

Duriano

Esta cartinha.

Solina

Que carta?

Duriano

De Filodemo

A Dionysa vossa ama.

Solina

Dizei, que tome outra dama,  
E dê os amores ao dêmo.

Duriano

Não andemos pola rama.  
Senhora, (aqui para nós)  
Que sentis della com elle?

Solina

Grandes alforges sois vós!  
Pois hi-lhe dizer que appelle.

Duriano

Fallae, que aqui'stamos sós.

Solina

Qualquer honesta se abala,  
Como sabe que he querida.  
Ella he por elle perdida:  
Nunca n'outra cousa falla.

Duriano

Ora vou dar-lhe a vida.

Solina

E eu não lhe disse já

Quanta affeição lh'ella tem ?

Duriano

Não se fia de ninguem.  
Nem crê que para elle ha  
No mundo tamanho bem.

Solina

Dir-vos-hia de mim lá  
O que lh'eu disse zombando ?

Duriano

Não disse, por S. Fernando !

Solina

Ora ide-vos,

Duriano

Que me vá !  
E mandais que torne ? Quando ?

Solina

Quando eu cá vir lugar.  
Vo-lo mandarei dizer.

Duriano

Se o quizerdes buscar,  
Não vos deve de faltar,  
Se não faltar o querer.

Solina

Não falta

Duriano

Da-me um abraço  
Em sinal do que quereis ?

Solina

Tá, que o não levareis.

Duriano

De quanto serviços faço  
Nenhum pagar me quereis ?

Solina

Pagar-vos-hão algum'hora,

Que isso a mi tambem me toca ;  
Mas agora hi-vos embora.

Duriano

Essas mãos beijo, Senhora,  
Em quanto não posso a boca.

## SCENA VI

*Solina que traz a almofada,  
e Dionysa*

Solina

Já Vossa Mercê dirá  
Qu'estive muito tardando.

Dionysa

Bem vos detivestes lá.  
Bofé que estava cuidando  
Em não sei que.

Solina

Que será ?

Aqui somos (Quanté agora  
Está ella transportada.)

Dionysa

Que rosnais vós lá, Senhora ?

Solina

Digo que tardei lá fóra  
Em buscar esta almofada.  
Que estava ella agora só  
Comsigo phantasiando ?

Dionysa

Bofé que estava cuidando  
Qu'he muito para haver dó  
Da mulher que vive amando.  
Que hum homem póde passar  
A vida mais occupado :  
Com passar, com caçar,  
Com correr, com cavalgar,  
Fórta parte do cuidado.  
Mas a coitada

Da mulher sempre encerrada,  
Que não tõe contentamento,  
Não tõe descenfadamento,  
Mais que agulha e almofada?  
Então isto vem parir  
Os grandes erros da gente :  
Forão mil vezes cahir  
Princezas d'alta semente.  
Lembra-me que ouvi contar  
De tantas affeiçoadas  
Em baixo e pobre lugar,  
Que as que agora vão errar  
Podem ficar desculpadas.

Solina

Senhora, a muita affeição  
Nas Princezas d'alto estado  
Não he muita admiração ;  
Que no sangue delicado  
Faz amor mais impressão.  
Mas deixando isto á parte,  
Se m'ella quizer peitar,  
Prometto de lhe mostrar  
Huma cousa muito d'arte,  
Que lá dentro fui achar.

Dionysa

Que cousa?

Solina

Cousa d'esprito

Dionysa

Algun panno de labores?

Solina

Inda ella não deo no fito?  
Cartinha sem sobre-escrípto,  
Que parece ser de amores,

Dionysa

Essa he a boa ventura?

Solina

Bofé que mo pareceo.

Dionysa

E essa donde nasceo?

Solina

No meu cesto de costura :  
Não sei quem m'alli meteo.

Dionysa

Mostrae-me ; não hajais medo,  
Mana. Eu que vos descabri...

Solina

E se ella vem para mi,  
Logo quer vêr meu segredo?  
Não a veja : vá-se d'ahi.  
Ei-la-ahi.

Dionysa

Cuja será?

Solina

Não sei certo cuja he.

Dionysa

Si ; sabeis.

Solina

Não sei, bofé.

Dionysa

Ora a carta mo dirá.

Solina

Pois leia Vossa Mercê.

*Abre Dionysa a carta e lê-a*

Se para merecer minha pena me  
não falta mais que viver contente  
della, já logo ma podeis consentir;  
pois que de nenhuma outra cousa  
vivo triste, senão por não ser para  
tão doce tristeza. Se tendes por  
ofensa commetter tamanha ousa-  
dia ; por maior a devieis ter, se  
a não commettesse; que amor acos-  
tumado he fazer os extremos á me-

dida das affeições, e as affeições á medida da causa dellas. Pois logo, nem o meu amor pôde ser pouco, nem fazer menos: se este não bastar para consentirdes em meu pensamento, baste para me dardes o que pelo ter mereço; e senão muitas graças ao Amor, que me soube dar hum cuidado, que com tê-lo se paga o trabalho de soffrê-lo.

**Solina**

Quanta parvoice diz!

**Dionysa**

Ora muito boa está!  
Como vós, mana, sois má!  
Não sejaes vós tão biliz;  
Que bem vos entendo já.  
Cuja he?

**Solina**

E eu que sei.

**Dionysa**

E quem o sabe?

**Solina**

O démo.

**Dionysa**

Certo que he de quem temo;  
Que os ditos que nella achei  
São todos de Filodemo.  
Este homem, que atrevimento  
He este que foi tomar?  
Qual será seu fundamento?  
Que mil vezes me faz dar  
Mil voltas ao pensamento.  
Não entendo d'elle nada.  
Mas inda qu'isto he assi  
Disso que d'elle entendi,  
Me sinto tão alterada,  
Que me arreceo de mi.  
Eu inda agora não creio  
Que é verdade este amor;

Mas praza a Deus, se assi for,  
Que inda este meu arreceo  
Se não converta em temor.

**Solina**

Ja vós, ja sêdes,  
Peixes, nas redes.  
Senhora, quem mais confia,  
Mais asinha a cahir vem:  
Natural he o querer bem;  
Que o amor n'alma se cria,  
Sem o sentir quem o tem.  
Filodemo, no que ouvi,  
Têe-lhe sobeja affeição;  
E postoque que o creia assi,  
Ou eu sonhei, ou ouvi,  
Que era d'alta geração.  
Logo na phisionomia,  
Nas manhas, artes e geito,  
Mostra mui grande respeito:  
Nem tão alta phantasia  
Não se pôe em baixo peito.

**Dionysa**

Tudo isso cuido, e vi  
Mil vezes miudamente;  
Mas estas mostras assi  
São desculpas para mi,  
E não para toda a gente.

**Solina**

O seu moço vejo vir  
A nós, seu passo contado:  
Este he muito para ouvir.  
Que diz que me quer servir  
D'amores espediçado.

SCENA VII

*Vilardo, Solina e Dionysa*

**Vilardo**

Senhora, o Senhor seu pae,  
Mesmo de Vossa Mercê,

Ja lá para casa vae:  
 Por isso, Senhora, andae,  
 Que elle me mandou n'hum pé,  
 E diz que fosse jantar  
 Vossa Mercê mesmamente.

**Solina**

E ja veio do pomar?

**Dionysa**

Oh quem pudéra escusar  
 De comer, nem de vêr gente!  
 (Nenhuma côr de verdade  
 Tenho do que m'elle manda.)

**Vilardo**

S'ella sem vontade anda,  
 Eu lhe emprestarei vontade,  
 Emprestem'ella a vianda.

**Solina**

Vá, Senhora, por não dar  
 Mais em que cuidar á gente.

**Dionysa**

Irei, mas não por jantar;  
 Que quem vive descontente  
 Mantem-se de imaginar.

**Vilardo**

Pois também cá minhas dores  
 Me não deixão comer pão;  
 Nem come minha affeição  
 Senão sopadas d'amores,  
 E mil postas de paixão.  
 Das lagrimas caldo faço,  
 Do coração escudella;  
 Esses olhos são panella  
 Que coze bofes e baço,  
 Com toda a mais cabedella.

## SCENA VIII

*O Monteiro, hum Pastor e hum Bobo.*

**Monteiro**

Perdeo-se por esta brenha  
 Venadoro, meu Senhor,  
 Sem que novas delle tenha:  
 Queira Deos que inda não venha  
 Desta perda outra maior.  
 Contra esta parte daqui  
 Des pós hum cervo correo,  
 Logo desapareceo:  
 Como da vista o perdi,  
 O gosto se me perdeo.  
 Eu, e os mais caçadores,  
 Corremos montes e covas;  
 Fallamos com lavradores,  
 Deste valle, e com pastores,  
 Sem a charmos delle novas.  
 Quero vêr nestes casais  
 Que cobre aquêlle arv. redo,  
 Se acharei pastores mais,  
 Que me dem alguns sinais  
 Que me possão tornar ledo.

*Chama*

Ó dos casaes, ó de lá:  
 Ah pastores, não fallais?

**Pastor**

Quein sois, ó lo que buscais?

**Monteiro**

Ouvis? Chegae para cá.

**Pastor**

Dicid vos lo que mandais.

**Bobo**

No vayais adó os llamó,

Padre, sin saber quien es.

Pastor

Porque?

Bobo

Porque este es  
Aquel ladron que hurtó  
El asno del Portugues.  
Y se vais adó estan,  
Os juro al cuerpo sagrado  
De San Pisco, y San Juan,  
Que tambien os hurtarán,  
Que sois asno mas honrado.

Pastor

Déjame ir, que me llamó.

Bobo

No, por vida de mi madre;  
Que si allá vais, muerto so',  
Y desta vez quedo yo,  
Sin asno, triste! y sin padre.

Monteiro

Vinde, que vo-lo encommendo,  
E em vossas mãos me pônho.

Bobo

No vais, que dijo *en comiendo*.  
Encomiendoos al demonio!

*Ao Monteiro*

Y esso es lo que andais haciendo?

Pastor

Déjame ir adó está,  
Que no es cosa que me espante.

Bobo

No quereis sino ir allá?  
Pues echadle pan delante,  
Puede ser amansará.

Pastor

Dios os guarde! Qué cosa es  
Esa porque voceáis?

Monteiro

Dar-m'heis novas, ou sinais  
D'hum Fidalgo Portuguez,  
Se passou por onde andais?

Bobo

Yo so' Hidalgo Portugues:  
Que manda su Señoria!

Pastor

Cállate: oh que nescio es?

Bobo

Padre, no me dejarés  
Ser lo que quisiere un dia?  
Ah Santo Dios verdadero!  
No seré lo que otros son?  
Digo ahora que no quiero  
Ser Alonsico, el vaquero.

Pastor

Cállate ya, bobarron.

Bobo

Ya me callo: ahora un poco  
He de ser lo que yo quisiere.

Pastor

Señor, diga lo que quiere,  
Porque este mochacho es loco,  
Y muero porque no muere.

Monteiro

Digo, que se por ventura  
Sabeis o que ando buscando:  
Hum Fidalgo, que caçando  
Se perdeo nesta espessura  
Após hum cervo andando.  
Tenho esta parte corrida,  
Sem delle poder saber:



Trago a alegria perdida ;  
E se de todo a perder,  
Perca-se tambem a vida.  
Porque só polo buscar  
Tenho trabalhos assás.

Bobo

(Yo no puedo callar mas.)

Pastor

(Como no puedes callar?  
Quitate allá para tras.)  
Cuanto por aquesta tierra,  
No siento nueva ninguna.

Monteiro

Oh trabalhosa fortuna!

Pastor

Mas detras daquesta sierra  
Hallareis, por dicha, alguna ;  
Que unas choças de vaqueros  
Portugueses allí estan ;  
Y ahí muchas veces van  
Cazadores Cavalleros :  
Puede ser que lo sabran.

Monteiro

Quero-me ir lá saber.  
Ficac-vos a Deos, pastor.

Pastor

Dios os livre de dolor.

Bobo

Y á nos dé siempre comer  
Pan y sopas, qu'es mejor.  
Mirad, lo que os notifico :  
En aquel valle, acullá,  
Anda paciendo un burrieco,  
Hidalgo, manso, y bonico ;  
Puede ser que ese será.

Pastor

Calla, y acaba de andar.

Bobo

Ya ando.

Pastor

Quieres callar ?  
Bobo, que tan poco sabe !

Bobo

No diceis que ande y acabe ?  
Ando, y no quiero acabar.

## ACTO III

### SCENA I

*Florimena, pastora, com um pote,  
que vai á fonte.*

Florimena

Por este formoso prado  
Tudo quanto a vista alcança  
Tão alegre está tornado,  
Que a qualquer desesperado  
Póde dar certa esperança.  
O monte, e sua aspereza,  
De flôres se veste ledo,  
Reverdece o arvoredado,  
Sómente em minha tristeza  
Está sempre o tempo quedo.

Junto desta fonte pura,  
Segundo a muitos ouvi,  
D'altos parentes nasci  
Foi com: quiz a Ventura,  
Mas não como eu mereci.  
O dia que fui nascida,  
Minha mãe do parto forte  
Foi sem cura fallecida;  
E o dia que me deu vida  
Lhe dei eu a ella a morte.  
Do mesmo parto nasceo  
Meu irmão, que entre os cabritos  
Comigo tambem viveo;  
Mas, assi como cresceo,  
Crescêrão nelle os espiritos.  
Foi-se buscar a cidade;

Teve juizo e saber;  
 Eu fiquei. como mulher,  
 E não tive facultade  
 Para poder mais valer.  
 A hum pastor obedeço  
 Por pae, que d'outro não sei;  
 E, pola mãe que matei,  
 A huma cabra conheço,  
 De cujo leite manei.  
 Mas porém, ja qu'este monte  
 Me obriga e meu nascimento,  
 Quero, pois quer meu tormento,  
 Encher a talha na fonte  
 Que co'os olhos accrescento.

*Finge que enche a talha*

## SCENA II

*Venadoro e Florimena*

**Venadoro**

Pois que me vim alongar  
 Dos caminhos e da gente,  
 Fortuna, que o consente,  
 Se devia contentar  
 De me ter tão descontente.  
 Porém, segundo adivinho,  
 Por tão espêso arvoredó,  
 Por tão áspero rochedo,  
 Quanto mais busco o caminho,  
 Tanto mais d'elle me arredo.  
 O cavallo, como amigo,  
 Já cansado me trazia:  
 Mas deixou-me todavia;  
 Que mal pudera comigo  
 Quem comsigo não podia.  
 Quero-me aqui assentar  
 A sombra, nesta hervinha,  
 Porque canso ja de andar;  
 Mas inda a fortuna minha  
 Não causa de me cansar.  
 Junto desta fonte pura  
 Não sei quem euido qu'está;  
 Mas no coração me dá

Que aqui me guarda a Ventura  
 Alguma ventura má.  
 Ou ganhado, ou bem perdido,  
 Faça, enfim, o que quizer,  
 Qu'eu o fim d'isto hei de ver;  
 Que ja venho apercebido  
 A tudo quanto vier.  
 Oh que formosa serrana  
 A vista se me offerece!  
 Deosa dos montes parece;  
 E se he certo que he humana,  
 O monte não a merece.  
 Pastora tão delicada,  
 De gesto tão singular,  
 Parece-me qu'em lugar  
 De perguntar pola estrada,  
 Por mim lhe hei de perguntar.  
 Atéqui sempre zombei  
 De qualquer outra pessoa  
 Que affeiçãoada topei;  
 Mas agora zombarei  
 De quem se não affeição.  
 Serrana, cuja pintura  
 Tanto a alma me moveo,  
 Dizei-me: Por qual ventura  
 Andareis n'esta espessura,  
 Merecendo estar no Ceo?

**Florimena**

Tamanho inconveniente  
 Andar na serra parece?  
 Pois a ventura da gente  
 Sempre he mui diferente  
 Do que, ao parecer, merece.

**Venadoro**

Tal resposta é manifesto  
 Não se parecer co'as cabras.  
 Pois não vos parece honesto  
 Saberdes matar co'o gesto,  
 Senão inda com palavras?  
 No mato tudo he rudeza.  
 Ha tal gesto e discrição?  
 Não o creio.

**Florimena**

Porque não?  
Não supprirá natureza  
Onde falta criação?

**Venadoro**

Ja logo-nisso, Senhora.  
Dizeis, se não sinto mal,  
Que do vosso natural  
Não era serdes pastora.

**Florimena**

Digo, mas pouco me val.

**Venadoro**

Pois quem vos pôde trazer  
A conversação do monte?

**Florimena**

Perguntae-o a essa fonte;  
Que as cousas duras de crer,  
Hum as faça, outro as conte.

**Venadoro**

Esta fonte, que está aqui,  
Que sabe do que dizeis?

**Florimena**

Senhor, mais não pergunteis,  
Porque outra cousa de mi  
Sabei que não sabereis.  
De vós agora sapei,  
O que não tendes sabido:  
Se quereis água, bebei;  
Se andais por dita perdido,  
Eu vos encaminharei.

**Venadoro**

Senhora, eu não vos pedia  
Que ninguem m'encaminhasse;  
Que o caminho qu'eu queria,  
Se eu agora achasse,  
Mais perdido me acharia.  
Não quero passar daqui;

E não vos pareça espanto  
Qu'em vos vendo me rendi;  
Porque quando me perdi,  
Não cuidei de ganhar tanto.

**Florimena**

Senhor, quem na serra mora  
Tambem entende a verdade  
Dos enganos da cidade:  
Vá-se embora, ou fique embora,  
Qual fôr mais sua vontade.

**Venadoro**

Oh lindissima donzella,  
A quem a ventura ordena  
Que me guie como estrella!  
Quereis-me deixar a pena,  
E levar-me a causa della?  
E ja que vos conjurastes  
Vós e Amor para matar-me,  
Oh não deixeis d'escutar-me!  
Pois a vida me tirastes,  
Não me tireis o queixar-me!  
Qu'eu, em sangue e em nobreza  
O claro Ceo me extremou;  
E a fortuna me dotou  
De grandes bens e riqueza,  
Que sempre a muitos negou.  
Andando caçando aqui,  
Após hum cervo ferido,  
Permittio meu fado assi,  
Que'andando dos meus perdido,  
Me venha perder a mi.  
E porqu'inda mais passasse  
Do que tinha por passar,  
Buscando quem m'ensinasse,  
Por que via me tornasse,  
Acho quem me faz ficar.  
Que vingança permittio  
A fortuna n'hum perdido!  
Oh que tyranno partido,  
Que quem o cervo ferio,  
Vá como cervo ferido!  
Ambos feridos n'hum monte,  
Eu a elle, outrem a mi:

Huma differença ha aqui,  
 Qu'elle vai sarar á fonte,  
 E eu nella me ferí.  
 E pois que tão transformado  
 Me tõe vossa formosura,  
 Hum de nós troque o estado,  
 Ou vós para o povocado,  
 Ou eu para a espessura.

Florimena

Dos arminhos he certeza,  
 Se lhe a cova alguém çujar,  
 Morar fóra, antes d'entrar:  
 D'estimar muito a limpeza  
 Pola vida a vai trocar:  
 Tambem quem na serra mora  
 Tanto estima a honestidade,  
 Que antes toma ser pastora,  
 Que perder a honestidade  
 A tróco de sor Senhora.  
 Se mais quereis, esta fonte  
 Vos descubra o mais de mim:  
 O que ella vio, ella o conte;  
 Porque eu vou-me para o monte,  
 Porque ha ja muito que vim.

SCENA III

Venadoro

Ó linda minha inimiga,  
 Gentil pastora, esperae!  
 Pois que tanto amor me obriga,  
 Consenti-me que vos siga;  
 Vá o corpo onde alma vae.  
 E pois por vós me perdi,  
 E neste estado Amor pôs  
 Os olhos com que vos vi,  
 Pois os deixaste sem mi,  
 Oh não os deixeis sem vós!  
 Porque a Fortuna me disse  
 Que nas serras, onde andais,  
 Em estes extremos fais,  
 Não era bem que vos visse  
 Para não vêr de vós mais.

E pois Amor se quiz ver  
 Da livre vida vingado,  
 Em que eu sohia viver;  
 Faça em mi o que quizer,  
 Que aqui vou ao jugo atado.

SCENA IV

*Dom Lusidardo, o Monteiro e Fi-  
 lodemo*

Lusidardo

Oh Santo Deos verdadeiro,  
 A quem o mundo obedece!  
 Meu filho não apparece.  
 E que me dizeis, Monteiro?

Monteiro

Digo-lhe que m'entristece.  
 Qu'eu corri por esses montes,  
 Bem quinze leguas, on mais,  
 E busquei pelos casais,  
 Por serras, montes e fontes,  
 Sem vêr novas, nem sinaes.  
 Toda a gente que levou,  
 Buscando-o, muito cansada  
 Pelo mato anda espalhada;  
 Mas ainda ninguem tornou,  
 Que soubesse delle nada.

Lusidardo

Oh fortuna nunca igual!  
 Quem me fará sabedor  
 De meu filho e meu amor?  
 Que se he muito grande o mal,  
 Muito môr he o temor.  
 Quem tolhe que não achasse  
 Algum leão temeroso  
 N'algum monte cavernoso,  
 Que sua alma fartasse  
 Em seu corpo tão formoso?  
 Quem ha que saiba, ou que visse,  
 Que das montanhas erguidas  
 Algum monstro não sahisse,

E com seu sangue tingisse  
 As ervas nellas nascidas?  
 Oh filho ! vai-me a lembrar  
 Quantas vezes os mandava.  
 Que deixasseis o caçar!  
 Não cuidei de adivinhar  
 O que Fortuna ordenava.  
 Eu irei, filho, buscar-vos  
 Por esses montes, por hi,  
 Ou a perder-me, ou cobrar-vos ;  
 Que morte que quiz matar-vos,  
 Quero que me mate a mi.  
 Onde fostes fenecido,  
 Seja tambem vosso pae;  
 Ser-me-ha acontecido,  
 Como a virote que vae  
 Buscar outro que he perdido.  
 Vós só haveis de ficar,  
 Filodemo, encarregado  
 Para esta casa guardar;  
 Que do vosso bom cuidado  
 Tudo se póde fiar.  
 Ide-vos a fazer prestes.  
 Mandae cavallos sellar ;  
 Pois achá-lo não pudestes;  
 Ir-m'heis buscar o lugar  
 Onde da vista o perdestes.

## SCENA V

*O Bobo com o vestido de Venadoro,  
 a quem dera o seu.*

*Canta*

Los muchachos del Obispo  
 No comen cosa mimosa,  
 Ni zanca d'araña, ni cosa mimosa,

*Falla*

De su sayo colorado  
 Tan lozano me vestió,  
 Que yo ya no soy yo,  
 Ya por otro estoy trocado ;  
 Que este sayo me trocó.

Oh qué asno Portugues,  
 Que loco por Florimena,  
 Deseó zamarra agena,  
 Y dame por enterés  
 Una zamarra tan buena !  
 Como yo vi la bobilla  
 Andar com él en questiones,  
 Y parársele amarilla,  
 Díjele: Florimenilla,  
 Andais en dongolondrones ?  
 El me dijo : Matalote,  
 No tengais dello desmayo.  
 Y en esto, como un rayo,  
 Tomóme mi capirote,  
 Y dióme su capisayo.  
 Capirote, en buena fé,  
 Si vos, quando em mi entrastes,  
 Capisayo vos tornastes,  
 Que yo por eso cantaré,  
 Pues ansi me mejorastes.

*Canta*

Lyrio, lyrio, lyrio loco,  
 Con qué ? Con capiroxada.  
 Por hablar con la golosa  
 De amores, mirad la cosa !  
 Zamarilla tan hermosa,  
 Que me ha dado tan honrada,  
 Con qué ? Con capiroxada.

*Falla*

Yo entonces respondi :  
 Señor, dame pan y queso,  
 Mas despues que lo entendi,  
 Dije á ella : Dale un beso,  
 Que él me dió zamarra á mi.  
 Ahora me mirarán  
 Cuantos á la iglesia fueren ;  
 Y aquellos que no me quieren,  
 Ahora me rogarán.  
 Sabeis porque no querré ?  
 Porque estou ahidalgado ;  
 Y quando fuere rogado,

Cantando responderé,  
Que ya estoy otro tornado.

*Canta e baila*

Soropicote, picote, mozas,  
Ahora quiero amores con vosotras.

### SCENA VI

*O Pastor e o Bobo*

Pastor

Hijo Alonsillo.

Bobo

Hijo Alonsillo

Pastor

No me quieres escuchar ?

Bobo

Pues déjame suspirar.

Pastor

Escúchame ahora, asnillo,  
Lo que te quiero mandar.  
Véte al valle de las rosas,  
Y di á Anton del Lugar  
Que si puede acá llegar,  
Porque tengo muchas cosas  
Que importan para le hablar.  
Porque es aqui llegado  
A' este valle un hombre honrado,  
Mancebo de casta buena,  
Que amores de Florimena  
Le traen loco y penado.  
Dice que quiere casar  
Con ella, que su tormento  
No le deja reposar ;  
Y que venga festejar  
Tan dichoso casamiento.

Bobo

Dicid, padre, tambien vos,  
No quereis casar conmigo ?  
Casemos ambos adós.

Pastor

Vé, y haz lo que te digo.

Bobo

Responde, padre, por Dios.

Pastor

Vé luego, y vuelve apresado.  
Anda. No quieres andar ?

Bobo

Pues que me habeis empujado,  
Juro á mi de desandar  
Todo cuanto tengo andado.

Pastor

Trabajoso es este insano !  
Nunca hace lo que quereis.

Bobo

Ora no os apasioneis,  
Mi padrecico lozano :  
Que burlaba, no lo veis ?

Pastor

Véte dahi.

Bobo

Héme aqui.

Pastor

Vé donde te dije.

Bobo

Ya vengo.

Oh que padrasto que tengo,  
Que asi me manda por ahi,  
Siendo camino tan luengo !

## ACTO. IV

## SCENA I.

*Dionysa e Solina.***Dionysa**

Oh Solina, minha amiga,  
 Que todo este coração  
 Tenho posto em vossa mão ;  
 Amor me manda que diga,  
 Vergonha me diz que não.  
 Que farei ?  
 Como me descobrirei ?  
 Porque a tamanho tormento  
 Mais remedio lhe não sei,  
 Que entregá lo ao soffrimento.  
 Meu pae muito entristecido  
 Se vai pela serra erguida,  
 Já da vida aborrecido,  
 Buscando o filho perdido,  
 Tendo a filha cá perdida !  
 Sem cuidar,  
 Foi a casa encommendar  
 A quem destruir lha quer :  
 Olhae que gentil saber,  
 Que vai comigo deixar  
 Quem me não deixa viver.

**Solina**

Senhora, em tanto desgosto  
 Não posso meter a mão ;  
 Mas como diz o rifão,  
 Mais val vergonha no rosto,  
 Que mágoa no coração.  
 E bofé, se eu tanto amasse,  
 E visse tempo e sazão,  
 Sem seu pae, sem seu irmão,  
 Que a nuvem triste tirasse  
 De cima do coração.

**Dionysa**

Ah mana ! que tenho medo,  
 Que s'en em tal consentisse  
 Que logo o mundo o sentisse,  
 Porque nunca houve segredo,  
 Que, enfim, se não descobrisse.

**Solina**

Se eu tantas dobras tivesse  
 Como quantas houve erradas,  
 Sem que o mundo o soubesse,  
 A' fé qu'en enriquecesse,  
 E fosse das mais houradas.

**Dionysa**

Sabeis que tenho em vontade ?

**Solina**

Que podeis, Senhora, ter ?

**Dionysa**

Fallar-lhe, só para ver  
 Se he por ventura verdade  
 O que dizeis que me quer.

**Solina**

Bofé, mana, dizeis bem,  
 E eu o mandarei chamar,  
 Como para lhe rogar  
 Que hum annel, que lá me tem,  
 Que mo mande concertar.

**Dionysa**

Dizeis mui bem.

**Solina**

Vou-me lá

Chamar o seu moço á sala ;  
 E s'este parvo vem cá,  
 Com elle hum pouco rirá,

Que sempre amores me fala.  
Vilardo, moço?

SCENA II

*Vilardo e Solina*

Vilardo

Quem chama?

Solina

Vem cá, moço; eu te chamo.  
Qu'he de teu amo?

Vilardo

Ah que dama!

Perguntais-me por meu amo,  
E não por hum que vos ama?

Solina

E quem he esse amator,  
Que quer ter comigo passo?  
Será elle algum madrasso?

Vilardo

Eu sou o mesmo, que o amor  
Me quebra pelo espinhasso.  
E trais vós sabeis de mi,  
Se eu a dizê-lo me atrevo,  
Que desque esses olhos vi,  
Que vo ni como, ni bebo,  
Ni haço vida sin ti.  
E mais para namorado  
Não sou ora tão madraço.

Solina

Sois muito desmazelado.

Vilardo

Mas antes, de delicado  
Caio pedaço a pedaço.  
E mais eu soffrer não posso  
Que me façais tanto fero,  
Qu'estou ja posto no osso,

Porque sou vosso e reosso,  
Por vida de quanto quero.

Solina

Feros está cheia a rua.  
Ora estou bem aviada!

Vilardo

Cupido, por vida tua,  
Que a não faças tão crua,  
Pois que te não faço nada!  
Amor, Amor, mas te pido, ¶  
Que quando se fôr deitar,  
Que le digas al oido:  
Devieis-vos de lembrar  
Neste tempo de hum perdido.

Solina

E tu ja fazes coprinhas?  
Ainda tu trovarás?

Vilardo

Quem eu? Por estas barbinhas,  
Que se vós virdes as minhas,  
Que digais que não são más.

Solina

Ora, pois me quereis bem,  
Dizei-me huma.

Vilardo

Ei-la aqui;  
E veja o saibo que tem;  
Porque esta trovinha assi,  
Saiba qu'he trova do assem.

*Trova*

Passarinhos, que voais  
Nesta manhãa tão serena,  
Sabei que só minha pena  
Póde encher mil cabeçais.

Solina

O rifão está salgado.



Essa pena te dou eu ?

Vilardo

Vós e Amor, que de malvado,  
Me tõe melhor empennado,  
Que nenhum virote sen.  
Pois se me ouvireis cantar !

Solina

E tu és tambem cantor ?

Vilardo

Canto melhor que hum açor.  
Quereis que vos venha dar  
Musiqueta de primor,  
E que vos mande tanger  
Muito melhor que ninguem ?

Solina

Ja isso quizera ver.

Vilardo

Querer-me-heis, se o eu fizer,  
Algum pedaço de bem ?

Solina

Querer-te-hei trinta pedaços.

Vilardo

E esse querer dará fruito,  
Que me tire destes laços ?

Solina

E que fruito ?

Vilardo

Dous abraços.

Solina

Esse fruito custa muito.

Vilardo

Esse he o amor qu'cim vós ha ?  
Pezar de minha inãe torta !

Solina

Ora hi, chamae logo lá  
Vosso amo que venha cá,  
Porque he cousa que importa.

Vilardo

Logo ?

Solina

Logo nessas horas.

Vilardo

Não estarei aqui mais ?

Solina

Não. Ainda ahi estais ?  
Vós haveis mister esporas.

Vilardo

Irei, porque me mandais.

### SCENA III.

*O Pastor, e Venadoro com elle, feito Pastor.*

Pastor

Mas de un mez es ya pasado  
Que en esta sierra andais ;  
Y es caso mal mirado  
Que andeis guardando ganado  
Por una que tanto amais.  
Y si os determinais  
En querer casar con ella,  
Juro á mí que nada errais ;  
Y si eso es para habella,  
En vano cabras guardais.  
Ya me distes vuestra fé  
(Sábenlo estas tierras todas) :  
Yo con ella me engañé,  
Que luego mandar llamé  
Quien festejase las bodas.  
Y agora diceis con pena,  
Que es dura cosa casar :

Pues volveos nora buena,  
Que no habeis de enganar  
Con palabras Florimena.

Venadoro

Que se ha de ter coração  
Para tamanho temor?  
Que em mim pegando estão,  
De huma parte a razão,  
E d'outra parte o Amor.  
Tambem vejo que perdella  
Será minha perdição;  
Que bem me diz a afeição,  
Que pouco faço por ella.  
Pois não desfaço em quem são.

Pastor

Digoos, si por bajeza  
Dicis que no os conviene,  
Daros hé uma certeza,  
Que en angre y en nobleza,  
Tanto como vos la tiene.

Venadoro

Pastor, digo que daqui  
Farei tudo que quizerdes ;  
E se mais quereis de mi,  
Digo que vos dou o si  
Para tudo o que quizerdes.

Pastor

Dios os dé su bendicion ;  
Y pues que casais con ella,  
Yo os afirmo en conclusion,  
Que aun de vos y mas della  
Verná gran generacion.  
Yo me voy por ella, hijo,  
Tomadla así mal compuesta ;  
Verná quien haga la fiesta ;  
Que en placer y regocijo  
Nos festeje esta floresta.

SCENA IV.

Venadoro só

Ó ribeiras tão formosas,  
Valles, campos pastoris,  
Porque vos não revestis  
De novas flôres e rosas,  
Se minha gloria sentis?  
Porque não seccais, abrolhos?  
E vós, água, que regando,  
Os olhos his alegrando,  
Correi, que tambem meus olhos  
D'alegres estão manando.  
Ah pastora, em quem espero  
Poder viver descansado!  
Contigo guardarei gado,  
Que ja eu sem ti não quero  
Nenhuma alteza d'estado.  
Diga o que quizer a gente,  
Tudo terei n'huma palha,  
Porque está claro e evidente  
Que não ha honra que valha  
Contra a vida descontente.

SCENA V.

*Tres Pastores bailando, e cantando  
de terreiro, aiantes do Pastor, que  
traz Florimena.*

Pastor

Pues el amor os obliga  
A' que hagais tan buena liga,  
Tomando á Dios por testigo,  
Daqui os la entrego, amigo,  
Por muger y por amiga.

Venadoro

Consentis nisto, Senhora?

Florimena

Senhor, em tudo consento.

Venadoro

Oh grande contentamento !

Florimena

Saiba que nunca tégora  
Lhe houve inveja ao tormento.

Pastor

Así lo dices, bobilla ?  
Oh ! mala dolor os duela !  
Pero no es maravilla  
Quien consiente así la silla,  
Consienta tambien la espuela.

### SCENA VI

*Tornão a bailar e cantar, e acabado, entra D. Lusidardo, e o Monteiro, que andão em busca de Venadoro.*

Lusidardo

Tres dias ha ja que ando  
Por esta larga espessura  
A Venadoro buscando ;  
E o que delle vou achando  
He como quer a Ventura.

Monteiro

Senhor, cuido que lá vejo  
Huns lavradores cantar.

Lusidardo

Hi diante perguntar.

Monteiro

Cumprido he seu desejo,  
Se a vista não m'enganar.

Lusidardo

Como assi ?

Monteiro

Elle não vê

Aquelle pastor loução  
Com huma moça pela mão ?  
Se Venadoro não he,  
Nem eu o Monteiro são.

Pastor

Quien veo allá asomar,  
Que se viene á nuestras bodas ?

Bobo

No los dejemos llegar,  
Que nos vernan á roubar,  
Juro á mi, las migas todas.

Lusidardo

Oh Venadoro, meu filho !  
És tu este ?

Venadoro

Tal estou,  
Que cuido que este não sou.

Lusidardo

Certo que me maravilho  
De quem tanto te mudou.  
Como estais assi mudado  
No rosto e mais no vestido !

Venadoro

Ando ja n'outro trocado,  
Tanto, que fiquei pasmado  
De como fui conhecido.  
E se Vossa Mercê vem  
Para me levar d'aqui,  
Mais ha de levar que a mi ;  
E ha de ser quem me tem  
Todo transformado em si.

Bobo

Eso porque lo entendeis ?  
Por las migas por ventura ?  
Voto á tal no llevareis :  
Por mas y por mas que andeis  
No hareis tal travesura.

**Venadoro**

Esta formosa donzella  
 Em mi teve tal poder,  
 Que folguei de me perder ;  
 Pois, emfim, vim achar nella  
 O que não cuidei de ser.  
 Tanto em mi pôde este amor,  
 Que a tenho recebida ;  
 E se o êrro grave for,  
 Aquí quero ser pastor :  
 Deixe-me ter esta vida.

**Lusidardo**

He certo tal casamento ?

**Venadoro**

Tenha-o por cousa segura.

**Lusidardo**

Oh grande acontecimento !  
 D'est'arte sabe a ventura  
 Aguar hum contentamento !

**Pastor**

Oigame, Señor, á mi,  
 Como hombre sabio, discreto,  
 Porque acaeció así,  
 Y lo que supo hasta aqui  
 Lo puede tener por cierto.  
 Muchos años son corridos  
 Que en esta fuente abierta,  
 En estos valles floridos  
 Hallé dos niños nascidos,  
 Y á su madre casi muerta.  
 Los niños chicos crié,  
 (Y desto cierto me arreo)  
 Y á la madre sepulté ;

Y despues un gran desco  
 De saber esto tomé.  
 Como yo fuese enseñado  
 De chico á la mágica arte  
 Por mi padre, que es finado ;  
 Muy conosciado y nombrado  
 Soy por tal en toda parte.  
 Yo con yervas de la sierra,  
 Animales y otras cosas  
 Haré, si el arte no se yerra,  
 Que descíendan á la tierra  
 Las estrellas luminosas.  
 Soy, en fin, certificado  
 Que la madre de los dos  
 Fué Princeza de alto estado,  
 Y por um caso nombrado  
 La traje á esta tierra Dios.  
 El macho, como creció,  
 Deseoso de otro bien,  
 A' la Corte se partió :  
 La hembra es esta por quien  
 Vuestro hijo se perdió.  
 Y si mas quiere, Señor,  
 De mi arte, prestamente  
 Dello le haré sabedor ;  
 Mas ha de ser de tenor  
 Que no lo sepa la gente.

**Lusidardo**

Mas vamos-nos, se quereis,  
 Que não soffro dilação,  
 A minha casa, e então  
 Lá disso me informareis,  
 Que caso he de admiração.  
 E vós, filho, não cuideis  
 Que a gloria de vos achar  
 Não he tanto d'estimar,  
 Qu'em qualquer 'tado que esteis,  
 Não folgue de vos levar.

## ACTO V

## SCENA I

*Solina, Dionysa e Filodemo*

*Solina*

Eis Filodemo lá vem :  
Asinha acudio ao leme.

*Dionysa*

Isso he de quem quer bem ;  
Mas não sei se o vio alguem,  
Porque quem espera teme.  
Agora me quizera eu  
Daqui cem mil leguas ver.

*Filodemo*

Folgára eu assi de ser,  
Porqu'este cuidado meu  
Fôra mais de agradecer.  
Que quando por accidente  
A Fortuna desastrada  
Vos apartasse da gente  
N'um deserto, onde sómente  
Das feras fosseis guardada ;  
Lá por ferro, fogo e ágoa  
Buscar minha morte iria ;  
A voz ronca, a lingua fria,  
Tamanho mal, tanta mágoa  
As montanhas contaria.  
Lá, mui contente e ufano  
De mostrar amor tão puro,  
Poderia ser que o çano,  
Que não move hum peito humano,  
Que movesse hum monte duro.

*Dionysa*

Nesse deserto apartado  
De toda a conversação

Merecieis degradado  
Por justiça, com pregão  
Que dissesse : *Por ousado.*  
E eu tambem merecia  
Metida a grave tormento,  
Pois que, como não devia,  
Vim a dar consentimento  
A tão sobeja ousadia.

*Filodemo*

Senhora, se me atrevi,  
Fiz tudo o que Amor ordena ;  
E se pouco mereci,  
Tudo o que perco por mi,  
Mereço por minha pena.  
E se Amor pôde vencer,  
Levando de mi a palma,  
Eu não llo pude tolher ;  
Que os homens não tõe poder  
Sobre os affectos da alma.  
E ainda que pudera  
Resistir contra o mal meu,  
Saiba que o não fizera ;  
Que pouco valéra eu,  
Se contra vós me valéra.  
Não deve logo ter culpa  
Quem se venceo d'arnas tais :  
Assi que n'isto, e no mais,  
Tomo por minha desculpa  
Vós mesma que me culpais.  
E se este atrevimento  
Com tudo fôr de culpar,  
Acabae de me matar ;  
Que aqui tenho hum soffrimento  
Que tudo pôde passar.  
E se esta penitencia,  
Que faço em me perder,  
Algum bem vos merecer,  
Fique em vossa consciencia  
O que me podeis dever.  
Que dizeis a isto, Senhora ?

Dionysa

Eu, que vos posso dizer?  
 Já não tenho em mi poder,  
 Segundo me sinto agora,  
 Para poder responder.  
 Respondei-lhe vós, Solina,  
 Pois que a vós me entreguei.

Solina

Bofé não responderei:  
 Veja ella o que determina.

Dionysa

Não o vejo, nem o sei.

Solina

Pois eu tambem não sei nada.

Dionysa

Porque?

Solina

Do que eu fizer,  
 Se depois se arrepender,  
 Dirá qu'eu fui a culpada.

Dionysa

Eu só quero a culpa ter.

Solina

Senhora, por não errar,  
 Não quero que fique em mim.  
 Esta noite no jardim  
 Ambos podem praticar  
 Como isto venha a bom fim.  
 Lá poderão ajustar  
 Entr'ambos o parecer;  
 Qu'eu não m'hei nisso de achar,  
 Que não quero temperar  
 O que outrem ha de comer.

Dionysa

Vós vêdes a torvação,  
 Que lá nessa casa vae?

Dolina

Dá-me cá no coração  
 Que he vindo o Senhor seu pae  
 Com o Senhor seu irmão.

Dionysa

Filodemo, hi-vos embora,  
 Fallae depois com Solina.

Solina

Vamos-nos tambem, Senhora,  
 Receber seu pae lá fóra;  
 Não venha sentir a mina.

## SCENA II

*Vilardo o Doloroso, que vem dar hum descante a Solina com os Musicos*

Vilardo

Assi que te contava, Doloroso, destas em que sempre andão rugindo as sedas.

Doloroso

Avante, que bem sei que o não dizeis polas sedas de Veneza.

Vilardo

Ja sabeis que esta nossa Solina he tão Celestina, que não ha quem a traga a nós.

## Doloroso

Logo parece moça brigosa, que por dá cá aquellas palhas, dará e tomará quatro espaldeiradas; e ao outro dia quem ha de cuidar que huma mulher de sua arte ha de querer bem a hum parvo como a ti? porque estas taes são como homens sisudos; se de noite se achão em algum arruido, onde possão fugir sem serem conhecidos, facilmente o faseim; e ao outro dia quem ha de cuidar que hum tão honrado havia de fugir? Outros dizem: bem pode ser, porque noite escura he capa de judeus e de envergonhados.

## Vilardo

Mui gentil comparação he está. Mas assi que te dizia, o outro dia assi zombando lhe prometti de lhe dar huma musica, e ja chamci outros dous meus amigos, que logo hão de vir aqui ter connosco.

## Doloroso

Que tal he a musica que determinas de lhe dar? Não seja de siso; porque será a maior parvoice do mundo, porque não concerta com a parvoice que tu finges.

## Vilardo

A musica não he senão das nossas; mas faço-te queixume, que nem com hum cão de busca pude achar umas nesperas por toda esta terra.

## Doloroso

Nem as acharás senão alugadas; mas eu não sou de opinião que teus amores te custem dinheiro. Ora ja lá apparecem os outros companheiros, e eu tambem ajudarei de telhinha ou de assovio; e vem-me isto á popa, por que daqui iremos á porta da minha padeirinha, porque ando com ella n'hum certo requerimento.

## Vilardo

Vossas Mercês vem ao proprio; boa seja a vinda. As guitarras vem temperadas?

## Doloroso

Tudo vem como cumpre: mandae vigiar a justiça entretanto.

## Vilardo

Ora sus: fazei fazei como se temperasseis cabeçs de pescada com seu figado e bucho, e canada e meia, que nunca meu pae fez tamanho gasto na sua Missa nova.

*Neste passo se dá a musica com todos quatro, hum tange guitarra, outro pentem, outro telhinha, outro canta cantigas muito velhas, e no melhor diz Vilardo:*

Estae assi quedos, que eu sinto quem quer que he.

### Doloroso

Justiça, pelo corpo de tal! Ora sus: aqui não ha outro valhaconto que nos valha que pôr os pés ao caminho, e mostrar-lhe as ferraduras.

### SCENA III

#### Monteiro só

Como he gracioso este mundo, e como he galante! E quão gracioso seria quem o pudesse ver de palanque com carta d'alforria ao pescoço, porque não podessem entender n'elle Meirinhos, Almotacés da limpeza, trabalhos, esperanças, temores, com toda a outra cabedella de enfadamentos! Ora notae bem de quantas cores teceo a Fortuna esta manta d'Alentejo: perdeu-se Venadero na caça, eis a casa toda envolta como rio: o pae enfadado, a irmã triste, a gente desgostosa; tudo, enfim, fóra do couce; e o galante aposentado nos matos com trajos mudados como camaleão, decepado dos pés e das mãos, por huma serranica d'Alentejo; e veio acaso a sahir de maneira fóra da madre, que a recebeu por mulher; e rapa oleo e chrisma de quem he, e renega todas as lembranças de seu pae; pois tanto tomou ao pé da letra o que Deus disse: *Por esta deixarás teu pae e mãe*. E attentae isto por me fazer mercê: cuidareis que este caso era *solus peregrinus*: sabei que os não dá a fortuna senão aos pares, como quedas. Dionysa mais mimosa e mais guardada de seu pae que bicho de seda, moça sem fel como pombinha, que nos annos não tinha feito ainda o enequim: mais formosa que huma manhã de S. João, mais mansa que o rio Tejo, mais branda que hum soneto de Garcilasso, mais delicada que hum pucariño de Natal; enfim, que por meia hora de sua conversação se poderá soffrer huma pipa com cobra e gallo e doninha, como a parricida, com tanto que dissesse o pregão o porque; porque vos não ficis em castanhas (não sei se diga, se o cale, que de magoado me trava pola manga a falla da garganta; mas, com tudo, não ha quem se tenha) seu pae a achou esta noite no jardim com Filodemo, mais arrependida do tempo que perdêra, que do que alli perdia: eu, coitado de mi, que meta os dentes nos cabeças se desejar ave de penna.



## SCENA IV

*Duriano e o Monteiro**Duriano, como cantando*

Ti ri ri, ti ri rão.

**Monteiro**

Que he isso, Senhor Duriano? Que descuidos são esses? Onde he cá a ida agora?

**Duriano**

Vou assi como parvo, porque o melhor he não saber homem nada de si.

**Monteiro**

Que dizeis a vosso amigo Filodemo, que assi se soube aproveitar do tempo que ficou só em casa?

**Duriano**

Eu que hei de dizer? Digo que descreio desta minha capa, se não he isso caso para sahir com elle a desafio.

**Monteiro**

Porque?

**Duriano**

Porque não basta que lhe dê a Fortuna gostos tão medidos sobre o funil, que lhe põe nos braços Dionysa, a mais formosa dama que nunca espalhou cabellos ao vento, senão ainda para o assegurar em sua boa ventura, lhe vem a descobrir, que he filho de não sei quem, nem quem não.

**Monteiro**

Esses são outros quinhentos. Cujo filho dizem que he? que eu ouvi já sobre isso não sei que fábulas.

**Duriano**

Dir-vo-lo-hei; pasmareis, que não he menos que Principe, e peor ainda. Nunca ouvistes dizer de hum irmão do Senhor Dom Lusidardo que aggravado del Rei, se foi para os Reinos de Dinamarca?

**Monteiro**

Tudo isso ouvi já.

## Duriano

Pois esse galante, em satisfação de muitas mercês que ElRei de Dinamarca lhe fizera, meteo-se d'amores com huma sua filha, a mais moça; e como era bom justador, manso, discreto, galante, partes que a qualquer mulher abalão, desejou ella de vêr geração d'elle; senão quando, livre-nos Deos! se lhe começou d'encurtar o vestido; e porque estes sirgos não se desistem em nove dias, senão em nove mezes, foi-lhe a elle então necessario acolher-se com ella, porque não colhessem a ella com elle: acolheu-se em huma galé; e vêde la Princeza em huma galera nueva, con el marinero á ser marinera. Finalmente, vindo navegando todo esse Oceano Germanico, bancos de Frandes, mar d'Inglaterra, e trazidos á costa d'Hespanha, não os quiz a Ventura deixar gozar do repouzo que nella buscavão: deo-lhe subitamente tamanha tormenta que sem remedio deo a galé á costa, onde feita pedaços, morrerão todos desastradamente, sem escapar mais que a Princeza com o que trazia na barriga, a quem parece que a Fortuna guardava para dar o descanso, que a seu pae e mãe negára. Sahio finalmente a moça na praia, tal qual o temeroso naufragio deixaria huma Princeza mais delicada que hum arminho; e indo assi a pobre mulher pola terra estranha e despovoada, e sem quem a encaminhasse por onde, depois de ter perdido toda a esperanza de ter algum remedio, derão-lhe as dôres de parto junto de huma fonte, aonde em breve espaço lançou duas crianças, macho e femia, como vizagras. E como a fraca compreição da delicada mulher não pudesse sustentar tantos e tão desacostumados trabalhos, facilmente deo a vida, que tanto havia que desejava de dar, deixando vivos aquelles dous retratos della e de seu pae, que por causa de seus nascimentos a vida lhe tirarão, como acontece a viboras. E como as crianças fossem destinadas ao que vêdes, não faltou hum pastor que as criasse, que alli veio ter, dando a mãe a alma a Deos: de maneira que, por não gastar mais palavras, o macho he vosso amigo Filodemo, e a femia he a serrana Florimena, mulher que he ja de Venadero.

## Monteiro

Estranhas cousas me contaes. Assi que logo de seu pae herdou Filodemo namorar a filha do Senhor que serve: não haverá logo por mal o Senhor Dom Lusidardo tomar por genro e nora, quem aeha por sobrinhos.

## Duriano

Sabei que chora de prazer com elles, que ja diz que acha que Filodemo se parece natural com seu irmão, e Florimena com sua mãe.

## Monteiro

Dac-me a entender, como se creio tão de ligeiro o Senhor Dom Lusidardo de quem isso contou.

## Duriano

No caso não ha dúvida, porque o pastor que hi achastes, lhe certificou todo o caso ; e fez ao pastor muitas mercês, e mandou fazer muitas festas solemnes. Venadoro, casado com sua mulher e prima, e Filodemo, que o mesmo parentesco tõe com a Senhora Dionysa, estão fóra de crêr tamanho contentamento ; cuidoo que zombão delle.

## Monteiro

Ora deixa-me ir a vêr o rosto a esse velhaco de Filodemo ; pois de meu matalote se me tornou Senhor. Creio que vem o Senhor Dom Lusidardo : dissimulemos.

## SCENA V

*Dom Lusidardo com Venadoro, que traz Florimena pela mão, e Filodemo a Dionysa.*

## Lusidardo

Quem não ficará pasmado  
De vêr que por tal caminho  
Tõe a Ventura ordenado  
Filodemo, meu criado,  
Vir ser meu genro e sobrinho !  
Quem não pasmará agora  
De vêr a ventura minha,  
Que tõe tornado n'hum'hora  
Florimena, huma pastora,  
Ser minha nora e sobrinha !  
Dem-se graças ao Senhor,  
Cujo segredo he profundo ;  
Pois que vêmos que quiz dar  
A ventura e o amor  
Por prazeres deste mundo.

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 12 03 04 01 027 6

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

H&SS  
A  
6244